

MILITIA

ANO IX — N.º 58

JULHO/AGOSTO - 1955



SUMÁRIO

NOSSA CAPA	90
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
EUCLIDES DA CUNHA e os primeiros estudos sobre uma Colônia Penal	6
Pequenos Temas Policiais — Laudelino de Abreu	20
Justo Agradecimento — Cap. Plínio Desbrousses Monteiro	23
Noções de Motomecanização — Major Romeu de Carvalho Pereira	24
Caxias — O Pacificador e Unificador do Império Brasileiro — Ten. Teodoro Cabetti	30
Nada... — Luís Vitor	35
Uma Volante em Marcha — Cap. Edson Franklin de Queiroz	36
Os Cães de Quartel e os "Meganhas" — Ten. Sérgio Vilela Monteiro	38
OTO, o Belicoso — J Mesquita	40
Hipismo — Cap. Felix de Barros Morgado	42
Secção Feminina — Rita de Cássia	44
NOTICIÁRIO	
Justa Homenagem	51
Visitas Honrosas	52
Visita Amiga	54
O Que São e o Que Fazem os Escoteiros	55
Homenagem aos Que Tombaram, em 1932, Por S. Paulo e Pelo Brasil	58
No Estoril — A Festa de São Pedro	61
Ainda o 146.º Aniversário da Milícia Carioca	62
Comunicado da A.A.M.O.F.P.	76
Caixa Beneficente	77
NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS	
Bahia	63
Ceará	66
Distrito Federal	69
Goiás — Maranhão — Minas Gerais	70
Piauí	72
Pernambuco	73
Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul	75
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
Campeonato de Desportos Coletivos da Força Pública	82
Temperada Campineira de 1955	86
RECREAÇÃO	
Secção de Edipo	88

Aperfeiçoando

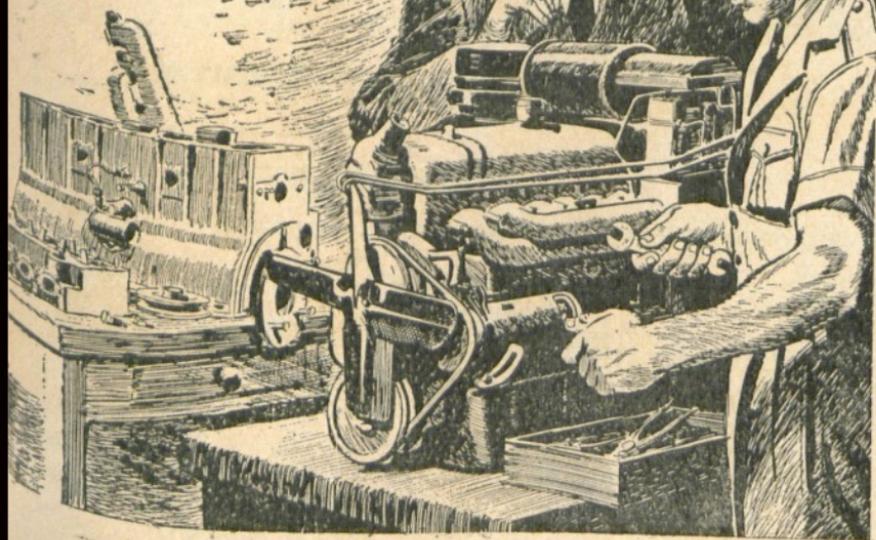
mecânicos brasileiros...

HÁ 30 ANOS!

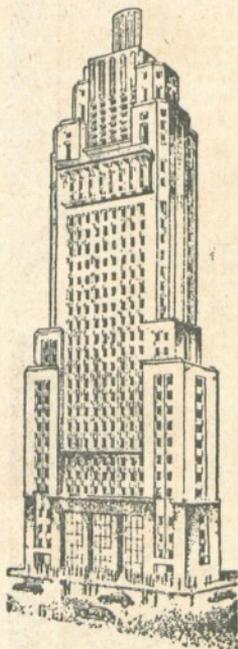
Desde sua instalação em nosso país — há 30 anos portanto — uma das primeiras preocupações da General Motors foi a de constituir uma Escola de Mecânicos de automóveis, visando criar a indispensável mão-de-obra especializada para atender ao surto impressionante dos transportes motorizados em nossa terra. Essas mesmas facilidades foram desde logo estendidas também às nossas forças armadas, que permanentemente vêm formando especialistas nesses cursos da General Motors do Brasil. A Escola de Mecânicos continua em pleno funcionamento e isto é apenas um aspecto da ampla participação da General Motors na vida nacional — e de seu desejo constante de colaborar com o público e com as autoridades — nos mais diversos setores.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.

SÃO CAETANO DO SUL - SÃO PAULO



Banco do Estado de S. Paulo S. A.



oferece aos dignos membros das nossas gloriosas forças policiais e militares brasileiras um

SERVIÇO BANCÁRIO

RÁPIDO

EFICIENTE

SEGURO.

O nosso

DEPARTAMENTO DE DEPÓSITOS,

possuidor de perfeita organização, e dotado das mais modernas máquinas existentes, está habilitado a

RECEBER DEPÓSITOS

ou

PAGAR CHEQUES

dentro de poucos minutos e sem a menor espera !

M A T R I Z :

PRAÇA ANTONIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO

CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

72 agências no interior do Estado de São Paulo, bem como nas cidades de: Rio de Janeiro (D. F.), Goiânia (Goiás), Campo Grande (Mato Grosso) e Uberlândia (Minas Gerais).

Muito se tem cogitado na instituição, em São Paulo, de uma Polícia Municipal. Tentativas várias já foram feitas, nesse sentido, pela Câmara dos Vereadores, embora nada de positivo, felizmente, se tenha processado até o momento.

Há a citar a campanha séria que se desenvolveu na Câmara Municipal em 1948 quando, por pouco, não se concretizou o grande desejo de alguns edis paulistanos. De lá para cá — e frize-se o ano de 1951 — movimentos menos felizes foram esboçados até que, nestes dias, algo de mais inquietante se nos apresenta. É que o Legislativo Municipal volta a pleitear a criação de um Departamento de Polícia e Trânsito, estando mesmo, o projeto de lei respectivo, tramitando pelas Comissões da nossa Câmara.

Sinceramente, ainda não atinamos com os motivos preponderantes que vêm inspirando aos nossos legisladores a campanha que, mais uma vez, volta à baila. Antes, sentimos a impropriedade da medida porque, em verdade, não vemos como possa solucionar o problema do policiamento e, muito menos, satisfazer aos interesses coletivos de toda ordem — financeiros, administrativos, etc.

Não cogitemos — por nos faltar competência — dos fundamentos jurídicos da questão, em que pese os pronunciamentos de órgãos competentes do Estado, totalmente contrários à medida preconizada. Não discutamos, até, a Lei Estadual n.º 2.753, de 14 de outubro de 1954, relativa ao serviço de trânsito, nem tampouco a Lei Federal n.º 192, de 1936, e os artigos 5.º XV, letra "f", e 183.º da Constituição Federal.

Interessa-nos, por certo, o fato de se pretender criar mais uma "polícia" em São Paulo para, sem dúvida, mais agravar a crise de policiamento e, também, mais onerar os cofres públicos.

Ora, o nosso pensamento a respeito já está firmado de há muito. Somos, decididamente, pela unificação de todos os organismos policiais existentes no Estado — já tão numerosos — medida primeira a ser tomada quando se pretende reorganizar, para melhor, a polícia paulista. Esta, sim, a preocupação que deveria dominar, nos instantes difíceis por que atravessamos, o espírito público dos nossos legisladores. Nunca, porém, aqueles que têm sobre os ombros a responsabilidade de conduzir São Paulo aos seus maiores destinos, deveria causar maiores cuidados a criação de mais um organismo policial, frágil, sem objetivos mais precisos, e que só nos poderá trazer, não há duvidar, maior confusão ao exercício da dignificante missão de bem assegurar, em nosso Estado, a ordem de que prescindimos.

EUCLIDES DA CUNHA e os primeiros estudos sôbre uma Colônia Penal

O problema de localização de uma Colônia Penal em ilha do litoral paulista já era estudado, com carinho, desde os primeiros anos d'êste século, pelo então Chefe de Polícia de São Paulo, dr. José Cardoso de Almeida.

Assim é que, rebuscando velhos relatórios da Polícia de nosso Estado, encontramos, no do ano de 1903, pormenorizado estudo da questão de localização de uma Colônia Penal, feito pelo grande escritor brasileiro EUCLIDES DA CUNHA, quando exercia as funções de Engenheiro-chefe do 2.º Distrito da Superintendência de Obras Públicas da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo.

Conforme se verifica nas «Considerações Preliminares», o notável estilista de nossa língua, a pedido verbal do mencionado Chefe de Polícia, embora diga ter feito «reconhecimento ligeiro nas ilhas dos Búzios e da Vitória», elaborou considerações precisas que determinaram a natureza do solo, condições climatéricas, fauna, flora, os povoamentos e o caráter da propriedade nas referidas ilhas, concluindo pela impropriedade relativa da ilha dos Búzios, e total da ilha da Vitória, para o estabelecimento da Colônia Penal planejada.

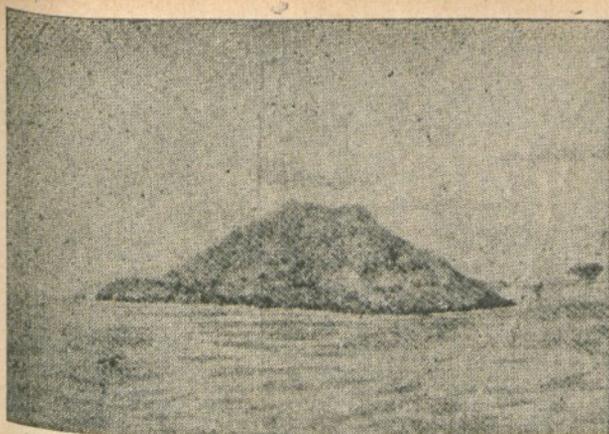
Trata-se de um trabalho digno de seu autor, pois do cérebro privilegiado que produziu «Os Sertões» jamais se esperaria algo que o desmerecesse.

A pujança da frase euclideana mais uma vez deleitará nossos prezados leitores e, por certo, apresentará conhecimentos valiosos de assunto muito interessante.

Considerações Preliminares

Esta notícia, resultado imediato de um reconhecimento ligeiro nas ilhas dos Búzios e da Vitória, indica-lhes os caracteres essenciais visando principalmente os que permitem, numa delas, a localização de uma colônia penal.

De acôrdo com as instruções verbais que me foram dadas pelo dr. Cardoso de Almeida, chefe de polícia do Estado de São Paulo, examinei-as sobretudo quanto aos vários aspectos físicos preponderantes, limitando-me quanto aos topográficos às operações expeditas capazes



Ponta do Lenço —
Ilha da Vitória —
Ilha Samítica

de fornecer elementos aceitáveis para uma apreciação aproximada dos diversos contornos, relevos predominantes e dimensões principais.

Dêste modo, as plantas existentes são apenas um esboço, sem a fixidez de linhas e a segurança matemática de um trabalho planimétrico modelado pelos processos normais. Como adiante demonstrarei, ainda quando, ultrapassando aquelas instruções, eu tentasse um levantamento regular, êste só seria exequível num espaço de tempo sobremaneira longo, implicando a presteza essencial dos reconhecimentos.

Assim, me limitei, quanto às posições geográficas daquelas ilhas, e conformação particular, a utilizar-me dos dados que se me antolharam sem grande dispêndio de tempo. Adotei para as primeiras as coordenadas averbadas nas cartas existentes, porque as ligeiras discrepâncias de alguns segundos, que acaso existam, certo não se revelariam em uma ou duas noites de observação nas operações expeditas do sextante. E quanto à segunda, diante da impossibilidade completa de praticar o mais simples caminhar, fui

obrigado, como se verá mais longe, esteiar-me no mais antigo e simples dos recursos indicados para casos idênticos — «o dos levantamentos à vela», consistindo em tornear, em canoa, a terra, avaliando as distâncias a relógio e orientando as linhas costeiras pelos azimutes e deflexões do trânsito.

Êste meio, porém, além da instabilidade dos elementos que fornece, tem a agravante de exagerar quase sempre tôdas as linhas vivas dos relevos, ampliando-lhes os valores angulares relativos com o olvido quase sempre inevitável dos acidentes secundários. Embora sob o ponto de vista hidrográfico êle tenha o apóio franco e insistentemente proclamado de um geógrafo ilustre, o almirante E. Mouchez — porque é o que melhor registra a impressão geral de quem, em pleno mar, contempla a terra — está longe de bastar às exigências vulgares relativas às grandezas lineares horizontais ou verticais e áreas dos terrenos desenhados.

Quer isto dizer que êste reconhecimento, feito, embora, com as maiores cautelas, sofrerá inevitáveis

correções caso se realize ulteriormente, ali, qualquer outra operação topográfica.

Esta é necessária.

Aquelas ilhas, apesar de abeiradas do litoral, e aparecendo, nítidas, diante dos navegantes, são pouco conhecidas.

Não têm existência histórica e não figuram em quaisquer narrativas de episódios de que foi, entretanto, notável teatro o vasto segmento de costa que fronteiam.

Ao atingi-las, os mareantes tinham logo adiante, para o ocidente ou para o sul, na enseada aberta de Caráguatutuba, no abrigo seguro de Ubatuba, ou na curvatura setentrional intensamente articulada da ilha de São Sebastião, os atrativos de uma terra maior e de fundadores mais acessíveis; e passavam sem que nada os levasse aos dois ilhotes pouco distantes, cujos contornos revoltos, de pronto apercebidos na alvura dos cordões de rochas desmanteladas que os debruam, lhes prenunciavam perigosos parciais e desembarque penosíssimo.

Apesar disso, foram notados desde os primeiros anos do século do descobrimento e tiveram os nomes que ainda persistem e se averbam já no «Tractado Descriptivo do Brasil» (1587), de Gabriel Soares.

Tais denominações, porém, abrangem-nos indistintamente, sendo trocadas consoante o capricho dos cartógrafos, de sorte que ainda hoje não há ajuizar-se acêrca de suas aplicações reais, nem mesmo ante a admirável carta marítima de Mouchez (1869), onde a vacilação se

põe de manifesto no denominar a ilha mais remota e setentrional de Búzios (anct. Vitória) e mais próxima de Vitória (anct. Búzios).

E se considerarmos que o alvitre do notável hidrógrafo se contrapõe ao dos habitantes que chamann, hoje, Vitória a mais setentrional e Búzios a outra, vemos que não há critério algum para a fixação definitiva dos termos.

Temos por excusado citar sem número de cartas espelhando idêntica ambigüidade.

Este fato delata por si só o grande olvido em que têm jazido aquêles dois fragmentos da nossa terra.

A pequena população de poucas centenas de almas, que existe na da Vitória (adotemos êste nome para a mais próxima, de acôrdo com E. Mouchez) se bem que sob a jurisdição da comarca de Vila Bela, está de todo segregada do resto do País.

Vive sob o patriarcado de um octogenário, Joaquim de Oliveira, que, graças à notável ascendência moral, enfeixando todos os poderes, lhe regula todos os atos dos que entendem com a organização da família, aos que visam à manutenção da ordem e aos que orientam uma atividade resumida em pequenas culturas de cereais e a faina pesada das pescarias, no alto do mar.

Este último meio de vida é o mais generalizado.

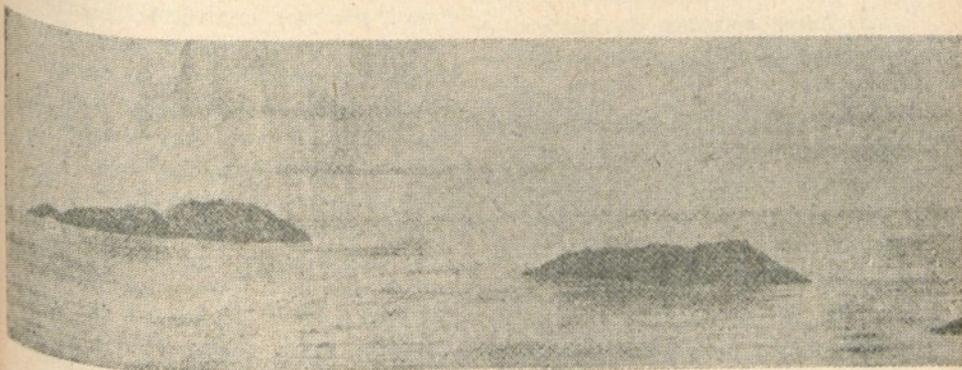
Quem rodeia a ilha de Vitória observa, de espaço a espaço, irregularmente intervaladas, grosseiras armações de paus roliços entrecruzados ou amarrados com cipós e cor.

das, instáveis à ponta dos frague-
dos, de onde descem, em planos in-
clinados fortes, para as águas. No
alto, um alpendre — quatro pés di-
reitos e uma cobertura de sapé —
completa aquêlê dispositivo indis-
pensável num litoral sem praias, on-
de as embarcações mais ligeiras não
podem permanecer encostadas no
marulho das vagas sôbre as pedras.
Por ali descem ou sobem, diâriamen-
te, arrastando-as a pulso, os pesca-
dores que não raro ao tornarem das
longas excursões, no final de um
dia inteiro de fadigas, têm ainda

que os separa de S. Sebastião, prin-
cipal mercado para onde levam, sal-
gados, os produtos de suas pesca-
rias.

O mar tem-lhe sido uma escola
de fôrça e de coragem — sendo na-
tural que a êle devam as únicas
tradições locais que de certo modo
se prendem a uma fase da nossa
história.

De fato — quando pelo «bill»
de Aberdeen (1845), os cruzeiros in-
glêses exercitaram a repressão do
tráfico africano até dentro de nos-



Ilha dos Búzios — Ilha da Vitória — Ponta Grossa

que realizar prodígios de agilidade
e de fôrça, para, saltando em ple-
na arrebenção das ondas, salva-
rem a embarcação, o que conseguem
sempre.

São naturalmente homens de
compleição robusta, vigorosos e
ágeis, afeiçoados aos perigos que
afrontam todos os dias, porque, ca-
noeiros eméritos, se distanciam às
vêzes para sueste até perderem de
vista a terra, ou atravessam constan-
tamente o largo braço de mar

sas águas territoriais, as ilhas da
Vitória e dos Búzios foram as esta-
ções mais avançadas dos vigias que
iludiam ou burlavam aquela fiscali-
zação severa. Graças a sinais adre-
de combinados, de fogueiras acesas
ao longo dos costões volvidos para
o sul, ou de bandeiras de diversas
côres levantadas no mais alto dos
morros, os navios negreiros, ao
longe, aproavam confiantes para a
terra, ou amarravam céleres fur-
tando-se aos que os caçavam.

Tôda a atividade, naqueles pontos, se resumia nas aventuras perigosas do contrabando de escravos.

Dali arrancavam, em velozes canoas de voga, os auxiliares dos traficantes, indo colher, em pleno mar, os negros manietados que conduziam para os récessos do Sombrio, ao fundo da Bahia dos Castelhanos, e para o litoral, de preferência na faixa vincada de pequenas angras que se estira de Mocooça às terras que defrontam o Bairro Alto.

Destas empresas arriscadas, nem sempre coroadas de êxito, resultam os únicos episódios da história, de todo destituída de interêsse, daquelas ilhas.

Elas persistem no mesmo estádio rudimentar.

Na única realmente povoada, a de Vitória, entre 358 pessoas, somente duas sabem ler e escrever. Um professor que ali esteve, há tempos, pouco se demorou, abandonando-a como quem foge a um degrêdo inatúrável.

Por outro lado, nenhum sacerdote houve ainda, bastante abnegado, para procurar a população esquecida, que é, digâmo-lo de passagem, fervorosamente cristã.

Dêste modo aquêles lugares, tão próximos do litoral, estão como que abandonados sem terem definidos os próprios nomes — como se estivessem a desmarcadas distâncias, em pleno Atlântico...

Merecem, contudo, alguma atenção.

Pôsto que diminutíssima a facção de nossa gente que por ali mou-

reja, numa atividade primitiva, enérgica e penosa, faz jus a meliores destinos. E uma escola — mesmo modestíssima — traduziria a mais bela intervenção dos poderes constituídos, no sentido de incorporar a uma Pátria, que não conhecem, aquêles desprotegidos patrióticos.

A ILHA DOS BÚZIOS

(23.º 44' L.S. e 1.º 51' Long. O. do R. Janeiro).

Esbôço topográfico

A planta existente, repitamos, não foi organizada segundo qualquer dos processos regulares. Tentei, a princípio, um caminhamento expedito, contorneante, com o teodolito de Casela, mas não conseguí realizar a terceira visada. Impossibilitou-a o aparelho litoral altamente perturbado de grandes acervos de blocos, já acumulados, já desordenadamente esparsos e desaparecendo apenas nos trechos em que a rocha desce em paredões a prumo, tornando inexequível a travessia.

Verifiquei depois, também, irrealizável o traçado de uma base central e dominante, tendo a condição essencial da visibilidade dos pontos principais do contôrno, facultando uma triangulada rigorosa. O caráter orográfico da ilha imporia, em tal caso, a escolha de muitas bases secundárias para o apercebimento de todos os vértices, estas exigiriam demoradas aberturas de picadas, etc.

Idênticos inconvenientes acompanhariam os processos de irradiação e o de ordenadas a uma linha

mediana desenvolvida segundo a dimensão maior do terreno.

Reconhecidos tais empecilhos, adotei para logo o recurso único e mais próprio a fornecer indicações razoáveis: rodear a ilha numa canoa de voga, de marcha tanto quanto possível uniforme que me permitisse apreciar as distâncias pelo relógio, à medida que iam sendo determinadas, com o auxílio da bússola, as deflexões das linhas principais da costa.

Assim procedi:

Partindo da estação A, no meio de pequeníssimo estreito que separa a ilha principal da do «Paredão», e orientado pelo azimute ponto B, na ponta do «Oratório», segui para O e em ordem sucessiva para o SO, SE, N E e N, tornando ao ponto de partida após 1 hora e 38 minutos de marcha ininterrupta.

Dêste modo delineei o esboço citado, na escala de 1:20000. Suficiente para que se forme idéia perfeita sobre a conformação geral do terreno, carece êle de rigor quanto aos elementos que sirvam para apreciar as várias dimensões.

A marcha da canoa não foi uniforme. Num percurso envolvente, volvida a proa para todos os ângulos dos quadrantes, saltaram-na lufadas diferentes e a movimentação variável das vagas.

Partindo com o mar remansado e chão, à medida que nos avançávamos na direção do sul, avolumavam-se as ondas, sobretudo ao longo do desabrigado costão do sueste, onde se tornou sobremodo morosa a revessia.

Assim, ao organizar a planta definitiva, tive de atender a estas circunstâncias fugitivas e instáveis, adstritas a todos os efeitos da apreciação pessoal e sem um só coeficiente prático e fixo que a fortalecesse.

Apesar disto, como procurei equiparar as grandezas obtidas neste reconhecimento com as que adquiri depois, cortando a ilha, por terra, em diversos sentidos, acredito que os erros inevitáveis cometidos tenham sido em grande parte atenuados.

De qualquer modo ficaram definidas as linhas essenciais das costas.

Considerando-se, vê-se que a ilha principal se estende justaposta ao traço do meridiano, com um comprimento total de 2.180 metros. Recortam-na pequenas enseadas, duas das quais maiores e mais reentrantes, a das «Frecheiras», e a do «Abrigo» para os ventos do sul, lhe dão a forma geral de um 8 incorreto, reparando-a em duas partes desiguais, uma, a do Norte, com 800 metros do eixo maior e a outra, do Sul, com 1.380, contados a partir do centro do istmo de Frecheiras.

Ora, se lhes dermos as larguras médias, respectivas, de 620 e 1300 metros, consideradas as figuras como imperfeitos retângulos, o que basta para um cálculo aproximado, verificaremos para a primeira uma área de 496.000 m² e, para a segunda, a de 1.794.000 m², somando o total de 2.290.000 m², equivalentes em medidas agrárias, a 229 hectares, ou, em números redondos, 95 alqueires.

Tal é a superfície média a adotar-se, convindo, porém, observar que os habitantes do lugar a reputam ainda mais escassa e são acordes numa avaliação melhor. Firmamos-nos, entretanto, nestes números.

A pequena ilha do «Paredão», cuja situação real, bem definida na planta, é diversa da que lhe dá a carta de Mouchez, tem a forma mais ou menos triangular, permitindo avaliar-se-lhe melhor a superfície de cerca de 90.000 metros quadrados, correspondentes a pouco menos de 4 alqueires.

Concluimos, então, pôsto de lado o ilhote das Cabras, de solo arável e insignificante, que se pode dar ao conjunto de terras a área total de 99 alqueires ou, arredondando o número, 100 alqueires de terras aproveitáveis, convindo aditar que este cálculo, segundo o preceituado, é calculado na projeção horizontal das terras, o que redundará na redução das dimensões efetivas, sobretudo em terrenos, como aquêles, bastante acidentados.

Verifica-se este caráter ao simples enunciado das suas cotas proeminentes.

De fato, considerando-se a porção setentrional da ilha dos Búzios propriamente dita, tem-se logo à distância de uns trezentos metros, num ligeiro patamar do morro, a primeira cota de 110 metros.

A ascensão, sobretudo para quem entra pela face que defronta a ilha do Paredão, é penosa, derivando por um declive de 20° a 25°. Apesar disso, é nesta vertente, livre das ventanias do sueste e sudoeste, que se encontram em maior número as

vivendas que a planta indica circundadas de pequenas culturas, estando a principal delas no ponto definidor da altura indicada. Ai, se arqueira um ligeiro soccalco, levemente concaivo, centralizado por um banhado de águas perenes e rebalsadas.

Seguindo-se pela linha firme do Sul, o terreno sobe até atingir a altitude de 165 metros, da qual descamba logo para o istmo das Frecheiras, que se alonga pelo mesmo rumo, descaindo em pendores breves para o poente e para o levante, em forma de sela, da qual o ponto mais alto alcança apenas 24 metros.

Galga-se, então, o segmento meridional e maior da ilha, prosseguindo na mesma direção, até ao seu ponto culminante, onde se observa a altura máxima de 188 metros.

Estes números, fornecidos pelo aneróide comum, depois das correções de temperatura, revelam a feição montanhosa da ilha, ante a sua área relativamente estreita.

Apesar disso, excluídos a vertente do sueste, parte da do Norte e pequenos esporões que vão descaindo para as pontas de leste e sudoeste, o terreno, em geral, permite subidas desafogadas e fáceis pelas rampas pouco íngremes que derivam para as pequenas enseadas expressas no desenho.

A um simples lance de vista, nota-se que estas últimas se abrem da maneira mais própria a torná-las eficazes abrigos ante os ventos reinantes.

De fato, quem segue pelo rumo do reconhecimento feito, por mar, depara logo, transposta a pequena expansão que se lança para o noro-

este, extremando um dos lados do pequeno canal, o «Saco da Aguada», arqueado para o Sul e francamente varrido pelos ventos alísios de sueste, mas protegido dos que, também com muita regularidade, sopram de nordeste. A sua concavidade reduzida, porém, prejudicada ainda pelo revólto do aparelho-litoral, torna-a um imperfeito ponto de desembarque.

Mas éstes inconvenientes se atenuam logo adiante. Encontra-se a reentrância maior e mais praticável, das Frecheiras, oferecendo melhor garantia contra o sueste e o nordeste, ainda que éste último, canalizado pela selada fronteira à enseada, deva agitá-la fortemente desde que adquira grande violência.

Das «Frecheiras» em diante, passada a ponta do «Parcel» e inflitando para sueste e nordeste até a ponta da «Lagem Preta», o costão é todo desabrigado. As vagas investem-no de chapa, perpendicularmente, batidas pelos ventos ponteiros. Não há um único ponto de desembarque em todo aquêl trecho, do «Parcel» à «Ponta de Leste», passando pela «Lagem Preta».

Contorneada a ponta de Leste, porém, entra-se no melhor abrigo da ilha. A costa encurva-se vivamente para SO e, torcendo sucessivamente para ONO, NO, NNE e NE, até a «Ponta do Meio», forma um ancoradouro que contrapõe às tempestades perigosas dos quadrantes do sul tôda a massa dominante da montanha.

Não tem, além disso, um único escolho ou recife encoberto; é praticável em todos os sentidos e tem profundidade para navios de calado regular, atingindo, mesmo perto da

terra, as rápidas sondagens que realizamos, a 11, 12 e 15 metros.

Deixada esta baía, volve-se em cheio para o Norte até a ponta do «Oratório», além da qual a borda meridional da ilha do «Paredão» completa um novo fundeadouro, igualmente abrigado, onde lançou a âncora, numa profundidade de 16 metros, o rebocador «Alamiro» que até lá nos conduziu.

É um abrigo perfeitamente seguro, mau grado o inconveniente revelado pelo esbôço que aqui traçamos, indicando o estreito que lhe demora a Oeste e por onde nos dias de muito mar podem avançar as vagas impetuosamente. A pequena largura dêle torna fácil e pouco dispendiosa a sua obstrução, para o que já existem, a um lado, nos grandes monólitos que o marginam, os materiais indispensáveis.

Dessas breves considerações conclui-se a existência de três ancoradouros regulares, por certo ineficazes ante os grandes temporais, mas bastantes para as condições normais da navegação, sobretudo após a construção de pequenos cais de desembarque, permitindo que encostem francamente as embarcações calando 9 a 12 pés.

E considerando ainda o último fundeadouro, traçado, maior, outro esbôço, da sua face Sul, onde se vêem em linhas pontuadas as secções que levantamos, verifica-se pelas sondagens indicadas, de que resultaram os cortes seguintes, que aquelas construções pouco avançarão nas águas para o alcance das profundidades convenientes.

Considerações gerais sôbre a formação da ilha — natureza do solo, flora, etc.

Quem segue o itinerário do reconhecimento anterior, contempla notáveis efeitos da fôrça erosiva do mar, exercitada através das marés e dos ventos, sôbre uma costa rígida de pedra.

Ora, arredondados com o «facies» completo de enormes blocos erráticos, ora duramente esquinados ou apontando vivamente as alturas, os fraguados, alguns de muitos metros cúbicos de volume, se agrupam amontoados, em desordem, orlando inteiramente as ilhas, salvo os raros pontos em que se apuram as «falaises» graníticas, verticais e extraordinariamente altas.

Não há um palmo de praia.

O aparelho litoral, perturbadíssimo, recorda um dismantelamento de muralhas. Não há a descobrir-se uma única «itapeva» descendo, inclinada, para as águas, de modo a amortecer a violência das vagas. A fôrça viva destas desencadeia-se, intacta, batendo em cheio na base dos costões. E mesmo nos trechos em que os núcleos mais resistentes da rocha originaram pequenos cabos ou pontas como no «Parcel», na «Lagem Preta» ou no «Oratório», os pedregulhos se aglomeram retratando a mesma degradação poderosa e contínua. Apenas em quase todo o correr do costão de sueste a pedra se alevanta em «falaise», inteiriça e largamente desdobrada, face volvida para os ventos impetuosos do sul. Mas mesmo nesta banda notam-se, intervaladas e denunciando os pontos

fracos atacados, largas frinchas, algumas já de forma de longas galerias, onde acachoadas as ondas, reprofundando-as e solapando-as, agravando todos os efeitos de uma decomposição mecânica em grande escala.

Uma dessas furnas, que pelo se escavar à feição de um nicho deu o nome à ponta do Oratório, delata, ainda na agulha que lhe permanece de pé, à entrada, o desabamento, por ventura recente, da abobada que ali se alevantara.

O trabalho de erosão do mar, como o indicam estas observações, progride lentamente acompanhando as linhas de menor resistência do terreno.

Considerando-se, entretanto, a planta existente, parece que êle se exercita independente da estrutura do solo.

De fato, os incorretos arcos de círculo que ali se vêem, abrem as concavidades precisamente para os ventos mais constantes e fortes, e as tormentas, como se fôsem feitura exclusiva destes elementos.

Além disto, o costão varias vezes citado, de sueste, com ser mais vivamente trabalhado pelas águas e desdobrar-se sem reentrâncias, estremando-se mesmo em ligeira ponta volvida para o O.S.O. não invulsa e antes reforça a conjectura, porque esta protuberância, lançada segundo a resultante das rajadas mais violentas que S.O. e S.E., indica por si mesma o resultado de esforços que ali incidem em ângulo reto, de sorte que as degradações

operadas de um lado se atenuam pela simultaneidade das que se realizam do outro.

De qualquer modo, o que se verifica, inegavelmente, é a ação demolidora do mar, bastante vagarosa, entretanto, para que se garanta a existência daquela terra por muitos séculos ainda.

Dela se colhe, além disso, o principal elemento para afirmar-se que a ilha dos Búzios é, no rigorismo técnico do termo, uma «ilha de erosão», um produto das costas devastadas pelo mar, um fragmento destacado, em remotíssimas idades, do Continente que lhe demora fronteiro.

Realmente todos os outros dados que conseguimos obter numa breve excursão fortalecem esse conceito.

Há, por exemplo, a natureza das rochas que formam a ossatura da ilha. Pneiss-granísticas, como as da Mantiqueira e da Serra do Mar, associa-se-lhes outra cuja existência é, para o nosso caso, extremamente expressiva.

Consiste nas que encontrei com os caracteres frisantes de nefelinas graníticas (fovato) e fonolito. Ora, esta ocorrência idêntica à verificada pelo professor Orville Derby, em vários pontos do continente, de Cabo Frio a Iguape, passando pelo Tingirá, Itatiaia, Serra da Bocaina, Poços de Caldas, etc., afigura-se-nos de importância considerável. Estabelece entre os solos da ilha e do continente uma uniformidade estrutural só justificável pela antiga expansão daquele, antes que o desbastassem as vagas, deixando-o pro-

fundamente retalhado em tôda aquela costa.

Por outro lado, a carta hidrográfica de Mouchez indica outros elementos. Realmente — uma reta qualquer traçada da ilha dos Búzios para qualquer ponto do litoral vai, numa continuidade perfeita, à medida que se alonga, passando sobre profundidades cada vez menores, revelando um declive perfeito, sem as dobras súbitas das grandes profunduras em tôrno das ilhas oceânicas repontando independentes das terras que avizinham.

Mas, quando estas considerações não bastassem, uma simples excursão pelo interior da ilha confirmaria o conceito emitido.

Aí se nota logo o fato notável, e sem igual em qualquer outro país, da escala exagerada em que se realiza, sob a ação da atmosfera, a decomposição das rochas matamórficas no Brasil — pelas ações combinadas das chuvas violentas, das alternativas de calor e umidade e reação química das águas carregadas de carbonatos alcalinos — enrugando e estriando as pedras mais duras, rachando-as de meio a meio, segundo as linhas naturais das litóclases, e, ao cabo, reduzindo-as à lama tenuíssima do Kaolin ou argilas vulgares coloridas pelo óxido de ferro das malacachetas decompostas.

Como nos demais lugares do continente em que o fato se patenteia, vêem-se ali espalhados pelos pendores ou pelo têsso dos morros, acumulados, blocos graníticos de grandes dimensões às vêzes, cuja origem está na estrutura concêntrica

da massa, feita de núcleos esféricos ou lenticulados, compactos e mais resistentes aos agentes exteriores que as camadas vizinhas, envoltentes, mais facilmente destruídas. Estes blocos dispersos, porém, não são em cópia tal que imprimam o caráter pedregoso à região, onde o solo árvel se evidencia franco, como resultado dessas decomposições profundas. A sua cor escura tão contrastada à vermelha das dos solos graníticos, provém de uma circunstância favorável: a mistura longamente acumulada dos detritos vegetais em terreno insulado e há muito inculco e que tudo indica ser de fertilidade rara.

Mostram-nos as matas exuberantes que o revestem. Com efeito, embora o porte dos vegetais não atinja às grandes alturas dos que se alevantam nas serras do litoral, são sensíveis na variedade das famílias e gêneros distintos no trançado inextricável da vegetação rasteira e no colorido forte das ramagens, às energias criadoras da terra.

Notamos as espécies principais, à medida que se nos antolhavam, ao acaso, num rumo de picada:

Louro pardo — (louros sassafras); Lauracea; Ipé — (tecoma ipé); Cuticahen; Bicuíba — (myristica officinalis) (anonacea?); Cedro — (cedrela brasiliensis) meliacea; Goiabeira do Mató (myrtus sylvrestis) mystacea; Guapeba — (hupanthéa guapeva) Hnadiacea?); Guatambú; Bacubichaba; Ambiju; Pitanguera — (eugenia ligustrina) myrtacea; Cubatan; Cabaceiro — (sttiffitia parviflora) composta; Cambucá — (eugenia edulis) myrtacea;

Bacupari — (salacia campestris?) hypodrateacea; Peroba; Araçarana. Cambará (Leandra scalaria) melastomacea; Batalha; Mossotanha; Cuticahen; Aroeira — (schinus aroeira) anachardeacea; Arari bá — (centrolobium tomentosum) leguminosa; Guayacá; Guaracipó; Guty; Brejauba.

Além do grande número de espécies rasteiras que não foram anotadas.

Ora, se considerarmos que aí se averbam apenas vegetais ocasionais encontrados, seguindo rumo prefixo e sem a preocupação essencial de observarmos a flora, conviremos em que é ela farta de gêneros e famílias utilíssimas.

Ainda quando, porém, não bastasse este quadro para testar a fecundidade da terra, revelá-la iam as pequenas e mal cuidadas culturas que lá existem.

Reduzem-se a diminutas plantações de feijão, mandioca e cana. Os resultados dessas roças maltratadas, entretanto, equiparam-se aos das melhores terras; bastando dizer-se que a plantação de um alqueire do cereal indicado produz, em média, 88, atingindo as mandiocas e as canas a grandes dimensões. Além disso — circunstância digna de nota — em que pese a uma produção escassa, dado o restrito das culturas — o feijão dos Búzios é conhecido em todo o litoral vizinho, em São Sebastião, Ilha Bela e mesmo em Santos, como tendo propriedade de não apodrecer nunca, conservando-se intacto por muitos anos.

Algumas árvores frutíferas, abacateiros, ameixeiras e outras, além de cerca de oitenta laranjeiras plan-

tadas na ilha, faz poucos anos, já assumiram o porte que lhes é próprio e produzem magníficos frutos, assim como um sem número de bananeiras de várias qualidades, de desenvolvimento realmente notável. O mesmo diremos de pouco mais de uma centena de pés de cafeeiros, tendo pouco mais de cinco anos, mas já elevados a uma altura média de 4 metros e espelhando, na coloração firme de uma folhagem espessa, vigor pouco comum. A maturação dos frutos afigurou-se-nos, contudo, bastante irregular.

Num tal terreno é natural que não escasseiem mananciais perenes. Observam-se vários, sendo os principais:

1.º — o que deriva à meia encosta do esporão determinante da ponta da Aguada; o 2.º próximo e mais desviado para o sul, fluindo do minúsculo lago a que nos referimos anteriormente, e o 3.º na selada das «Frecheiras» e descendo para o abrigo do nordeste, além de outros que tivemos por escusado examinar, sendo a água tôda de limpidez perfeita e potável.

A despeito de uma despesa insignificante que subirá quando muito, nos maiores a 0,2 0005 (meio litro) por segundo (mas que poderá ser aumentada com uma captação racional) é permanente o seu regime, no dizer de todos os habitantes dali e da Vitória. E é natural que isso suceda, ainda nas quadras de prolongadas sécas, desde que é aquela terra varrida de modo regular pelos ventos SE e SO, pre-eminentes distribuidores de umidade.

Nem de outra maneira se explicaria a existência não de uma mas

de 4 fontes perenes, na ilha menor, do Paredão, também fértil, revestida de mato e em pequena parte cultivada, a despeito da exiguidade da sua área. Uma destas fontes, segundo informam os moradores, tem propriedades terapêuticas no facilitar a cura da opilação e outros males, sem que se conheça, entretanto, a natureza dos corpos que encerra, o que depende de análise ulterior.

Assim se compreende por que a ilha dos Búzios foi arrendada ou aforada — mediante 50\$000 anuais, pagos à Câmara de Vila Bela por habitantes da Vitória, cuja superfície mais ampla lhes devia bastar às maiores culturas.

É que a estas condições naturais favoráveis outras se aliam, por igual apreciáveis.

A fauna terrestre é paupérrima, reduzida a duas espécies de cobras (a verde, de todo inofensiva, e jararacas das quais o veneno, ali, parece contestável) — lagartos e batráquios.

Em compensação, a do mar é vastíssima, salientando-se, entre os mais numerosos, os chernes, sargos, garopa, badejos, cavalas, dourados, salemas, jaguriçás, sororocas, piragicas, cações, etc..

Vêm-se pássaros comuns no litoral: beija-flor, tico-tico, sabiá, juriti, tié, canário, bem-te-vi, pomba rôla, araponga, saracura, etc..

E nas quadras mais propícias às pescarias, de agosto a outubro, por ali se abatem, de parceria com outra aves de rapina, e perturbando seriamente, às vezes, os trabalhos dos rudes pescadores, os alcatrazes errantes e selvagens.

Uma brevíssima estação de dois dias nenhuns elementos nos poderia dar para a caracterização do clima.

Podemos, entretanto, imaginá-lo constante, transcorrendo num ritmo seguro desde que a abrange o quadro maior da climatologia do Atlântico Sul.

Em tal caso os seus reguladores dominantes são fixos: os alísios, os ventos regulares de SE e NE, agindo livres, salvante as anomalias das quadras tempestuosas, com o rigorismo inflexível do fato astronômico que os determina, porque se foram, naquele ponto, à influência perturbadora das brisas diurnas periódicas, inevitáveis nas costas. Dêste modo podemos prever a fixidez imanente aos climas marítimos e um regime em geral estável, sem as perturbações que o desequilibram nas paragens costeiras onde aquêles ventos, repuxados pelas componentes de intensidade variável, das brisas que não raro os suplantam, se desviam, incoerentes e vários, acarretando a variação perturbadíssima dos dados higrométricos e termométricos e a conseqüência forçada da instabilidade climática.

São êstes, em perfeito resumo, os caracteres mais salientes que deparamos na ilha dos Búzios — quase despovoada — com a sua população escassa (e adventícia porque é de moradores da Vitória) de 35 pessoas localizadas em nove casas humildes, de pau-a-pique, cobertas de sapé, centralizando desvaliosas culturas, cuidadas apenas nos intervalos das pescarias.

Do que dissemos resulta que ela tem capacidade para povoamento muitas vezes maior, explicando-se

o seu abandono pela distância que a separa do litoral.

ILHA DA VITÓRIA

(23.º 48' L. S. e 0º 58' L. O.
R. Janeiro)

A morfogenia e aspectos físicos desta, idênticos aos da anterior, dispensam o reproduzir das considerações já feitas. Por outro lado, a planta existente revela a sua conformação geral e acidentes predominantes de modo a dispensar uma descrição pormenorizada.

Limitamo-nos, por isto, a apresentar, claro, os motivos que de todo a «impropriam ao estabelecimento da colônia planejada».

Destaquemo-los:

1.º — o povoamento maior. A ilha tem 358 pessoas, repartidas em 52 famílias, vivendo estas em número igual de casas, das quais 18 são cobertas de telha, rebocadas e caiadas, e tendo um certo conforto.

Quer isto dizer que a sua escolha acarretaria uma indenização enorme porque, dado mesmo que isto lhe fosse permitido, nem um só habitante, conforme observei, ali permaneceria.

2.º — caráter da propriedade. Resultado de uma posse imemorial para uns e para outros de compras perfeitamente legalizadas, aquela é ali definida — o que não sucede na dos Búzios.

3.º — natureza da terra. Ainda que sob o aspecto geognóstico idêntica à da outra — o solo, cultivado há duzentos anos, é estéril, exaurido. Ademais, uma moléstia recente, porventura favorecida pela debilita-

de da terra, está prejudicando as culturas. Denomina-se «saporé». Ataca o vegetal pelas raízes, que incham, endurecem e negrejam, matando-o em poucos meses. Assim acabaram cerca de dez mil pés de cafeeiros de que restam poucas dezenas, progredindo na devastação contínua o mal que talvez mereça o estudo dos competentes.

Diante disso, em que pese o aspecto, à primeira vista mais atra-

ente, da Vitória, e a sua área maior, e os seus dois abrigos, das Piñangueiras e da Guaixuma, e aos seus nove mananciais, perenes — considero-a imprópria para os fins acima indicados. S. Paulo, 8 de junho de 1902 — Euclides da Cunha — Chefe do 2.º Distrito da Superintendência de Obras Públicas»).

(Nota: — Os clichês são reproduções de fotografias tiradas por Euclides da Cunha).

Consumir Produtos Nacionais

- ★ E' um dever de patriotismo.
- ★ E' ajudar a libertação econômica do Brasil.
- ★ E' contribuir para o desenvolvimento da nossa produção.

RISO

Nem tōda alegria nos causa riso. Os grandes prazeres são sērios; os prazeres da ambição e da avareza nāo fazem rir ninguēm.

VOLTAIRE

PEQUENOS TEMAS

POLICIAIS

Laudelino de Albrecht
(Delegado auxiliar e prof. da
Escola de Polícia)

I — As atividades do poder de polícia do Estado desdobraram-se, atualmente, em quatro fases distintas: Organização, Administrativa Policial, Polícia Preventiva e Polícia Repressiva, também chamada Judiciária. As duas fases primeiras, as duas atividades primeiras não nos interessam, no momento, mesmo porque são mutáveis, segundo a orientação de cada administração do Estado. Detalhemos, apenas, as duas fases últimas: Polícia Preventiva e Polícia Repressiva ou Judiciária.

II — POLÍCIA PREVENTIVA. A Polícia Preventiva, realizada pelo policiamento geral. É' assim chamado, porque nele tomam parte todos os homens da polícia civil, da polícia uniformizada — guarda civil — e da polícia militar. Objetiva: 1.º — a manutenção da ordem pública; 2.º a manutenção da segurança pública, nos expressos termos do artigo 148 da Constituição do Estado. Essa atividade do Poder de Polícia não é regulada por lei federal. A prevenção policial regula-se por leis estaduais, diversas, espalhadas, desconhecidas quase. A atividade preventiva da polícia é, tipicamente, função da polícia militar — Fôrça Pública ou da polícia uniformizada — Guarda Civil. Em todo o mundo civilizado, essa atividade policial é realizada por elementos uniformizados, já que poucos países têm, como o Brasil, por necessidade de defesa da pátria enorme, polícia militar.

É' a "gendarmérie" dos franceses, é o "police-man" dos ingleses, é o "carabinieri" dos italianos, nunca o delegado de polícia, o juiz de instrução, que tem a última função do Poder de Polícia: Polícia Repressiva ou Judiciária. O Estado de S. Paulo e alguns outros Estados do Brasil, que já alcançaram um ponto elevado na escala da civilização, devem adaptar, preparar, educar os elementos da polícia militar — Fôrça Pública — da polícia uniformizada — Guarda Civil — para essa função primeira, principal, maior do aparelhamento policial. O delegado de polícia, na atividade preventiva, é uma velharia, que só ainda permanece, porque o Brasil é país clássico da rotina, do hábito, da estática. O Estado de São Paulo terá, em breve, novo govern-

É' preciso, necessário, útil que esse governo mude, modifique, altere a velha rotina, para novos processos de prevenção policial, ativos, eficientes, produtivos, como exigem os interesses da sociedade, da civilização, cada vez mais ameaçada, agredida, ofendida pelos vários tipos de inadaptáveis humanos, que violam a lei penal, praticando desde os crimes comuns, as contravenções, até os crimes de ordem econômica, ordem social, ordem política.

A sociedade precisa, exige que o aparelhamento policial, que lhe custa milhares de contos, por ano, tenha eficiência, capacidade, produtividade com-

pletas, para que as infrações penais sejam reduzidas a um mínimo tolerável pela sociedade. Certamente, a prudência aconselha que se faça a alteração, a modificação, tão profunda, por etapas, por fases, lentamente, cuidadosamente. A era é de renovação. O novo governo do Estado sofrerá, por sem dúvida, as influências dessa era, do meio em que vai administrar. Iniciar-se-á — estamos certos — nova fase, nova era para a prevenção policial, reclamada, diariamente, pela gente de São Paulo, da capital e do interior.

III — POLÍCIA REPRESSIVA OU JUDICIÁRIA. A polícia Judiciária é a fase última da atividade policial. Realiza-se, sempre e sempre, por intermédio do inquérito policial. O Código do Processo Penal, decretado em 1941, foi o primeiro Código do Processo Penal a consignar um título próprio, para a Polícia Judiciária: "Do Inquérito Policial".

"A Polícia Judiciária — diz o Código no art. 4.º — será exercida pelas autoridades policiais, no território de suas respectivas jurisdições e terá por fim a apuração das infrações penais e da sua autoria. Parágrafo único — a competência definida nesse artigo não excluirá a de autoridade administrativa, a quem por lei seja cometida a mesma função".

Vê-se, pois, que o velho inquérito policial foi mantido na moderna legislação nacional. O dr. Francisco Campos, na exposição de motivos do Código do Processo Penal, diz: "Foi mantido o inquérito policial como processo preliminar ou preparatório da ação penal, guardadas as suas características atuais. O ponderado exame da realidade brasileira, que não é apenas

a dos centros urbanos, senão também a dos remotos distritos das comarcas do interior, desaconselha o repúdio do sistema vigente.

O preconizado juízo de instrução, que importaria limitar a função da autoridade policial, só é praticável sob a condição de que as distâncias dentro do seu território de jurisdição sejam fácil e rapidamente superáveis. Para atuar profiquamente em comarcas extensas, e pôsto que deva ser excluída a hipótese da criação de juzados de instrução em cada sede de distrito, seria preciso que o juiz instrutor possuísse o dom da obiquidade". O preconizado juízo de instrução seria, efetivamente, o ideal. A Polícia Judiciária seria executada pelo juiz de instrução em que se transformariam os delegados de polícia. "O ponderado exame da realidade brasileira, que não é apenas a dos centros urbanos, senão também, as dos remotos distritos das comarcas de interior, desaconselha o repúdio do sistema vigente", efetivamente. A manutenção do inquérito policial foi, portanto, um imperativo da realidade brasileira. Os delegados de polícia, as autoridades policiais continuam, pois, com a competência legal, no território de suas jurisdições, de exercer a Polícia Judiciária. Essa função última do aparelhamento policial é, em suma, a verdadeira função do delegado de polícia.

A era nova que se inicia deve, precisa colocar o delegado de polícia, bacharel em Direito, em sua devida situação funcional de realizador da Polícia Judiciária, pelo inquérito policial. A prudência aconselha, por certo, que se inicie, lentamente, por etapas, a modificação dos nossos hábitos, da nossa velha rotina, da nossa arcaica estática.

Iniciar-se-á o novo sistema, primeiramente, pela capital.

O policiamento do Pacaembu, por exemplo, passará a ser feito, exclusivamente, sob sua responsabilidade pelos elementos da Polícia Militar ou da Polícia Uniformizada — Guarda Civil.

Os oficiais da Fôrça Pública e os inspetores chefes de agrupamento, de Divisão da Guarda Civil são, hoje, homens instruídos, preparados convenientemente, na Escola de Polícia e na Escola da Fôrça Pública, para essa missão do policiamento preventivo.

Intensifiquem-se os cursos, teórico e prático de policiamento, para que todos os elementos fardados e uniformizados se aperfeiçoem constantemente, para que tenham bom êxito nessa alta função. *Os oficiais da Fôrça Pública e os chefes da Guarda Civil assumirão maior responsabilidade e, concomitantemente, terão mais nítida noção do dever. Não quererão, não poderão falhar, fracassar, porque são homens que se preparam, precisamente, para inicia-*

tivas próprias, para comandar, para dirigir, para superintender e não, como antigamente, apenas para obedecer, cumprir ordens, ser mero executor.

O novo govêrno do Estado não poderá deixar de fazer a experiência que, estamos certos, terá o esperado êxito, para que o policiamento, principalmente da capital, atinja ao alto nível de produção que o povo exige do aparelhamento policial, que a sociedade criou, aperfeiçoou e mantém, paga com o seu dinheiro, ganho na árdua luta pela vida. São Paulo não parou, não para, não parará, no constante aperfeiçoamento dos seus serviços, principalmente do serviço policial. É a nossa convicção firme, inabalável, convicção adquirida, como queria o grande presidente Jorge Tibiriçá, em trinta e seis anos de tirocínio na carreira de delegado de polícia e, ainda, no Magistério, na Escola de Polícia e na Escola de Formação e Aperfeiçoamento da centenária e gloriosa Fôrça Pública do Estado.

(Transcrito do "Correio Paulistano" de 17-X-54).

ADVOCACIA EM GERAL

Ten. Cel. René da Silva Velho

ADVOGADO

Escritório :

RUA MARIA PAULA, 36

8.º Andar - Conjunto B

Fone : 35-5971

Residência :

RUA CONS. SARAIVA, 1.077

(Santana)

Justo Agradecimento

Cap. Plínio D. Monteiro

Não sejamos como aquêlê soldado do Regimento de Cavalaria. Certa vez o oficial do qual êle era ordenança, por um motivo qualquer estava impedido de montar, e deu-lhe ordem para trabalhar um dos animais. Montou, o cavallo disparou, e só a custo o cavaleiro o conteve. Apeou ofegante, olhou os circunstantes com ar de triunfador romano coroado de louros, e disse:- "Se fôsse com outro êle ainda estaria correndo".

No dia imediato, repetição da cena, agora com queda do "equitador". E o comentário veio logo! — "Se fôsse outro, estaria no Hospital".

Terceiro dia, e então, baixa ao H.M.; mas, na maca, êle ainda teve tempo de exclamar:- "Se fôsse outro teria morrido".

Para êsse individuo, só a pessoa dêle ou o que lhe pertencesse poderia prestar, e era o melhor do universo.

Não sejamos assim; porém, também não devemos só ter palavras para criticar acerbamente o que nos pertence.

A maior parte dos elementos da Fôrça procedem assim, e injustamente, para com organizações nossas, como a Cruz Azul, como a Caixa Beneficente, que se não são cem por cento perfectas, servem, entretanto, muito bem aos fins a que se propuzeram. Tais individuos, muita vez, desconhecem as dificuldades naturais que enfrentam êsses organismos de verdadeira assistência social da classe.

Fica, aqui, acertado, antes de terminar êste pequeno e expontâneo arrazoado, que não pertença à diretoria de nenhuma dessas instituições, e nem mesmo sei bem quem são os homens que as orientam. Isso pôsto, posso, com

isenção de ânimo, concluir afirmando que a Cruz Azul, por exemplo, tem sido bastante criticada negativamente, (e por que não dizer, mesmo caluniada); entretanto, sirva-se alguém de outro noscômio qualquer, e sinta na própria carne o escorchante preço que lhe será taxado por essa assistência (muitas vezes bem precária) e depois, procure estabelecer um paralelo.

E' bem de ver que, nem a nossa Cruz Azul, nem outros Hospitais por aí, pode ou poderá algum dia manter um médico ou um enfermeiro por leito. Também nenhum dêles consegue impedir que uma criança nasça com um defeito congênito, ou que um individuo morra. Convenhamos que a velha ceifeira de vidas existe mesmo, e não des cansa nos "week-ends" ou tira férias em São Vicente.

Prestigiemos o que é nosso, e quando lhes apontarmos os defeitos, façamos diretamente, para que alguém, competente para isso, possa levar em conta a critica, quando ela fôr justa, e tomar providências.

E seria injusto se, ao falar em Cruz Azul, não citássemos, pelo menos de passagem, seu emérito fundador cel. Pedro Dias de Campos, a quem bem se pode aplicar no caso os versos:- "E aquelles que por obras valerosas, se vão da ley da morte libertando".

Nem se pense que êste meu reconhecimento tem como motivo as alegrias do nascimento, na Cruz Azul, de meu 3.o e 6.o filhos. Lá, também, faleceu meu pai. Mas, pelo tratamento que foi dispensado aos três, só me compete dizer:-

Obrigado, muito obrigado, Cruz Azul!

NOÇÕES DE MOTOMECANIZAÇÃO

Major Romeu de Carvalho Pereira

★ ★ ★

HISTÓRICO DA VIATURA AUTOMÓVEL E SEU APARECIMENTO NA HISTÓRIA MILITAR

"Poder-se-á um dia construir carros, que serão conduzidos e colocados em movimento sem emprêgo da força impulsiva da tração de um cavalo ou de outro animal".

(Frei inglês R. Bacon, em 1250)

Nas relações humanas modernas, depois do cavalo, nada serve melhor ao homem que a viatura automóvel. Inventos muito mais importantes para a humanidade foram lançados pelo gênio humano, mas nenhum tomou o impulso e se aconchegou tanto às nossas necessidades de relação como o automóvel, nome de batismo dessa viatura preconizada por Frei Bacon. Palavra híbrida, pois *auto* é descendente do grego e *móvel* do latim, demorou muito para receber o sexo, e atualmente já é dita truncada uma vez que somente, *auto* a identifica.

Como teria chegado até aos dias de hoje essa maravilha humana?

Para surpresa de meus leitores, começarei dizendo que o homem muito cedo buscou alcançar a profecia do frei inglês, pois, já em 1600, procurando aproveitar-se dos ventos das costas holandesas, SIMON STEVEN idealizou e realizou uma viatura movida a vela, que nada mais

era senão uma barca com rodas, provida de duas velas que, insufladas pelo vento, deslocava a barca como se fôra um carro. Depois da realização da «marmita a vapor», de Denis Papin, a mecânica francesa não cessou de trabalhar na aplicação dessa conquista, em favor de um carro para o conforto do homem. Assim foi que JOSEPH CUGNOT, em 1769, apresentou seu célebre «fardier», um triciclo a vapor que, podendo ser visto ainda hoje no Museu de Paris é, sem dúvida alguma, o embrião que gerou o automóvel. Não era uma viatura de utilidade mas, simplesmente, um veículo auto-propulsionado. No entanto, as realizações se sucederam com algumas dificuldades até que, em 1801, na Inglaterra, RICHARD TREVL THICK apresenta o que poderia chamar-se a primeira viatura de utilidade. Era, também, a vapor, com um comando dianteiro e uma berlinda na trazeira, para passageiros.

E a conquista era tão surpreendente que, com sete passageiros, a viatura era capaz de subir ladeira com a velocidade maior que a do homem. É preciso notar, ao mesmo tempo, que foi na Inglaterra mesmo, que HANCOCK, aproveitando-se desse primeiro «ônibus», criou o primeiro serviço de transportes mecânicos de passageiros entre Londres e Stratford. A viagem não era lá muito garantida, e tampouco a viatura era elegante! Atravessa o gênio humano o Atlântico, e os americanos do norte conseguem construir sua primeira viatura. Deve-se a OLIVER EVANS a apresentação do primeiro automóvel americano que é, também, propulsionado a vapor. Sua excentricidade era uma hélice multipás na trazeira da viatura, e em sentido longitudinal. Em 1827, a viatura recebe um grande aperfeiçoamento, devido a ONESIPHORE PECQUEUR, na França, o «diferencial». Essa conquista vem facilitar sobremodo a tomada de curvas com as rodas de tração. Logo em seguida, outra grande conquista enriquece a história da viatura automóvel; W. H. JAMES, na Inglaterra, constrói a primeira demultiplicação a três velocidades, que nada mais é, senão, a conhecidíssima «caixa de câmbio» de hoje. Aproveita-se a viatura das vantagens mecânicas para a produção de maior esforço com o mesmo trabalho. Não cessam os franceses no trabalho de aperfeiçoamento do automóvel. Nobres juntam-se com mecânicos, engenheiros com operários amadores, e todos procuram aplicar o já conhecido «ciclo de BEAU DE ROCHAS», isto é, o motor a explosão a quatro tempos.

Mas, enquanto isso, AMÉDÉE BOLLE realiza a célebre «LA MANCELLE» e, para dirigí-la, obtém a primeira carteira de condução de veículos. Dois anos após, investe novamente sobre Paris, agora com seu «L'OBEISSANTE», um ônibus já apresentável. Cometeu nesse dia 75 contravenções do Código de Circulação da França, mas era um pioneiro. A imprensa de Paris, referindo-se ao feito e, sobretudo, acreditando no futuro da condução coletiva motorizada, escreveu: «Paris, pode-se dizer, deixará de ser o inferno dos cavalos. Não podemos senão aplaudir esse progresso humanitário».

Abrem-se três estradas largas para o progresso do automóvel, na sua parte técnica: as estradas do vapor, do motor elétrico e do motor a essência.

Deixa a França escapar a realização do motor a explosão, embora o francês BEAU DE ROCHAS o idealizasse. Na Alemanha, o engenheiro OTTO consegue realizar o motor de DE ROCHAS e, não muito depois, em 1.886, construído por DAIMLER, surge o primeiro motor movido a essência. Outros mais o seguiram em todo o mundo industrial, embora ainda não se desfalecesse o automóvel a vapor. Para limitar bem esses valores, em 1894, PIERRE GIFFARD, do jornal parisiense «Petit Journal», lançou a idéia da primeira competição automobilística, e a realizou entre Paris-Ruão. Apresentaram-se quinze concorrentes, sendo dois com viaturas a vapor e treze com viaturas movidas a motor a explosão. Foi o fim do automóvel tracionado por energia produzi-

da pelo vapor. Em 1893, CHARLES DURYA, nos Estados Unidos da América, constrói o primeiro automóvel americano a petróleo, em forma de triciclo. Em 1896, THOMPSON, introduzindo na viatura automóvel as rodas pneumáticas, abre um grande caminho para o aumento de conforto e velocidade.

Daí para a frente, a concorrência mundial de fabricação de automóveis é, na verdade, uma corrida comercial, pois, não há que tirar a preferência do homem, em todas suas necessidades, para o veículo cuja posse até lhe dá conceito na sociedade. O progresso mais notável, não há dúvida, é o que conseguiram os americanos fabricando, em 1902, veículos em série, o que foi realizado por OLDSMOBILE. Ainda nos EUA, para melhorar as condições de partida do motor, CADILLAC consegue introduzir o motor elétrico de arranque. Em 1923 e 1924, respectivamente, dois grandes progressos realizam os engenheiros de automóveis: a carroceria armada e envidraçada por OAKLAND, e freios nas quatro rodas, por BUICK. Já em 1928, para gáudio dos motoristas amadores, é introduzido o melhoramento das caixas de transmissão sincronizada, a fim de facilitar as engrenagens de marchas. Em 1934, realizam diversas fábricas a chamada «suspensão independente», melhorando muito o molejo dianteiro. Em 1935, os americanos apresentam no mercado de automóveis um sistema revolucionário de carrocerias, tomando a forma aerodinâmica, aumentando muito a segurança dos viajantes nas velocidades altas obtidas nas estradas. Finalmen-

te, em plena Segunda Guerra Mundial, a Divisão Oldsmobile da General Motors consegue realizar a tão estudada «caixa de transmissão automática», procurando eliminar o mais possível as falhas de condução do homem, ao dirigir a viatura.

Os melhoramentos recebidos pela viatura automóvel, durante e após a Segunda Guerra, foram de tal importância, que deixaram um marco inconfundível na História do automóvel, destacando-se o surpreendente aumento de potência de suas máquinas, grande economia de combustível e, sobretudo, para a beleza dos olhos, os modernos modelos de carroceria com suas suaves combinações de cores e enfeites.

Aparecimento na História Militar

Não se trata, neste capítulo, de se historiar o carro de combate na História Militar, mas sim o aparecimento da viatura automóvel, de uma ou outra forma realizada, nos eventos belicosos deste século.

No dia 28 de junho de 1914, numa pequena cidade de Bosnie, uma viatura automóvel pintada de preto, de capota arreada, entra ensangüentada na História Militar. E foi assim. O arquiduque FRANÇOIS-FERDINAND e sua esposa morganática, foram a Sarajevo assistir às manobras militares do Exército Austro-Húngaro. Já na sua chegada, vários de seus oficiais foram feridos por um atentado a ele dirigido. Após ser oficialmente recepcionado, em vez de fazer sua visita à cidade, mandou sua viatura seguir para o Hospital onde se encontravam seus oficiais feridos. O motorista da viatura cumpria rigo-

rosamente o itinerário, esquecendo-se da recomendação do arquiduque. Passando o Hospital, determinou ao motorista que retrocedesse. A viatura pára, inicia a marcha à retaguarda, e dois estampidos de uma arma bem ajustada em seu tiro, pela parada da viatura, mancham de sangue seu banco trazeiro. Duas balas deflagradas. Dois mortos que foram em uma viatura automóvel, as duas primeiras vítimas das 8.500.000 da «Primeira Grande Guerra». O automóvel entra na História, manchado de vermelho, e preto de luto.

Não muito depois iria novamente a viatura automóvel ser chamada para participar da Guerra, não mais manchada de sangue, mas levando a esperança aos que nela confiavam, embora agora, sua pintura fosse bem vermelha.

O Exército aliado atacava sobre «a linha dos Vosges». MULHOUSE já passara de mão em mão, estando os aliados estacionados em MORHANGE. Acontecia, porém, que o grosso do Exército Alemão não se encontrava nessa região, mas sim, encaminhando-se rapidamente através do território belga. Resolveu o general JOFFRE detê-lo em CHARLEROI. Mas o ímpeto dos alemães obrigava-o a recuar sempre pelo centro e pela esquerda, enquanto a ala direita, frente a LORRAINE e à ALSÁCIA, estava firme. Por precaução política, o governo já se encontrava instalado em BORDEAUX. Nessa situação, o marechal alemão VON KLUK investe pelo sul, pondo em perigo PARIS. Felizmente, o general GALLIENI, comandante de campo em PARIS,

percebeu com rapidez o que se impunha e, de acôrdo com o generalíssimo JOFFRE, lança o VI Exército Francês, comandado por MAUNOURY, contra o flanco direito alemão. O importante era a rapidez da ação, para se obter a tão procurada surpresa. O general Gallieni requisita todos os taxis de PARIS com seus motoristas, aquêles mesmos pequenos e vermelhos automóveis que cruzavam as ruas da cidade Luz de dia e à noite. Carregados com cinco infantes cada um, e lança sobre VON KLUK em MEAUX, o primeiro exército de deslocamento motorizado em massa que a História Militar registra. VON KLUK, surpreso, recua. A linha até VERDUN é garantida, passando depois os aliados à ofensiva, criando a grande vitória que a História chama de «milagre do Marne».

Os pequenos e vermelhos taxis de Paris salvaram a França, derrotando os alemães!

A Segunda Grande Guerra veio impôr o motor como grande arma da VITÓRIA. Tornou-se necessária a criação de uma viatura capaz de servir aos Exércitos aliados em qualquer região e em qualquer clima. Os americanos do norte a construíram, fazendo-a tão bem, que a História precisou acompanhar essa viatura automóvel.

O coronel BEDELL-SMITH, Secretário Geral do Alto Estado-Maior Americano, entra em casa do general MARSHAL e lhe propõe a construção, para a guerra, de uma viatura automóvel sólida, rápida e robusta. «Construa, eu confio em V.», foi a resposta sêca e militar do General. «Mas, é necessário

construir quinze viaturas para que os testes nos dê toda a segurança», retrucou o Coronel. «Quanto?» — novamente fala o General. «12.000 dolares cada um», responde o Coronel. «O.K.» concluiu o general MARSHAL. E nesse diálogo que durou, unicamente, dois minutos, foi realizada a viatura mais falada do mundo. A idéia foi do Comandante HOWIE, em 1939, mas a primeira viatura só foi realizada em março de 1940, tendo por berço a região da GEORGIA. Sômente em 1941, foram construídos os modelos semelhantes aos que hoje conhecemos. Inicialmente, foi construída e antes idealizada para conduzir, não importava a quem e deveria andar, não importava onde. Era, em resumo, uma viatura para fazer tudo. Passou a ser chamada, então, de gene-

ral purpose (isto é, para todos os usos). Como os americanos do norte são essencialmente práticos, resolveram simplificar o «general purpose» pelas iniciais «g» e «p», faladas «ji» e «pi». E, com êste nome, agora criado e escrito «jeep» e, por nós brasileiros, também, falado jipe, os aliados ganharam a Guerra. Estiveram com êle nas regiões árticas do Alaska, nas estepes russas, nos desertos da África, nas montanhas da Europa e nos pantanais de Singapura.

Agora, na Paz, é trator, move serras, fornece energia elétrica, reboca vagão, leva e traz para a cidade todos os produtos do trabalho do homem. Enfim, sem o uniforme de guerra é tão humana como nós mesmos.

(continua)

Artigos p/ cama e mesa — Toalhas, Cretones, Cobertores, Colchas, Atoalhados, Guarnições, Opalas, Casemiras, Linhos, Veludos, Lãs, Organdis, Tobralcos Etc.

CASA *Lider* DE TECIDOS

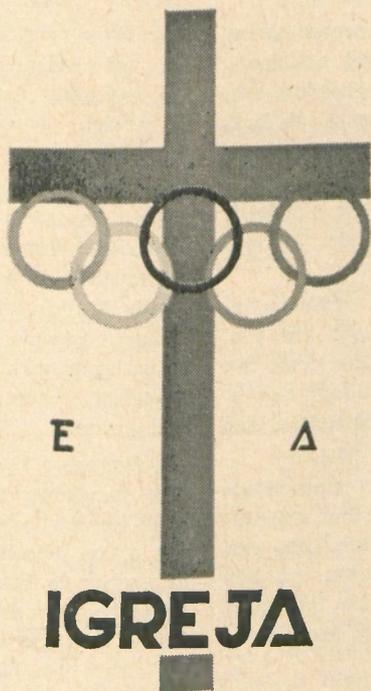
Desconto especial para os elementos da Fôrça Pública e seus familiares.

RUA 25 DE MARÇO, 740
FONE 32-4247

SÃO PAULO

ARRISSON DE SOUZA FERRAZ

A EDUCAÇÃO FÍSICA



* HISTÓRIA E CIÊNCIA

* PROFUSAMENTE ILUSTRADO

* Preço: Cr\$ 45,00

Pedidos pelo Reembolso Postal à Gerência de
«MILTIA» — Rua Alfredo Maia, 106 — S. Paulo.

CAXIAS

O PACIFICADOR E UNIFICADOR DO IMPÉRIO BRASILEIRO

1.º ten. Teodora Cabette

A proporção que o tempo passa no seu marchar infundável, e à medida que as páginas da História vão se avolumando, uma figura de brasileiro intemerato avulta e se agiganta. Esse herói é Caxias, senhor de personalidade marcante e possuidor de brilhante soma de serviços prestados à Pátria.

Com mais de meio século de intensa e profícua atividade em pro do Império, quer na paz como na guerra, o impávido militar se caracterizou pela rígida disciplina que sempre norteou seus atos.

Essa mesma espada, empunhada pela sua mão forte, brilhou nas coxilhas do sul, resplandeceu nos sertões do Maranhão, rutilou em São Paulo e, nos campos do Paraguai, golpeou fundo o inimigo, arrancando a vitória.

Na longa e trabalhosa vida de Caxias, a carreira das armas era-lhe verdadeira predestinação.

A 25 de agosto de 1.803, na fazenda São Paulo de Tuguassú, vila da Estrela do Rio de Janeiro, nasceu aquêlê que seria o único Duque e condestável do Império.

Filho do marechal de campo Francisco de Lima e Silva, assentou praça a 22 de novembro de 1.808, no 1.º Regimento de Infantaria de linha. Em atenção aos serviços

prestados por seu pai, D. João VI, por Aviso Régio, mandou que lhe contasse, desde então, o tempo de serviço.

Aos quatorze anos concluiu o curso de preparatórios e a 25 de agosto de 1.817 prestava o compromisso de honra e jurava à Bandeira. No ano seguinte ingressava na Academia Militar da Côrte, de onde sairia no posto de tenente. Foi então transferido para o «Batalhão do Imperador», recém-criado, sendo designado ajudante.

Por essa época a independência fôra proclamada, e na província da Baía as lutas se sucediam com ardor a fim de expulsar do solo pátrio as tropas de Madeira de Melo. Para lá partiu o tenente Luís Alves de Lima e Silva, integrando o efetivo de seu batalhão, em março de 1.823.

Iria receber seu batismo de fogo nas terras ensolaradas da Baía. Portou-se como um bravo e eis o que nos oferece a narrativa daqueles dias de guerra e cansaças:

«Luís Alves de Lima e Silva, ajudante, assistiu ao ataque de 28 de março e às ações de 3 de maio e de 3 de junho, servindo distintamente em toda a campanha. Na primeira ação, à testa de uma companhia, atacou uma casa forte onde o inimigo

estava entricheirado e o fêz retirar com perda, perseguindo-o até o meter nas suas linhas. Nos dias de fogo comparecia nos lugares de maior perigo, mostrando sua exemplar bravura».

Eram já os primórdios de coragem e arrôjo com que se distinguiria em Itororó, Avaí e Lomas Valentinas.

Promovido a capitão por merecimento, recebeu a condecoração da Ordem do Cruzeiro.

Em 1.825 partia para Montevidéu, então capital da província brasileira da Cisplatina e insurreta por Lavalleja. A luta tomava incremento e assumia proporções consideráveis.

Muitíssimos são os episódios em que o capitão Lima e Silva demonstrou sua têmpera de lutador. Destacou-se nas sortidas de 7 de fevereiro, 5 e 7 de julho, e 5 e 7 de agosto de 1.827, frente a Montevidéu.

No Prata, via fluvial ideal para o reabastecimento das tropas brasileiras, tinha Lavalleja um corsário, armado de canhão à prôa. Esta embarcação constantes danos causava pelos saques e destruições que produzia. Após seus ataques, recolhia-se atrás das linhas inimigas.

Uma noite, Lima e Silva à frente de um grupo de homens resolutos, atravessou a galope as linhas dos orientais, caindo de surpresa sobre os cinquenta homens da guarnição, aprisionando-os; após apoderar-se da embarcação, regressou incólume para o seu campo. Por este ato de desprendida coragem, foi promovido a major em 2 de dezembro de 1.828 e condecorado com a comenda de Aviz.

Já no Rio de Janeiro, Lima e Silva comandava o Batalhão do Imperador quando, em 7 de abril de 1.831, as tropas se confraternizaram com o povo, no Campo de Santana. Só após ter recebido ordem formal de D. Pedro I, foi Lima e Silva reunir-se a seus camaradas.

Após a abdicação, a anarquia e a indisciplina lavrara por todos os corpos da guarnição do Rio de Janeiro. Lima e Silva, intransigente e eterno amante da disciplina e da ordem, organiza então o «Batalhão Sagrado», composto de oficiais que, exercendo as funções de soldados, procediam o policiamento da cidade.

A seguir, ainda nos dias conturbados do início do Segundo Império, foi Lima e Silva designado por Feijó para organizar e comandar o Corpo de Municipais Permanentes.

Inicia-se para o incansável batalhador o afã que o notabilizaria; pacificar as províncias tumultuadas pela discórdia e pela dissensão política.

Em 1.832, por ocasião da «abrilada», derrotava os revoltosos e em 1.839, já coronel, partia para o longínquo Maranhão.

Ardia o sertão em cruentas lutas. Manoel Francisco dos Anjos Ferreira, o Baláio, arrastava pelas caatingas seus sequazes, implantando o terror. Eis o que se conta desse facinora: «a ação do Baláio, na guerra, desmente esse esplendor de legenda heróica. É o mais bandido daquela espantosa cáfila de facinoras. Mata pelo prazer de matar, furta, rouba, incendeia e deshonra com uma ferocidade e uma volúpia

tão hediondas que os próprios companheiros o odeiam».

Na Córte ecoavam os acontecimentos da província rebelada. A cidade de Caxias, pérola da província, fôra cercada pelos balaios e após rápida resistência fôra invadida e saqueada. Este episódio causou viva emoção, pois fácil é de imaginar-se as atrocidades cometidas.

Proseguia a luta feroz e meses depois a mesma angústia pesava sobre a desventurada cidade de Caxias. Nas suas proximidades, cêrca de novecentos bandoleiros haviam acampado. Certa manhã, inesperadamente, Lima e Silva, comandante das forças legais, surge na cidade, aprisionando os facínoras. Exultou a população por sua completa libertação.

Lima e Silva teve que praticar prodígios na administração civil e militar da província, inteiramente desorganizada e tomada pela anarquia. Porém, em menos de um ano, a completa pacificação tinha lugar no Piauí e Maranhão.

Terminada a missão que o levara àquela região, exonerava-se Lima e Silva. Foi promovido ao posto de brigadeiro, sendo-lhe conferido pelo Imperador o título de Barão de Caxias, como evocação da cidade que libertara.

Em 1.842, na província de São Paulo, o ambiente era propício às idéias revolucionárias. A 17 de maio, o grito de rebeldia vinha às ruas. Sorocaba, no interior paulista, era o centro irradiador do movimento. A 21 do mesmo mês chegava Feijó para congregar o núcleo da resistência rebelde.

Novamente Caxias é chamado para restabelecer a ordem subvertida. Nomeado para comandar as tropas legais, era ao mesmo tempo investido no cargo de 1.º vice-presidente da província de São Paulo.

Com dois batalhões e quatrocentos recrutas galgou a serra do Cubatão e penetrou na cidade de São Paulo. Marchavam os rebeldes em direção a essa cidade; entretanto, ao saberem ter Caxias chegado dias antes, estacionaram nas alturas de Pinheiros.

Organizado o exército pacificador, Caxias fêz com que dois mil rebeldes depuzessem as armas em Taubaté. Proseguindo na ação fulminante, sitiou Sorocaba. Feijó procurou entender-se com o comandante das forças legais, porém, recebeu de Caxias a advertência de que «nenhuma resposta receberia que não fôsse a pronta dispersão e submissão dos rebeldes».

No dia 21 de junho entravam as forças legais na cidade de Sorocaba e Feijó era feito prisioneiro.

Assumindo a direção militar e administrativa da província, Caxias iria pacificar os espíritos em tumulto e impor a ordem então alterada. Dois meses depois retirava-se, deixando a província de São Paulo inteiramente pacificada.

Entretanto, a espada do batalhador incansável não poderia ficar por muito tempo na bainha. Apenas quarenta e oito horas depois de regressar ao Rio de Janeiro, recebia Caxias a nomeação de comandante em chefe das forças em operações nas Minas Gerais.

A cidade de Queluz transformá-ra-se em campo de luta. A revolta que tivera rastilho em São Paulo, acesa. Alguns destacamentos legais já haviam sido destroçados e os insurretos marchavam para Ouro Preto.

Partiu célere Caxias com suas tropas e, atravessando difíceis serranias, chegou à capital da província antes do inimigo. Perseguidos em Sabará e Santa Luzia, os revoltosos eram vencidos a 20 de agosto de 1.842.

Em fins desse mesmo mês, regressava Caxias à Corte e por decreto de 29 era promovido a marechal de campo.

Desde 1.835 ardia o sul em lutas que se alastravam em guerrilhas consecutivas. Irrompera a revolta dos Farrapos. Mister se fazia pacificar aquêlê pedaço de terra brasileira e Caxias mais uma vez era chamado. A 9 de novembro de 1.842 era designado para exercer a presidência do Rio Grande do Sul e recebia o comando do exército em operações.

Uma vez em Pôrto Alegre, tratou o Conde de Caxias de normalizar a situação, reduzindo despesas inúteis e organizando a tropa. Em ação de surpresa, sem disparar um tiro, chega com suas forças em São Lourenço, onde estabelece base de operações. A 26 de maio derrotava os rebeldes farrapos em Ponche Verde. Logo a seguir, desbaratava-os em Triunfo, Camacua, Piratinin e Cangussú! até sufocar, de completo, a revolta, em Porongos.

Finda a árdua campanha, dirigia Caxias a todos os riograndenses es-

ta proclamação, transbordante de idéias pacifistas: «Riograndenses! E' sem dúvida para mim de inexplicável prazer ter de anunciar-vos que a guerra civil, que mais de nove anos devastou esta bela província, está terminada. Os irmãos contra quem combatemos, estão hoje congratulados conosco e já obedecem ao legitimo govêrno do Império do Brasil».

Em 1.855 Caxias teve a seu cargo a pasta da Guerra, e em 1.862 a presidência do Conselho e o Ministério da Guerra. Além das medidas administrativas que introduziu, procurou melhorar consideravelmente a organização do Exército. Em 1.863-64 exerceu as funções de Senador.

No ano seguinte eclodia a guerra do Paraguai que se arrastaria por quatro longos anos. Desde a fase inicial das operações, Caxias propôs que se levasse a guerra até o coração da república paraguaia. Entretanto, com o tratado da Triplíce Aliança, excluiu-se Caxias do comando das forças brasileiras.

Dois anos de incertezas e de lutas árduas decorreram e, em outubro de 1.866, foi Caxias chamado à direção das forças.

Os meses de novembro e dezembro, empregou-os para reorganizar e disciplinar as tropas. Janeiro e fevereiro de 1.867 foram dedicados ao início da execução do plano estratégico de campanha, a fim de encerrar o tirano Lopez.

Lentamente, porém com segurança, fazia Caxias avançar o exército na célebre «marcha de flanco».

Estero-Belaco, Tuyu-cué e Curupaiti se sucederam, marcando glórias para nossas armas. Humaitá e Estabelecimento foram dois outros marcos de heroísmo.

Prosseguia a marcha triunfante do exército, já agora desembarcado em Santo Antônio. Em Itororó, Caxias avulta como verdadeiro herói. A frente de seus homens atravessa a ponte ferozmente defendida pelo inimigo.

Em Lomas Valentinas iria se ferir a decisiva batalha, onde Caxias se manteve durante trinta e seis horas a cavalo.

Aberto o caminho para Assunção, Caxias, já então doente e abatingado pelo esforço sobrehumano dispendido, retirava-se, regressando à Corte. Em sua Ordem do Dia n.º 275, de 7 de fevereiro de 1869, assim se expressava: «achando-me gravemente enfermo e tendo obtido do governo Imperial licença para tratar de minha saúde no Brasil, é com o coração oprimido pela dor que sinto, ao separar-me do exército a quem me coube a honra de comandar, que me dirigo aos meus camaradas para dizer-lhes os meus adeuses, restando-me unicamente o consólo de os deixar aos cuidados do bravo e distinto general Guilherme Xavier de Souza, que os saberá levar sempre pelo caminho da glória, que até hoje tem trilhado. Si por ventura tiver ainda a fortuna de restabelecer-me nos lares pátrios, contem os meus bravos companheiros de glórias e fadigas, que ainda voltarei para continuar a ajudá-los na árdua campa-

nha em que nos achamos empenhados».

A 15 de fevereiro de 1.869 era Caxias recebido na Corte. Regressava coberto de glórias e, pelos destacadas atos de bravura, foi-lhe conferida a medalha do Mérito Militar e o título de Duque — o único no Brasil.

Em 12 de outubro de 1.870 era nomeado Conselheiro de Estado extraordinário e a 25 de junho de 1.875 organizava o ministério.

Doente, velho, acabrunhado pela perda da esposa e exausto pela longa vida dedicada à caserna e à Pátria, desaparecia a 7 de maio de 1.880. Perdia o Brasil o seu maior general que durante cinco décadas, sem titubear, servira à causa pública e ao império, com lealdade.

A 8 de maio era sepultado o grande herói. Segundo sua última vontade, seu caixão era conduzido por seis soldados de diversos regimentos, escolhidos entre os que mais haviam se distinguido na guerra do Paraguai. Desaparecia, assim, na modéstia dos grandes, o Condestável do Império.

Sua espada impoluta voltava à bainha, resplandecente de glórias. Traçara os destinos da Pátria, unira os brasileiros dos diferentes rincões no ideal comum, defendera, com energia, o solo pátrio nos momentos de guerra.

Seu aço rijo não ferira ou destruíra, mas sim edificara uma Pátria imensa e livre.

Nada...

Luis Vitor

Quando tu morreres eu não estarei mais ao teu lado,
Nem mesmo lágrimas correrão de meus olhos.
Nenhum frêmito de angústia perpassará meu corpo...
Eu já não serei Nada!

Outras mãos, que não as minhas,
Cruzarão tuas mãos e cerrarão teus olhos;
Outra boca, que não a minha, beijará tua boca
E eu não direi Nada!

Mas um dia...
Mãos vivas carregarão teu corpo finalmente para mim,
Para o Nada!!!

UMA VOLANTE EM MARCHA...

(II)

Noticias da campanha contra Lampião, no nordeste baiano

De Bonfim, Uauá, Jeremoabo, Paripiranga, que foram sedes do comando das forças em operações contra o banditismo, partiam as *volantes* para a perseguição aos bandos de cangaceiros. Umás se deslocavam após informadas da passagem dos bandoleiros por alguma localidade próxima; outras faziam uma perseguição permanente, cruzando o nordeste em tôdas as direções, meses a fio, até descobrirem as pegadas inimigas. Vêzes batiam logo qualquer dos grupos lampiônicos; vêzes, cobriam longos percursos sem notícia alguma dos celerados.

Tinham papel destacado nesta jornada os soldados que faziam a cobertura das *volantes* como vanguardeiros, vulgarmente chamados *rastejadores*, porque a sua missão principal era descobrir o rasto dos bandoleiros... Estes homens, destemidos e sagazes, atuavam como verdadeiros cães perdigueiros, sempre *farejando* pelas estradas, veredas e picadas, examinando pedras e lajedos, ou observando a vegetação. Em movimentos cuidadosos e discretos, o rastejador, em meio da adusta caatinga, indicava a passagem e a direção do inimigo nos caminhos, nas pedras e nas árvores: a folha quebrada, o risco no lajedo (as

alpercatas dos cangaceiros eram cravadas) ou o simples deslocamento de uma pedra, afora outros sinais mais comuns na observação militar. Eles conheciam o nordeste "pé-de-páu por pé-de-páu"... Graças a êles muitas colunas não foram destroçadas pelos bandidos que, quando notavam a perseguição, se não procuravam evitá-la, mudando de direção, armavam terríveis emboscadas para a tropa perseguidora, em locais de difícil defesa. Mas os rastejadores dificilmente se enganavam ao se aproximarem dos bandoleiros, por isso a tropa, mesmo surpreendida pela armadilha, podia safar-se sem maiores danos, porquanto era avisada com tempo de se dispôr convenientemente para qualquer forma do ataque dos bandoleiros.

Podem admirar ao leitor que uma *volante* atuando, dia e noite, numa área relativamente pequena, chegasse a passar semanas e meses sem ao menos obter uma informação sobre os grupos de Lampião, comandados por este ou por Corisco, Arvoredo, Ângelo Roque ou outro qualquer bandoleiro de maior confiança do facinora-chefe. Mas explica-se facilmente.

Os cangaceiros eram conhecedores de tôda a zona e bastante temidos pelos moradores, e contavam, ainda, com a proteção de fazendeiros ou roceiros que chegavam a dar-lhes guarida em suas propriedades, pelo que, considerados "coiteiros", sofriam, por vêzes, cruéis tratamentos das forças do governo, em revide às informações dadas aos bandidos, e de que resultavam conseqüências fatais para algumas *volantes*.

Quem conhece as caatingas do nordeste baiano, limitadas pela ferrovia Leste Brasileiro, de Salvador a Juazeiro, e pelas fronteiras com os Estados de Pernambuco, Sergipe e Alagôas, sabe que a vegetação baixa, rasteira mesmo, permite amplo campo de vista aos que se colocam nos cumes ou nas encostas dos morros e das colinas que ondulam a região. O bando, abrigado ali, poderia passar dias e semanas sem ser visto, ainda melhor contando com o auxílio dos "coiteiros" que lhes levavam notícias e mantimentos, quando não despitavam as *volantes* para que passassem pelas proximidades do "coito". O bandido — vale acrescentar — não tinha lá tanto interêsse de bater-se com as forças do governo, a não ser prevendo vantagens para o bando, isto é, quando não admitisse hipótese alguma de perda de homens no ataque. Então, os cangaceiros, do seu "coito", podiam

até ver a passagem de *volantes*, na sua marcha angustiosa, à procura dê quem, ali, escondido, ria certamente da sua desventura!

Os bandidos evitavam as estradas e passagens por cidades ou povoações, preferindo os trilhos ou veredas feitos por animais, sabendo, de antemão, onde encontrar o pouso amigo, em fazendas de "coiteiros". Não é segredo que Lampeão, por muitos anos, quando desapparecia do território baiano, passava meses inteiros na fazenda de um cidadão de renome político e social no Estado de Sergipe, através de quem o cangaceiro recebia armas e munições. Quando voltava a aparecer na Bahia, surgia sempre das bandas daquele Estado visinho!

Essas, tôdas, as razões por que as *volantes* passavam semanas e meses sem encontrar nem obter notícias dos bandedeiros.

Com êxito ou não, uma *volante* ao regressar ao seu ponto de partida tinha, normalmente, seus homens em trapos, de barba e cabelos grandes, sujeitos, esqualidos, com os pés grossos de calos... Quanto estoicismo! Mal descansavam de uma longa jornada e, já, nova ordem de partida para outras longas e incertas viagens! Dolorosa vida e anônima!...



Fotogravura

MODERNA

VIUVA ARDINGHI & FILHOS LTDA.
R. GUAIANAZES, 467 - TEL. - 52-2966 - S. PAUL

OS CÃES DE QUARTEL

E OS "MEGANHAS"

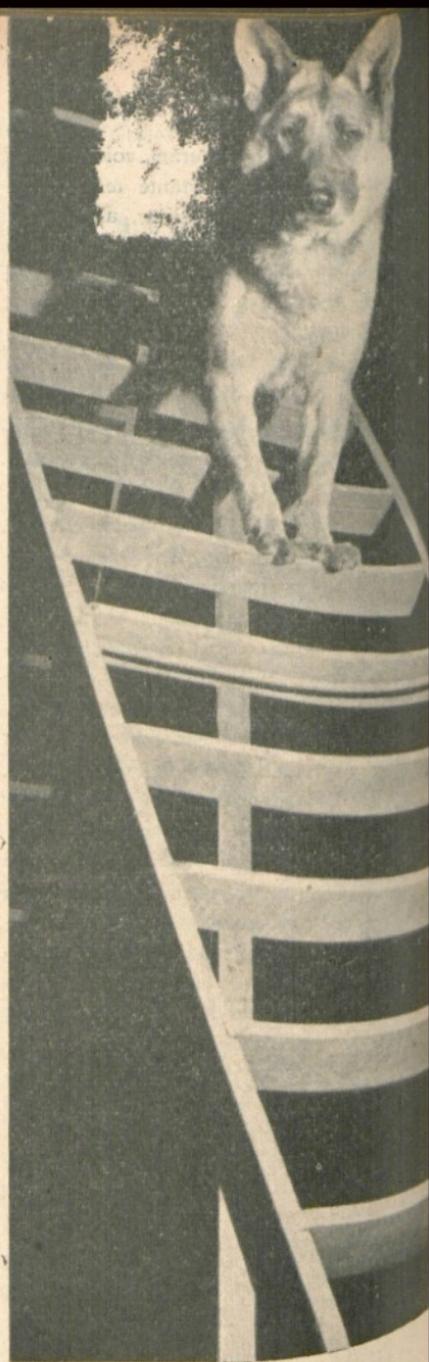
O cão, esse fiel animal, disputa a amizade do homem tanto quanto o cavalo e, não raras vezes, leva vantagem (desculpem-nos os cavalarianos).

Não há quartel da Força Pública que não tenha seus frequentadores caninos. No quartel do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, os "amigos" sempre constituíram enorme malta, e os alunos dos diferentes cursos sempre lhes deram apelidos jocosos: "Xulipa", "Manecão", "Tôco", etc.

Era interessante ver como eles se militarizavam facilmente. O "Bernardão", por exemplo, era um vira-latas feio como a peste, mas como conhecia toques de corneta! Sabia quando tocava "comandante" e corria pressuroso a esperá-lo no saguão que dá para o pátio, sendo invariavelmente o primeiro a lhe prestar as continências de estilo.

Um toque inconfundível a todos era o de "rancho". Com grande entusiasmo e arruaças a cachorrada se postava à porta do refeitório. Era-lhes vedada a entrada e eles bem o sabiam, mas esperavam confiantes em seus protetores, que eram muitos e nunca os esqueciam.

"Xulipa" era uma cadelinha de ouvidos sensíveis. Enquanto a banda de corneteiros executava o toque de "continência", ela chorava e coçava as orelhas o tempo todo, porém, quando a música era suave, ela ouvia atentamente.



Um dia, a "Xulipa" teve seis filhotes; houve grande correria na Companhia de Alunos-Oficiais. Todos queriam levar algo para a mascote. Não

faltaram bolachas, mingaus de aveia e guloseimas. A parturiente atendia a todos com um franco abanar de cauda e um quase que sorriso no focinho preto.

Quando um cachorro "sentava praça", logo se distinguia o "recruta" do "praça pronto". O infeliz não reconhecia os toques de corneta, se assustava com os movimentos de armas, com a ordem unida e, não raras vezes, apanhava dos companheiros.

Domingo, os alunos saíam e a cachorrada parece que adivinhava. Quase não era vista no quartel. À noite, ia chegando. "Manecão" esperava cada aluno na entrada do quartel e o acompanhava até a porta do alojamento.

Um dia, o comandante resolveu acabar com a malta e mandou chamar a "carrocinha". O boato correu célere, e na hora da chegada da "carrocinha" só uns miseráveis recrutas foram presos. Os "praças antigos" foram todos protegidos. E houve aluno que escondeu cachorro até dentro do armário.

A fidelidade de alguns era espantosa. Não perdiam os acampamentos e as manobras demoradas no campo, dormindo em barracas e vivendo nas trincheiras em qualquer soldado.

O Corpo de Bombeiros também tem seus mascotes e quando há uma corrida para incêndio lá vão eles, felizes, nos velozes carros vermelhos. Em dias de desfiles, os soldados os vestem com especial fardamento vermelho que eles parecem envergar com garbo e entusiasmo.

Hoje que a Fôrça Pública possui uma adestrada equipe de cães pastores, tão bem utilizados no serviço policial, esses velhos camaradas, os amigos viralatas ainda não foram esquecidos.

Eles foram os pioneiros...

E, por incrível que pareça, é o soldado de polícia apelidado "Meganha" o que se entende também por "Mata-cachorro", advindo o apelido de que o soldado era obrigado a escoltar as carrocinhas de laçar cachorros, lá pelos idos de 1900.

Ora vejamos...



1 PACOTE DE 400 GRAMAS

CUSTA MENOS

DO QUE 2 DE 200 GRAMAS!

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

VELLANCULO

O T O, =

O BELICOSO

Por J. Mesquita

Oto Gluger foi o nome que o pai lhe deu. Parece que já adivinhava os impulsos que orientariam a vida do filho. Não era propriamente nome de nenhum herói conhecido, mas soava bem para um futuro combatente. Aliás, o nome Gluger já fizera furor entre os prussianos de onde era originário.

Em 1908, quando nasceu Oto, a família Gluger completava um lustro em terras brasileiras, e as tradições bélicas dos ancestrais já não se encontravam tão vivas. A produção de leite e queijo de seu sítio não lhes permitia muito tempo para divagações sobre os heróis da família, muito embora continuassem a lhes causar orgulho, quando lembrados.

O pequeno Oto aprendeu a ler nos cabeceiros dos jornais. As notícias sobre a Primeira Grande Guerra foram a sua cartilha: «Avanço Alemão sobre as Ardenas»; «Defendeu-se Verdun»; «Primeira Batalha do Marne»; «Armistício».

Oto vibrava com o noticiário. A decepção pela derrota da Alemanha não chegou a esfriar seu entusiasmo pelos grandes feitos militares. Seus estudos secundários foram feitos à sombra dos grandes generais: Alexandre, Anibal, Napoleão, Bismark, foram seus ídolos.

A revolta de 22 acelerou seu coração juvenil, mas dela somente soube pelas notícias.

A de 24 apanhou-o com 16 anos. Seu primeiro problema foi decidir-se se seria revoltoso ou legalista. Uns eram simpáticos, mas os outros representavam a legalidade. Optou pelo governo constituído.

Comunicou aos pais que se iria alistar. O pai não só se recusou a consentir, como o proibiu terminantemente.

O ardor que o invadiu foi maior que a obediência. Fugiu de casa e apresentou-se como voluntário às tropas legais. Foi recusado por ser menor. Não voltou para casa. Acomodou-se como pôde na Capital e, durante todo o transcorrer da revolução, perambulou pelas ruas da cidade, assistindo a combates, vendo soldados atirando nos aviões que voavam à grande altura. Tudo isso o fascinava. Viu mortos com a cabeça esfacelada, apanhou muito projétil ainda quente, rodopiando pela calçada. A casa onde morava ficou cheia de buracos de bala, e isso cons tituiu ponto alto de seu orgulho. O pipocar das metralhadoras acalento muitas de suas noites. Ah! quando fôsse maior de idade...

Oto ainda acompanhou o desenrolar da revolução quando esta se arrastou pelos sertões e pelos anos

seguintes, até que se desvaneceu na poeira e no tempo.

Os sonhos de curso na Academia Militar de Rezende foram suplantados pelas necessidades no sítio de seus pais. Oto não se pôde esquivar da cooperação que lhes devia e especializou-se na fabricação de queijo.

A Revolução de 30 surgiu como sua grande oportunidade. Alistou-se no 6.º R.I., fez rápido aprendizado e seguiu rumo a Itararé, onde seriam barradas as tropas sulinas.

A revolta acabou quando Oto estava no trem. São Paulo tinha aberto as fronteiras. A inexpugnável barreira de Itararé não seria posta à prova. Que oportunidade se desprezava! Isto estava fora de sua compreensão. Voltou para casa triste e decepcionado. Retornou à sua lida, pouco falando sobre o caso.

Os clarins de 1932 não o encontraram dormindo. Foi o primeiro que se alistou dentre todos daquelas redondezas. Foi tamanho o seu impulso que ultrapassou as linhas inimigas. Incorporado a um batalhão de voluntários, foi feito prisioneiro nas proximidades de Buri, antes mesmo de ter chegado às posições que sua unidade deveria ocupar. Via Curitiba, foi recolhido à ilha das Flores, de onde sabia vagas notícias sobre o movimento. Acreditava-se que desta feita se esfriaria o entusiasmo belicoso de Oto. Mas não. Inconformado com sua falta de sorte, abandonou a monótona vida de fazedor de queijo e alistou-se como praça na Força Pública do Estado. Isto em 1933. No ano seguinte já

estava matriculado no Curso Especial Militar, rumo ao oficialato.

Agora sim, estava em seu elemento. Botas brilhando, cabelos cortados rente, uniforme impecável. Tática, História Militar, Balística, eram seus fortes. Para as outras matérias o interesse era apenas o necessário.

A intentona comunista de 1935 encontrou-o ainda no C.E.M.. Barulho grosso no Rio de Janeiro. Aquí, prontidão, muita patrulha e imensa expectativa. Os grandes combates e as hábeis manobras continuaram a dormir no cérebro de Oto.

Tudo voltou à calma e Oto tornou-se oficial. Estudou muito ainda. Ensinou bastante. Deu guardas e policiamentos. Fêz inúmeras manobras. Foi promovido quatro vezes. Mas não ouviu um único tiro que não fôsse nos exercícios que dirigia ou executava.

A Segunda Grande Guerra ainda lhe trouxe algumas esperanças, mas essas logo se desvaneceram. Não seguiu nenhum contingente da Força Pública.

A guerra foi longa e custosa. Tão longa e tão custosa que bastou para conformar, definitivamente, o espírito guerreiro de Oto.

Ele, que sempre dissera que o verdadeiro homem morre em pé, morreu deitado. Seu impulsivo coração encarregou-se de levá-lo com muita rapidez e pouca glória.

O toque de clarim que o acompanhou à sepultura não foi um grito de guerra; foi, antes, um lamento resignado de um homem que não se encontrara a si mesmo.

HIPISMO

Cap.

Félix B. Morgado

Muita gente não sabe que a "intervenção" pertence à Equitação Superior de Obstáculos. Como em São Paulo ela é praticada sistematicamente pela maioria dos nossos cavaleiros, é de concluir-se que a ignorância da posição hierárquica dessa "ação" é quase geral, ou que todos os concursistas bandeirantes se julgam capazes de intervir bem, pela sua grande habilidade e por comprovada independência a cavalo.

Que é, enfim, a "intervenção"? É aquela ação discreta do cavaleiro, à frente do obstáculo, visando "régler la foulée" ou "régler le départ", ou ainda, reequilibrar seu cavalo. Com essa ação o cavaleiro fará com que o cavalo atinja um ponto ideal de partida para o salto: afastado, do obstáculo vertical; aproximado, do obstáculo largo.

Para o cavaleiro hábil e experimentado não será muito difícil, com um "coup d'oeil", calcular a distância que separa seu cavalo do obstáculo. Comenta-se ainda hoje, na França, que o cmt. Bizard, já afastado das provas hípicas, regulava a partida de seu cavalo a quinze metros do obstáculo. A experiência, a prática, dão ao concursista de escol esse "senso de medida". Além disso, sua independência a cavalo, física e psíquica, lhe permitirá raciocinar e agir com a presteza e a oportunidade devidas. Se fôr necessário alongar ou encurtar o galão do galope do seu cavalo, ele o fará sem precipitá-lo ou interromper-lhe o ímpeto para o salto, sem destruir-lhe a impulsão. Se o obstáculo é vertical, ele manterá as rédeas acen-

tuadamente ajustadas e imprimirá mais impulsão ao seu cavalo, que se lançará para o salto dum ponto de partida mais afastado. Se abordar um obstáculo largo, seu cavalo saltará dum ponto bem próximo, quando ele diminuir a tensão das rédeas e aliviar um pouco a pressão das pernas. Para atingir o ponto ideal de partida, ele cobrirá a distância que o separa do obstáculo, alongando ou encurtando o galope, gradativamente. Se à frente dum oxer tiver que reequilibrar seu cavalo — após a execução dum curva que acarretou um "debruçamento" de sua montada — não será com meias paradas violentas e sucessivas que o conseguirá. Estas irão destruir a já deficiente impulsão do seu cavalo. Será apenas resistindo com as mãos, endireitando seu corpo e restabelecendo o engajamento dos membros posteriores do seu cavalo, que abordará o oxer em condições de executar um bom salto.

A maioria dos nossos cavaleiros julga que a simples meia parada engaja e reequilibra o cavalo. Desconhece que o engajamento é conseguido através da ação das pernas que "jogam" o cavalo sobre as mãos, que "resistem". Mesmo a meia parada não é uma ação isolada das mãos. É conjunta: pernas e mãos.

Em muitos casos, a intervenção do cavaleiro se processa involuntariamente, como fruto de falta de independência física e psíquica, do medo mesmo.

Como grande parte dos nossos cavaleiros têm o vício de intervir, haja ou não necessidade de fazê-lo (alguns che-



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

**É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E
MAIS BARATO!**

gam a tentar modificar a trajetória do salto, quando o cavalo já está no ar!), é difícil ao observador descobrir quem pretende por livre e espontânea vontade, regular a conduta de sua montada à frente do obstáculo.

O ideal será que os cavaleiros pouco hábeis deixem ao cavalo a iniciativa do salto. A sua intervenção só será prejudicial. Se o cavaleiro se mantiver quieto, o cavalo poderá reequilibrar-se por si e, instintivamente, provurará um ponto de partida para transpôr o obstáculo.

É surpreendente como alguns cavalos conseguem fazer um percurso de energia sem faltas, a despeito das intervenções desastrosas do seu cavaleiro. Isso vem comprovar que o cavalo é um animal generoso... e extraordinariamente forte.

Mas haverá sempre quem esqueça as reais qualidades do cavalo e lhe roube o mérito, para admirar a gesticulação do pseudo grande cavaleiro, e afirmar que este "levanta seu cavalo com as mãos", atribuindo-lhe a força dum poderoso guindaste!

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9º andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36-7659. São Paulo.

SECCÃO *feminina*

UM POUCO DE TUDO PARA AS FILHAS DE EVA

CONSULTAS

Se vocês tiverem algum problema a resolver, ou desejarem a receita de algum prato preferido, escrevam para:

RITA DE CÁSSIA
Redação de "Militia"
Rua Alfredo Maia, 106
São Paulo

pois teremos muito prazer em lhes sermos úteis.



ORIENTAÇÃO DE

RITA DE CÁSSIA

(Bacharel em Jornalismo
pela Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo)

FATO EM FOCO:

Depois do sucesso obtido por Marta Rocha em Long Beach, nos Estados Unidos, resolveram os brasileiros incentivar esse concurso mundial de beleza que, há anos, vem contando com a cooperação de quase todos os países do mundo.

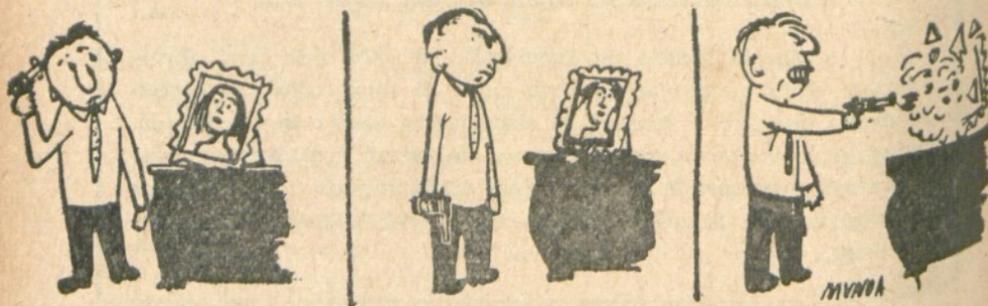
Assim sendo, de verá ser loira ou morena, a nova "Miss" Brasil? Sairá do Norte, do Centro ou do Sul do país?

Inúmeras são as perguntas formuladas; todavia, de uma coisa não devem os juizes tomar conhecimento: a do sobrenome da candidata.

Sendo o Brasil uma nação resultante do caldeamento de raças, de modo algum se poderá exigir que a vencedora possua sobrenome bem brasileiro. Dever-se-á, sim, exigir que a nossa "Miss" Brasil enfeixe, em sua pessoa, qualidades não só físicas, como também intelectuais, pois ao representar a mulher brasileira, estará a nossa eleita concorrendo para tornar ainda mais conhecido e respeitado o nome deste nosso querido Brasil.

RITA DE CÁSSIA

DOS MALES... O MENOR



SER OU NÃO SER

Mount Vernon, com uma população de 71.000 almas, é a maior cidade dos Estados Unidos da América do Norte, onde, em todo o ano findo, não se registrou sequer um desastre mortal de automóvel...

—:—

Guisepe Matarazo, famoso por ter ganho 28 milhões de liras em apostas de futebol, era dono de uma loja que liquidou num tempo recorde. Para isso usou um método bastante simples: abriu a porta do estabelecimento e convidou os transeuntes para entrar

e escolher qualquer coisa que quizessem, sem pagar nada.

As mercadorias, num total de 8 milhões de liras, foram liquidadas em seis horas, apenas...

—:—

O governo da Alemanha Ocidental não permitiu o funcionamento da agência do Correio, da pequena localidade de Himmel (palavra que significa céu, em português), em virtude dos protestos do bispo local contra o uso do carimbo da agência, com essa palavra...

★ ★ ★

O prefeito de Woodvere, nos Estados Unidos, colocou em tôdas as estradas de rodagem que cercam a pequena cidade, os seguintes cartazes: "Guiem devagar. Não há vagas no Hospital local"...

—:—

Durante uma operação cirúrgica em Cristchurch, na Nova Zelândia, os médicos retiraram, do estômago de um prisioneiro, 2 facas, 7 parafusos, 2 canetas e um pedaço de ferro...

DEFINIÇÕES...

Hora das refeições: — Hora em que a criança anda senta-se para continuar a comer...

—The Office Economist



DEFINIDAS

Loja de presentes: — Lugar onde você pode ver tudo aquilo que espera que seus amigos lhe mandem, no Natal...

— Jack Woolsey

COISAS... QUE ACONTECEM

Uma estrela denominada "a negra companheira de Procyon", que se supunha existir há 30 anos, foi "descoberta" por Otto Wilhelm von Struve-famoso astrônomo do Observatório de Pulkovo, em Leningrado, Rússia.

Depois de haver publicado, durante dez anos, as suas freqüentes observações, verificou Struve, com pasmo e desolação, que a famosa estrela não mais existia, ou melhor, jamais existira.

O que havia, na realidade, era uma grande nódoa numa das lentes do seu usual telescópio...

Dentro do teu coração
Tenho metido este meu;
Quando o teu coração bate,
Bate o meu, dentro do teu.

QUADRINHAS BRASILEIRAS

Vivemos do amor que vem...
Do que chega... do que vai...
— Sonho... Ventura... e Saudade...
Três atos... e o pano cai...

ELEGÂNCIA E PERSONALIDADE

Não há nada mais gracioso, gentil leitora, do que uma mocinha vestida com traje caipira. Todavia, entendemos por traje caipira não um vestido sofisticado, desenhado por costureiros "snobs", e confeccionado em estampados de Cr\$... 500,00 o metro, mas sim estes trajezinhos alegres, de chita, rendas e fitas, feitos com gosto e capricho.

★ ★ ★

Para as garôtas alegres, eis aqui dois trajezinhos interessantes. O menor apresenta uma caipira estilizada, enquanto que o outro é uma espécie de raiado da festa. Empunhando o mastro do santo esta garôta, com sua saia toda enfeitada de panos cortados à maneira de pa-peizinhos — bandeira, tem a seu cargo dar início ao baile após a colocação do devido mastro, no centro do terreiro...



CARICATURAS

No restaurante, tentando cortar a carne, o marido diz à mulher:

— Agora compreendo o que o garçon queria dizer, ao recomendar o prato de resistência!...

★ ★ ★

Uma senhora de Atlanta tem um sistema engenhoso para vencer a gordura: quando abre a geladeira, procurando alguma coisa para comer, fora de horas, a primeira coisa que vê grudado dentro da porta, é o próprio retrato tirado na época em que era gorda...





— Com seus trajes alegres, estas mocinhas estão prontas para enfrentar os mais guapos “caipiras” da redondeza. Simples e bonitos, êstes vestidos são os mais indicados para as festas juninas...

★ ★ ★

RECEITUÁRIO AMOROSO

GORDISSIMA — Não fique triste, cara amiguinha. Para como aquela senhora que, para não comer de mais, colocou a fotografia do tempo em que era gorda, na porta da geladeira. Assim, talvez, você consiga evitar a gulodice e, via de regra, diminuir al-

guns quilos. Não se esqueça, porém, de colocar os doces também na geladeira...

VAIDOSA — Congratulome com você, por ser assim tão bonita, mas lembre-se que não devemos nunca correr o risco de darmos demasiado valor a nós mes-

mas. Deixe que os seus colegas façam elogios a você, já que isso tanto lhe agrada, mas lembre-se: “Por mais bonita que uma moça seja, se não souber manter uma palestra agradável, será abandonada após os primeiros cinco minutos”...



1 — Para quem gosta de conjuntos vistosos, Coro apresentou, em seu último desfile de jóias, estes bonitos colares de pérolas, pedras verdes e ouro, que esta garôta preferiu usar, de uma só vez. Interessantes são também estas pulseiras douradas, assim como o brinco, todo cravejado de pedrinhas retangulares.



2 — Estando sempre na moda, os modelos de crocodilo, além de duráveis, vão com qualquer costume de talhe esportivo.

3 — Claude St. Cyr apresenta êsse original chapéu de palha dourada com tira de veludo negro.



do-se admirar tanto pelos homens como pelas mulheres, em virtude da sua aparência pessoal impecável.

Todo o segredo, afirma Peggy, se reduz a sete pontos básicos, que são os seguintes:

1 — O mais importante de todos é o da mais escrupulosa limpeza pessoal. Toda mulher deve usar bastante água e sabão, para conseguir o aspecto de frescor e saúde, que nem os mais caros cosméticos podem trazer-lhe. Lavar o rosto com água e sabão, friccionando-o com uma escovinha macia, estimula a circulação e dá, como resultado, uma cutis perfeita.

2 — Manter as unhas perfeitamente cuidadas, já que isso dá realce às mãos bonitas e beneficia as que não o são.

3 — Manter-se esbelta por todos os métodos possíveis. Para isso não é necessário submeter-se a dieta rigorosa, bastando limitar os doces e os líquidos, incluindo a água, o chá e o café, e não tomar nada líquido às refeições. Muitas pessoas podem reduzir o peso até de duas libras por semana, com êsse método tão simples.

Nota — No próximo número daremos os quatro últimos segredos...

SEGREDOS DE BELEZA

Segundo Peggy Conod, uma mulher pode conquistar popularidade, fazendo

PREVIDÊNCIA

Se vocês, leitoras, costumam comprar latas de biscoitos ou de bombons, não as joguem fora, quando vasia. Faça como Amelia:

Forre-as com um bonito papel estampado, arrume nelas os biscoitinhos, balas ou, se preferir, doces caseiros, e os envie como presentes às pessoas amigas.

Com isso evita-se o tão costumeiro vai-e-vem de pratos, entre vizinhos...



ENRIQUEÇA SEU "MENU"

Durante o mês de junho, principalmente nos dias de Santo Antônio, São João e São Pedro, são comuns as festas e os bailes, em casa de família.

As mocinhas, principalmente, aproveitam estas ocasiões para reunir seus amiguinhos e, assim sendo, aproveitam um pouco mais os momentos felizes que a vida nos proporciona. Assim é que temos, então, os salões, os jardins e até mesmo os quintais enfeitados com bandeirinhas; as fogueiras de verdade, ou de papel vermelho, os vestidos a caipira

e as modinhas tradicionais. Ora, para não quebrar a harmonia reinante, devem vocês oferecer aos convidados, não os doces de tôdas as festas, mas sim os característicos do pessoal caboclo. Assim sendo, deverão oferecer, aos convidados, pé-de-moleques; docinhos de batata-doce, de abóbora e de cidra; bolos de fubá; pipoca, amendoim, pinhão, e até mesmo pamonha e curau.

Façam uma festinha típica e verifiquem, depois, se não fica mesmo mais interessante e animada...

PÉ DE MOLEQUE

Ingredientes

1 rapadura e 1 prato de amendoins passados na máquina.

Modo de fazer:

Colocar a rapadura com um pouco de água numa panela e levá-la ao fogo, para derreter. Quando estiver em ponto de fio, juntar o amendoim, misturando bem. Retirar logo do fogo, e bater até começar a açucarar à beira da caçarola. Derramar sobre uma pedra mármore, previamente untada com manteiga e deixar secar. A seguir, cortam-se os pés-de-moleque, do tamanho que preferir...

BROINHAS DE FUBÁ

Ingredientes:

300g de fubá; 1 garrafa de leite; 1 colher de

manteiga; 1 colher de banana; 5 ovos; 2 colheres, de sopa, de pó "Royal", bem cheias, sal e erva-doce a gosto; 4 colheres, também de sopa, de açúcar.

Modo de fazer:

Ferva o leite com a manteiga, banha, açúcar, sal e erva-doce. Retire do fogo e despeje sobre o fubá, mexendo tudo muito bem e deixando, depois, esfriar. Junte primeiramente as 5 gemas bem batidas e, posteriormente, as claras batidas em neve. Mexa tudo muito bem e, na última hora, acrescente o pó "Royal". Asse em forminhas untadas com manteiga e em forno quente. Sirva-as como preferir, quentes ou frias...

DOCINHOS DE BATATA-DOCE

Ingredientes:

½ quilo de batata-doce branca; ½ quilo de bata-

ta-doce rosa; 1 quilo de açúcar; 1 garrafa de leite de coco, 1 ½ xícara de nozes moídas e cravos à vontade.

Modo de preparar:

Faz-se, com o açúcar, uma calda bem grossa e, quando estiver pronta, juntam-se-lhe as batatas-doces, previamente cozidas e passadas na máquina, o leite de coco e as nozes. Continuar a mexer os ingredientes, apurando-se quando a mistura começar a querer se despregar da panela. Retira-se, então, do fogo, e deixa-se esfriar. Depois de frio, fazem-se as bolinhas, passa-se-as no açúcar cristal, espeta-se-lhes um cravo, em cada uma, e, finalmente, colocam-se-as em forminhas de papel...

ALGUNS CONSELHOS

1 — Limpeza da geladeira — A parte exterior de uma geladeira deve ser limpa pelo menos uma vez por mês, com água e sabão. O ideal, porém, é usar uma cera líquida, especial para esse fim e que, além de limpar, forma uma camada protetora sobre o esmalte da geladeira.

2 — Pregar pregos — Será bom submergir os pregos em água quente, cera derretida ou parafina, antes de serem pregados na parede, pois assim evita-se que esta última fique rachada.

3 — Limpeza de mármore — Uma boa maneira de limpar peças de mármore é utilizar uma mistura de sabão e vinagre. Esfregue bem o objeto com esta mistura e depois enxague, deixando secar completamente...

4 — Pintura de sala — Quanto pintar uma sala, cubra antes todas as lâmpadas ou ligações elétricas com um saquinho de papel e prenda com um barbante. É mais fácil tomar essas providências do que tentar tirar a tinta, depois.



(Gentileza de "A GAZETA")

JUSTA HOMENAGEM

Por terem encontrado, na via pública, apólices no valor de Cr\$.. 27.000,00 e, incontinenti, procurado o seu comandante de Companhia, cap. Valdemar Indalécio, a fim de que se processasse a entrega das mesmas ao seu legítimo dono, os soldados Joaquim Benedito Gonçalves e Adalberto Ferraz, pertencentes ao Batalhão «Tobias de Aguiar» foram alvo, no dia 29 de julho, de significativa homenagem. Frente à tropa formada, e presentes os srs. cel. José Canavó Filho, comandante geral da Força Pública; ten. cel. Alfredo Guedes de Souza Figueira, comandante

do Btl. «Tobias de Aguiar», e cap. Valdemar Indalécio, efetivou-se a entrega das apólices ao sr. Werner Arnhold.

Após ser lido o boletim especial alusivo ao fato, os srs. cel. Canavó e cap. Indalécio saudaram os dois milicianos, ocasião em que os apontaram como possuidores daquela noção do dever que jamais deve faltar ao verdadeiro policial-militar. Finalmente, como prêmio, foram concedidos dois dias de dispensa do serviço aos soldados Joaquim Gonçalves e Adalberto Ferraz. O clichê fixa um aspecto da solenidade.

— :: —
NOSSOS CLICHÊS SÃO CONFECCIONADOS

PELA GRAVARTE LTDA.

VISITAS HONROSAS

A Fôrça Pública foi honrada com as visitas que lhe fizeram, no mês de

agosto, Suas Eminências Reverendíssimas Cardeal GREGÓRIO — PEDRO XV AGAGIANIAN, Patriarca dos Armênios Católicos; Monsenhor INACIO ZIADE, Arcebispo de Beirute — Representante Patriarcal Maronita — e Monsenhor FRANCISCO AYOUN, Arcebispo de Aleppo.

Quando da visita de Suas Eminências ao Quartel General da corporação, o sr. cel. José Canavó Filho, comandante geral, os saudou com os expressivos discursos que abaixo transcrevemos:

“Eminentíssimo sr. Cardeal Gregório — Pedro XV Agagianian.

“Ex abundantia cordis os loquitur” — (a boca fala porque o coração está transbordante).

E é por excesso de simpatia e de entusiasmo que, na minha qualidade de Comandante Geral da Fôrça Pública do Estado de São Paulo, me é licito e ao mesmo tempo grato o empenho que ora assumo, de dirigir-vos, em língua italiana — que bem conheceis — o mais cordial e afetuoso cumprimento desta Milícia.

E êste cumprimento o dirijo, também, à vossa cara Pátria, tão distante, mas sempre perto de nosso coração.

A vossa Pátria, cujos filhos escuzveram, com seu suor, uma das páginas mais brilhantes da história do comércio e da indústria de meu País.

A vossa Pátria, pequena em extensão territorial, mas tão grande pela sua fé imorredoura; fé imorredoura, porque cada ânimo armênio é um verdadeiro tesouro de tradições; cada ânimo armênio é, indiscutivelmente, uma arca na qual se fecham os costumes e os cantos da Pátria infeliz; êstes cantos que nascem, como golçadas de sangue arden-

te, do coração despedaçado dum raço forte que, por um fenômeno único no correr dos séculos, tem resistido e resistirá, agora è sempre, a tôdas as tentativas de dispersão e de destruição, com uma tenacidade igual ao heroísmo.

Cumprimento em V. Em. a gloriosa terra dos campos férteis, onde repousa a sombra do poeta, glória imortal da literatura oriental.

E neste instante façamos florir, sobre sua tumba, as flôres do nosso amargo pranto, sentindo ainda o seu desesperado apêlo: “Eu vos conjuro, ôh! amigos de minha juventude morta! Eu vos imploro, pelas damas que o vosso coração amou! Colocai uma coroa de rosas sôbre a campa daquele que tanto adorou. E as flôres que depuserdes sôbre a terra fria do meu sepulcro, serão como uma gota de lágrima distilada das palpebras de uma coroa, através a pétala de uma rosa apaixonada”.

Cumprimento, em V. Em., a gloriosa Pátria dos heróis mártires que brilharam como uma coroa de espinhos.

Pois, fiéis à sua Pátria, morreram de uma morte radiosa e pura. E o seu



Aspecto da visita feita por S. Eminência Reverendíssima Cardeal GREGÓRIO — PEDRO XV AGAGIANIAN, ao Quartel General da Fôrça Pública.

sangue fêz com que a coroa se transformasse em um imenso jardim de rosas rubras.

A V. Em., ilustre prelado, e à vossa Armênia, o cordial cumprimento de um militar paulista e de seus comandados.

Irmãdos, portanto, à solidariedade de nossos pensamentos, do sentimento

e da obra da cruz e da espada, a solidariedade da igreja e da caserna.

Eminência: Não é presunção, nem são palavras lançadas ao vento: com a face voltada para o Sol — o triunfo e a glória da cruz e da espada aproximam-se.

Não é, portanto, um augúrio, é um vaticínio, assim o seja.

(Esta oração foi proferida em língua italiana)

"Eminentíssimo sr. Arcebispo de Beirute — Monsenhor Inácio Ziade, Representante Patriarcal Maronita,

Eminentíssimo sr. Arcebispo de Aleppo — Monsenhor Francisco Ayoub.

Quando Deus enviou Moisés ao Egípto e lhe confiou a missão de libertar o seu povo, prometeu-lhe uma assistência especial: — "Vai, pois, agora, e eu serei como a tua boca e te ensinarei o que hão de falar".

Que Deus me inspire para poder interpretar, junto a Vossas Eminências, nosso sentimento de júbilo ao acolhê-los em nossa caserna.

Honra e privilégio insignes constituem para a Fôrça Pública do Estado

de São Paulo e de seu Comandante Geral, a visita de Vossas Eminências.

Saudando os ilustres Senhores Arcebispos, rendemos o tributo de respeito e de profunda simpatia pelo Libano e pela Síria, tão distantes geograficamente, mas sempre próximos de nosso coração.

Saudando as ilustres pessoas de Vossas Eminências, cumprimentamos afetuosamente seus concidadãos, membros da obreira colônia radicada em nosso País e, sobretudo, em nosso Estado, onde constitui verdadeiro baluarte em sua indústria, no seu comércio e nas suas artes.

Saudando as ilustres pessoas de Vossas Eminências, reafirmamos, contritos, nossa fervorosa fé na religião de Jesus, da qual V. Eminências são esclarecidos e iluminados representantes.

Daquele que no dizer de ERNEST RENAN:— "Repousa agora na tua glória, nobre iniciador. Findaste a tua obra, fundaste a tua Divindade. Não receis ver derrubar por um erro o edificio erguido pelos teus esforços. Daqui por diante, fora do alcance da fragilidade, assistirás do alto da Paz Divina, às conseqüências infinitas dos teus atos. A

(Esta oração foi lida, em nome do sr. cel. José Canavó Filho, comandante geral, pelo sr. ten. cel. Arrisson de Souza Ferraz, chefe interino do E.M. da Fôrça Pública).

★ ★ ★

VISITA AMIGA

Visitaram-nos em companhia do ten. cel. Rubens Teixeira Branto, presidente do Clube dos Officiais da nossa Corporação, os capitães Abel Casassa Zapata e Simon Ruiz Lizarazú, ambos do Corpo de Carabineiros da Bolívia. Os ilustres officiais, leitores assíduos de nossa revista, após agradável palestra com os nossos diretores visitaram, demoradamente, as diversas secções da nossa tipografia.

Ambos servem no Corpo de Carabineiros, sediado em La Paz e, no

custa de algumas horas de sofrimento, que nem chegaram a tocar a tua grande alma, granjeaste a mais completa immortalidade.

— Mil vèzes mais vivo, mil vèzes mais amado depois da tua morte do que durante os dias da tua passagem neste mundo, virás a ser a tal ponto a pedra angular da humanidade, que arrancar o teu nome dêste mundo seria abalá-lo até os seus fundamentos. Entre Ti e Deus não haverá mais distinção.

— Plenamente vencedor da morte, torna posse de teu Reino, onde te hão de seguir, pela estrada real que tracaeste, largos séculos de adoradores".

E assim tem sido até agora, e se-lo-á para sempre.

Afirmo de coração a Vossas Eminências que, em assim me expressando, traduzem as minhas palavras um estado real de alma, criado pela distinção que nos conferem com suas visitas.

Eminências:

A inesquecível recordação dêste momento ficará registrada nos anais de nossa Centenária Corporação, como áurea e fulgente página.

momento, freqüentam o Curso de Aperfeiçoamento da Polícia Militar do Distrito Federal. O capitão Simon, frizando inicialmente que as suas considerações tinham por base o conhecimento que tem da organização do Corpo de Carabineiros do Chile, onde estagiou, teceu elogios à nossa organização.

Profundamente grata à visita honrosa, MILITIA deseja aos capitães Abel e Simon, sucesso pleno no curso que ora fazem no Distrito Fe-

O QUE SÃO E O QUE FAZEM OS ESCOTEIROS

ESCOTISMO

É um método de educação apresentado ao rapaz na maneira agradável de "um grande jôgo", que complementa a função do Lar, da Igreja e Escola, desenvolvendo-lhe o caráter, a personalidade e a boa cidadania. .

OBJETIVO

O objetivo do Movimento Escoteiro, encontrá-mo-lo analisando a Promessa que faz todo rapaz ao ingressar em suas fileiras:

"Prometo pela minha honra fazer o melhor possível para cumprir meus deveres para com Deus e minha Pátria, ajudar o próximo em tôda e qualquer ocasião, e obedecer 'a Lei do Escoteiro".

DEVERES PARA COM DEUS

O Escotismo reconhece a necessidade de desenvolver na juventude os princípios religiosos, porém de modo algum é sectarista e, por essa razão, não recomenda determinada religião. A tôdas aceita e a tôdas auxilia.

Seu princípio é que os jovens devem ter uma crença religiosa e reconhecem as bondades infinitas de Deus; deixa aos pais, porém, ou às instituições com as quais o Escoteiro esteja ligado, o dever de desenvolver-lhes estes princípios.

DEVERES PARA COM A PÁTRIA

Estes deveres dizem respeito tanto nos tempos de guerra como no de paz. Na guerra, a Pátria encontrará os Escoteiros dispostos a prestar-lhe serviços verdadeiramente úteis, em consequência de um adestramento disciplinado e ao ar livre. Na paz, poderão oferecer u'a mente instruída, expedita, com capacidade de direção para desempenhar trabalhos e funções de responsabilidade na comunidade ou no govêrno.

LEI DO ESCOTEIRO

Estes serviços hão de ser de positiva importância, pois serão respaldados pelo cumprimento de um valiosíssimo CÓDIGO DE HONRA, pelas máximas da Lei Escoteira que estimulará o rapaz a ser um cidadão HONRADO, LEAL, ÚTIL, AMIGO, CORTÊS, BONDOSO, OBEDIENTE, ALEGRE, ECONÔMICO E LIMPO.

SERVIÇO AO PRÓXIMO

E se um homem ajuda assim sua Pátria, é necessário também reconhecer que está prestando importantes serviços a seus semelhantes, à comunidade, para o que se mantém fisicamente forte, moralmente reto e mentalmente disposto.

PROGRAMA

DESENVOLVIMENTO FISICO

Proporciona o desenvolvimento físico do rapaz por meio de jogos ao ar livre, exercícios, práticas especiais, excursões e acampamentos.

DESENVOLVIMENTO MORAL

Desenvolve uma moral sã pelo cumprimento DIÁRIO de sua religião, e também pela observação constante e cuidadosa da LEI ESCOTEIRA

DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL — VOCAÇÃO

Por último, lhe dá uma preparação adequada, "instrução" pelos conhecimentos das provas de classe: NOVIÇO, SEGUNDA E PRIMEIRA (Cosinha, Câmpismo, N-os, Natação e Salvamento, Primeiros Socorros, Regras de Segurança, Transmissão de Sinais, Orientação, Estudo da Natureza, etc.), e também pelas Insígnias de Especialidades que desenvolvem a vocação no rapaz: Enfermeiro, Carpinteiro, Pedreiro, Mecânico, Jornalista, Eletricista, Topógrafo, Piloto, Telegrafista, etc.

ESCOLA DE RESPONSABILIDADE

Mais importante do que tudo isso, porém, é que cria e desenvolve os hábitos e qualidades de "obediência" e de "direção", pois desde que o rapaz ingressa na Associação, se vê obrigado a seguir uma disciplina, ao mesmo tempo que se lhe dá um cargo na Patrulha, isto é, terá em seguida sua primeira responsabilidade. E desde o cargo de Secretário ao de Almoxarife da Patrulha, vai passando sucessivamente pelos cargos de Submonitor, Monitor, Guia, Subchefe e Chefe. Esta é, pois, outra magnífica face do Escotismo, que o converte em ESCOLA DE LIDERES E EM ESCOLA DE RESPONSABILIDADE.

MÉTODOS

Esta é, talvez, a maior glória do Escotismo. A chave é a seguinte: dar responsabilidades e trabalhos ao rapaz, de maneira, a que se sinta não como espectador de um programa, mas, como ATOR do mesmo, e conduzi-lo por meio de jogos, costumes e tradições especiais primitivas e românticas, que lembram muitas vezes os exploradores das selvas, os pioneiros, missionários, guarda-frotas, ideais dos Cavaleiros Andantes, trabalhos manuais, explorações, excursões e acampamentos

ADESTRAMENTO

Adestra o rapaz por meio de programas especiais, destinados a reunir as necessidades físicas e psicológicas em suas diferentes idades:

LOBINHOS — de 7 a 11 anos. (Estes seguem uma forma simplificada da Promessa e da Lei).

ESCOTEIROS — de 11 a 17 anos.

PIONEIROS — 18 anos em diante.

ARTE MATEIRA E CAMPISMO

A saúde, o auto-domínio, a coragem, o sentimento de camaradagem e uma profunda apreciação da obra de Deus, são desenvolvidos pela vida ao ar livre e o estudo da Natureza. O campismo é a chave de todo o adestramento escoteiro.

MILITARISMO

Como organização, o Movimento Escoteiro não é militar em sua forma, espírito ou pensamento. O Uniforme, a patrulha e a tropa, não são de ordem guerreira; servem para conservar a unidade, a harmonia e o ritmo do espírito que os rapazes adquirem no Escotismo. O Movimento Escoteiro não é militarista, porém é patriótico e prepara os rapazes para a boa cidadania.

ESPIRITO INTERNACIONAL

O Escotismo tem-se ocupado em incluir e destacar em seu programa aquilo que os rapazes das diferentes nações da Terra têm em comum: a igualdade de ideais e finalidades, pondo em prática meios adequados ao seu alcance e fazendo abstração de raças, crenças e castas. Daí sua influência no desenvolvimento da BOA VONTADE ENTRE AS NAÇÕES

A organização mundial dos Escoteiros é uma entidade jurídica internacional de caráter puramente civil, fundada por Lord Baden-Powell, com sede em Londres, na qual estão representadas, por meio de um Comitê Internacional, a quase totalidade dos países civilizados.

DESTAQUE

Os dirigentes escoteiros realizam seu nobre e patriótico trabalho HONORARIA E DESINTERESSADAMENTE.

As atividades escoteiras NÃO INTERROMPEM DE MODO ALGUM as habituais horas de trabalho nos escritórios, oficinas e escolas, pois que se desenvolvem PRECISAMENTE NAS HORAS LIVRES DO RAPAZ.

O Movimento Escoteiro é EXTRITAMENTE APOLITICO.

O INGRESSO no Movimento, bem como a SAIDA, é inteiramente VOLUNTARIO.

ORGANIZAÇÃO NACIONAL

A organização e orientação do Movimento Escoteiro no Brasil estão afetas à UNIAO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL, com sede no Distrito Federal, conforme Lei n.º 5.497 de 27-7-928, Decreto-Lei n.º 8.828 de 25-1-946 do Governo Federal.

[Contribuição da Equipe Nacional de Adestramento].

— :: —

Há pessoas que dizem mal de tudo, para inculcar que prestam para muito.

MARQUÊS DE MARICA

HOMENAGEM AOS QUE

TOMBARAM, EM 1932,

POR S. PAULO E PELO BRASIL

Por iniciativa do sr. cel. José Canavó Filho, comandante geral da Fôrça Pública, foi celebrada missa solene, às 10 horas do dia 23 de julho, no cemitério São Paulo, em memória do general Júlio Marcondes Salgado e outros que, em 1932, tombaram na defesa dos sagrados princípios que inspiraram o Movimento Constitucionalista.

Estiveram presentes ao ato religioso, que foi celebrado pelo ten. cel. monsenhor Paulo Aurissol Cavalheiro Freire, capelão militar da Fôrça Pública, a viúva do general Marcondes Salgado; o general Honorato Pradel, secretário da Segurança Pública; coronel José Canavó Filho, comandante geral da Fôrça Pública; ten. cel. Fausto Quirino Simões, chefe da Casa Militar; representantes dos presidentes do Tribunal de Justiça, da Assembléia Legislativa, da Câmara Municipal, do prefeito da Capital, dos comandos da Zona Militar do Centro e da 2.ª Divisão de Infantaria; juizes do Tribunal Militar do Estado; comandantes de corpo, chefes de serviço e diretores de estabelecimento da Fôrça Pública, bem como representantes da associação "Veteranos de 1932-MMDC", e grande número de oficiais da nossa corporação.

Após o ato religioso, o tenente coronel José Gladiador, comandante do

Regimento de Cavalaria da Fôrça Pública, pronunciou expressivo discurso que, abaixo, transcrevemos. A seguir, o general Honorato Pradel e o coronel José Canavó Filho depositaram, ao pé do mausoléu do general Salgado, coroa e flôres oferecidas, respectivamente, pelo govêrno do Estado e pelo comando geral da Fôrça Pública.

Encerrando a solenidade, a Banda de Clarins da milícia paulista executou o toque de silêncio.

Eis a íntegra do discurso pronunciado pelo ten. cel. José Gladiador:

"Ainda nos chegam aos ouvidos as notas doridas e plangentes do tóque de silêncio que ressoou por tôda a cripta do Monumento — Mausoléu, durante o sepultamento, a 9 de julho, dos despojos dos primeiros heróis da revolução constitucionalista.

Lágrimas, profunda tristeza, demonstrações religiosas, militares e cívico-patrióticas, e um último adeus foi dado aos mártires da epopéia bandeirante pela massa humana que se comprime em tôrno do seu derradeiro abrigo.

Miragaia, Martins, Dráusio, Camargo e Paulo Virginio, receberam das mãos trêmulas e dos olhos úmidos do paulista, a última despedida, a despedida da saudade, o adeus da fraternidade, o adeus da gratidão pelos seus

grandes feitos na arrancada épica de 1932.

No dia de hoje, data em que se reverenciam os vultos de nossos heróis — mártires, aqui estamos, membros da família Força Pública, para secundar o povo de São Paulo no seu gesto altamente significativo, trazendo, de modo todo particular, o coração e a alma feridos pela dor da perda e da separação de nossos entes queridos, a fim de patentear a nossa imorredoura saudade por todos os camaradas que tombaram dignamente em combate, em defesa de um ideal e no cumprimento exato do dever.

Bravo General Salgado! Valente Major Uchôa, Capitães Marcelino e Penha, Tenentes Quirino e Sobrinho e demais denodados guerreiros de 32! Não devemos vos importunar por muito tempo, bem o sabemos, porque preferis e mereceis o silêncio absoluto deste campo santo. Não nos alongaremos, portanto, em o nosso contato, pois não viemos aqui para rememorar a vossa ação destacada no combate, para reavivar os episódios da revolução, cujas páginas ajudastes a escrever com o vosso próprio sangue, porque, ainda, ecoam, por todos os rincões da Pátria, os brados dos gigantes que se bateram pela liberdade, pela democracia e pela constitucionalização do país. Aqui viemos para vos dizer que estais sempre junto de nós! Que permanecemos juntos na mesma coluna, marchando ombro a ombro e a passos firmes, com o objetivo por vós fixado — trabalhar pelo bem, engrandecimento e felicidade de São Paulo e do Brasil!

Bravos combatentes de 1932! Como guardas da honra e das instituições, soubestes, com galhardia, defender a vossa terra, para que pudéssemos afirmar, no fim da jornada:



General Júlio Marecondes Salgado

— São Paulo não foi vencido, porque a bandeira que ajudastes a desfaldar e a conduzir, de combate em combate, não se abateu e continua intacta, inatingível e imaculada!

— São Paulo não se afrontou, porque a terra sulcada pelas trincheiras que ajudastes a construir e a defender, com o sacrifício da própria vida, guar-

ce, bolo de fubá, amendoim... e uisque escossês legítimo, mesmo. E não há esquecer a quadrilha, sempre bem marcada e ensaiada pelo nosso grande maior Pimentel.

Mais uma vez o Clube dos Oficiais

merece os nossos parabéns sinceros. Sem dúvida, a festa de São Pedro marcou mais uma expressiva vitória na sua já tão grande lista de iniciativas felizes.

Os clichês fixam aspectos dos festejos.



AINDA O 146.º ANIVERSÁRIO DA MILÍCIA CARIOCA



Como parte dos festejos que assinalaram o transcurso do 146.º aniversário da nossa co-irmã do Distrito Federal, realizou-se, no dia 15 de maio último, renhida disputa de bola ao cesto entre as equipes de oficiais da Força Pública de São Paulo e da corporação aniversariante. O clichê acima fixa os dois quadros, vendo-se, à esquerda, os representantes da nossa milícia, vencedores do embate.

COMUNICADO DO

CLUBE DOS OFICIAIS DA FÔRÇA PÚBLICA

Por ter o ten. cel. Nelson de Carvalho Rosa, solicitado seu afastamento das funções de 1.º tesoureiro do Clube dos Oficiais, tomou posse daquele cargo o 1.º tenente Osvaldo Stevaux. Foi convocado, e se encontra no exercício das funções de 2.º Tesoureiro, o 1.º ten. Ademar Ferreira.



BAHIA

O NOVO COMANDANTE DA PM SUPERINTENDERÁ O POLICIAMENTO

Em declarações à imprensa do Salvador, em fins de junho último, o cel. Manoel Graça Lessa, novo comandante da PM, afirmou que os seus problemas são puramente de ordem técnica, mas que não prescindirá da colaboração da imprensa no estudo das saluções daqueles que, de um modo ou de outro, virão afetar a população.

O cel. Graça Lessa, cujo trabalho na PM do Distrito Federal, como auxiliar imediato do cel. João Uruará de Magalhães, é conhecido e louvado, declarou que uma das suas primeiras providências na corporação que passou a comandar seria a criação de um Serviço de Relações Públicas, no qual se farão reuniões semanais com os jornalistas credenciados para tal fim, para debate das providências que deverão ser tomadas nos setores do policiamento. E

explicou, bem humorado, o cel. Lessa:

«— Assim todos seremos responsáveis. Acho que os repórteres policiais, trabalhando em equipe com a policia, poderão oferecer antes de qualquer experiência «em absoluta primeira mão», como os senhores mesmos costumam dizer, as primeiras reações, que são legitimamente do grande público. A policia é um organismo de serventia pública. Não admito excesso de qualquer maneira».

Vale frizar que o cel. Lessa foi um dos artifices do clima de disciplina ora reinante na PMDF. Cêrsa de 300 soldados foram expulsos daquela corporação.

«— Um homem que veste farda tem certas obrigações para com a sua roupa. Um militar não pode ser subornado, não pode receber gorgetas, nem cometer excessos no policiamento. A policia é para ir para a rua, proteger e servir à população. Se eu tiver que reter um policiador durante 15 ou 30 dias no quartel, isto é sinal de que esse não serve para policia. Como poderá infundir respeito a um desordeiro se ele próprio não tiver conduta condigna? Depois das expulsões na policia do Distrito Federal, semanalmente os soldados daquela corporação me encaminhavam entre 16 e 20 mil cruzeiros de tentativas de suborno, juntamente com a denúncia das mesmas. Convenhamos que isso no Brasil é surpreendente.

CICLISTAS E CAES POLICIAIS

O cel. Lessa declarou também que não irá usar ciclistas no policiamento da cidade como se propalou:

«— A Bahia tem muitas ladeiras, topografia irregular. Não vou matar meia dúzia de homens, ou quantos sejam, mandando-os pedalar ladeira acima e abaixo. Pretendo, porém, introduzir cães policiais em diversos serviços, como por exemplo, na guarda de presídios, no serviço de proteção às crianças, em passagens de trânsito, no policiamento ostensivo, com os »Cosme e Damião» (o cel. ignora ainda que na Bahia, já foram batisados como «Filhos de Exú») e, possivelmente no salvamento de praias. Estudarei, também, a localização de postos de perícia de Trânsito para evitar, com a demora de chegada do perito, o engarrafamento do tráfego. E, por hora, é só o que posso dizer. Preciso conhecer, antes de realizar, os recursos de que poderei dispôr em homens e em material; em qualidades e em quantidade.

COQUETEL EM HOMENAGEM A IMPRENSA

Explicações sôbre a reorganização da PM

Durante o coquetel que a PM ofereceu, no dia 23 de junho p. findo, no quartel dos Aflitos, o cel. Lessa apresentou os planos de reorganização da corporação, dentro dos rumos atuais de policiamento ostensivo.

Da exposição do cel. Lessa, através de gráficos e organogramas e demonstrando uma grande vontade de bem desempenhar a missão que lhe foi confiada pelo govêrno do Estado, chegou-se aos seguintes pontos conclusivos:

A Polícia Militar tem efetivo muito reduzido

A centenária milícia que já teve um efetivo de mais de 6 mil homens, hoje conta apenas com 2 mil e poucos soldados, inclusive mais de oitocentos que não podem ser empregados no policiamento. Mesmo com êsses todos 2 mil homens, a Polícia Militar, em face da população do Estado, não pode manter um soldado em localidades cuja população for inferior a 2.500 habitantes!... Vários municípios da importância de Ilhéus, Itabuna, Conquista ou Feira de Santana, atualmente não contam nem com quinze soldados para a manutenção da ordem em todo o município! Daí, na sua exposição, o Coronel Lessa perguntar, de quando em vez, para nós da imprensa e do Legislativo:

E' possível fazer policiamento, nestas condições?

Ressaltou o ilustre oficial que deseja incorporar, agora, quinhentos soldados, para preencher os claros existentes na Polícia Militar. E que êste pessoal será instruído e adestrado para fazer o policiamento na Capital, até que possa trazer do interior muitos soldados que precisam ser readaptados.

Reorganização planejada

Disse o Comandante Graça Lessa que muita cousa já encontrou de bom na Polícia Militar, todavia necessitando de uma reorganização ou de um melhor enquadramento, de modo que pouco teria de solicitar do Govêrno, a não ser no tocante ao reaparelhamento da corporação.

Mostrando-nos um organograma de tôda a PM, o Coronel Graça

Lessa apontou especialmente as inovações que deseja introduzir na Polícia Militar.

Começou pela parte atinente ao interior. Além dos Batalhões já existentes, que seriam acrescidos de uma subunidade especializada em «polícia de trânsito» deveriam existir mais alguns esquadrões de polícia montada, que, entre outras missões, teriam a de policiar as fronteiras, sobretudo para evitar o tráfico de contrabandos e a conseqüente evasão de rendas de que tanto padece o nosso Estado. Seria criada uma unidade de Polícia Rodoviária, de modo que particularmente a rodovia Rio-Bahia fôsse inteiramente policiada pela PM baiana, como proteção ao tráfico e, ainda, com a missão de reprimir os traficantes de maconha que geralmente buscam e infestam a Capital Federal.

Na Capital, as unidades existentes seriam reorganizadas e aparelhadas para os diversos misteres policiais, de maneira que teriam subunidades destinadas ao policiamento urbano, com o aumento dos «Cosme e Damião», que seriam de fato homens muito bem instruídos para o trato com o público. Teríamos Rádio-Patrolha, ainda que contra tal serviço esteja o mau funcionamento dos nossos serviços telefônicos. Seriam empregados cães pastores no salvamento nas prais e até para proteção de menores no trânsito urbano, como já ocorre no Rio, para isto — disse o Coronel Lessa — já contava com 20 cães postos à sua disposição pelo Sr. Lafaiete Coutinho, Secretário da Segurança Pública, também muito interessado pela reorganização da polícia baiana, e que

o aparteu para salientar que os animais foram oferecidos pelo Kennel Club.

A Polícia fora da política partidária

O Coronel Graça Lessa, durante a exposição, assegurou que tudo faria para que a Polícia Militar ficasse inune das influências politico-partidárias, pois a missão da polícia é servir à coletividade e não a partidos ou indivíduos.

Apêlo aos Deputados

E por aí foi o Coronel Graça Lessa expondo os seus planos. Antes de concluí-la fêz um veemente apêlo aos senhores deputados no sentido de que, como representantes do Povo, ajudassem a Polícia Militar na quele «desideratum» político e social, como também ressaltou a necessidade da ajuda por parte da imprensa baiana, que não poderia negar também o seu concurso àqueles empreendimentos, especialmente neste instante em que no Brasil estão se irradiando novos processos de policiamento ostensivo, através das Polícias Militares que são e devem ser, de fato, as guardiãs da Ordem Pública e dos Direitos dos Cidadãos.

O CENTENÁRIO DE SEABRA. NA PM

A Polícia Militar do Estado, através do seu Comando Geral esteve presente a tôdas as solenidades que assinalaram a passagem do I Centenário de nascimento do eminente baiano Dr. José Joaquim Seabra, numa prova inequívoca de reconhecimento pelos grandes serviços prestados pelo ilustre homenageado, à nossa Pátria. Por outro lado, a atitude de nossa centenária milícia tanto mais se justifica, quando se

sabe que o Dr. José Joaquim Seabra iniciou a sua vida pública como Promotor de nossa Justiça Militar, à qual prestou inestimáveis serviços.

A propósito das homenagens que serão tributadas à memória daquele ilustre baiano, o Comando Geral da Polícia Militar fez circular o seguinte boletim especial:

"A Polícia Militar do Estado da Bahia sente-se no dever de associar-se ao Governo e ao Povo, neste dia, quando se comemora o centenário de nascimento do eminente homem público, Doutor José Joaquim Seabra, não só pelos inestimáveis serviços prestados à nossa terra, como político que sempre militou em defesa dos sagrados princípios democráticos, nos altos postos da magistratura que os conterrâneos lhe confiaram em toda sua carreira política, mas, também, considerando que o home-negeado fôra Promotor da nossa Justiça Militar, no alvorecer de sua vida pública, nomeado em 17 de novembro de 1877, em substituição ao primeiro representante do Ministério Público que integrou os quadros do então Conselho Criminal da Polícia Militar.

Reafirmamos a nossa admiração e o nosso preito de gratidão ao ilustre conterrâneo, cuja vida é um símbolo de coragem cívica e amor à Bahia, digno de ser imitado por todos nós que devemos devotamento à Pátria, e garantia aos princípios legais que estruturam o sistema político do Brasil.

Interpretando os sentimentos desta Polícia Militar este Comando resolve:

a) — determinar que seja hasteada, hoje, a Bandeira Nacional, em todos os quartéis da Polícia Militar;

b) — depositar, na sepultura do homenageado, uma corôa de flôres naturais;

c) — este Comando far-se-á presente em todas as solenidades comemorativas e programadas pelo Instituto Histórico e Geográfico da Bahia".

CEARA

NOVO COMANDANTE TEM A PM

Em solenidade que teve lugar no salão nobre do Quartel General da PM, assumiu o comando da corporação o cel. Manuel Expedito Sampaio, do Exército Brasileiro.

Estiveram presentes ao ato, além do sr. governador do Estado, secretários de Estado, deputados estaduais e federais e representante do comando da 10.a Região Militar, grande número de oficiais do EB e da Milícia e pessoas gradadas.

Transmitiu o cargo o ten. cel. Muriilo Borges Moreira, secretário de Polícia, que vinha acumulando suas funções com a de comandante geral.

Dirigindo a palavra aos seus novos comandados, o cel. Expedito Sampaio assim se expressou:

Convidado pelo chefe do governo Cearense para comandar a Polícia Militar do Estado, aqui me encontro recebendo a investidura do cargo.

Não fôsse eu um cearense que se sente, como muitos outros, no dever de cooperar com seu Estado, teria declinado do honroso convite do Exmo. sr. governador, tal a consciêcia dos difíceis problemas que no comando te rei de enfrentar.

No meu entender, um organismo Policial de um Estado como o nosso, necessita de uma estrutura à base de contingentes-tipo, difundidos por todas as cidades do interior, com instrução apropriada, fiscalização freqüente, capazes de assegurar às populações dos di-

versos municípios a certeza de um trabalho de policiamento honesto, embora simples.

Para esse objetivo, necessário se faz que os destacamentos policiais sejam selecionados, levando-se em conta a missão, conduta, instrução dos indivíduos, etc., evitando, tanto quanto possível, as influências da política partidária, que, não raras vèzes, conduzem aquêles elementos de ordem, à prática abusiva da desordem.

Cooperando com o comando geral na tarefa de fiscalizar, os comandantes de unidades, sediadas no interior, fiscalizarão com interêsse a ação policial dos destacamentos lotados nas zonas que lhes forem adstritas.

A nossa Capital, embora contando com uma entidade de natureza civil, para seu policiamento, não pode prescindir da cooperação da Polícia Militar, isto para não falar no Corpo de Bombeiros, de cujo particularizado setor de atividades tudo se espera.

Para se obter um rendimento desejado, mister se faz, que haja em nossa Milícia uma organização mais objetiva e um aparelhamento correspondente.

Nesse particular, espero e estou certo mesmo, que encontrarei da parte do exmo. sr. governador, embora parcimoniosamente, o apôio indispensável para o cumprimento da missão.

—:—

Falando agora de modo particular aos meus comandados, lhes lembrarei que, pelo significado do vocábulo, comandar é mandar com alguém.

Assim, pois, a ação do comandante em principio se efetiva por intermédio de seus oficiais. Seria impossível a alguém, comandar sòzinho, e, se o fi-

zesse, faria com incorreção e precariedade.

No meu pensar, o desajustamento que observamos no país e em suas organizações, encontra explicação, em parte, na deficiência de trabalho.

Onde existe operosidade não há desentendimento nem inquietação.

O descanso em exagêro, gera, na maioria dos casos, o vício, a indisciplina e a discórdia.

Dessarte fundamentarei o meu comando no principio do trabalho.

Se nos faltarem os meios, trabalharemos para supri-los. Se nos acusarem de êrros, responderemos trabalhando melhor. Se solicitarem nossa cooperação trabalharemos para atender.

Seguro estou que encontrarei nos srs. oficiais uma compreensão exata dêsse ponto de vista, o que aliviará consideravelmente nossa tarefa.

Por outro lado, esta Corporação conta com um passado de alevantada tradição, conceito êsse, conquistado por aquêles que aqui lhes antecederam desde a criação desta Fôrça. Dêste modo à officialidade de hoje, como à de amanhã, cabe zelar por êsse patrimônio moral, ampliando-o dia a dia, alimentando assim a justa vaidade de ver a opinião pública voltada favoravelmente, em aplausos a ação eficiente, honesta e disciplinada da Milícia Cearense. Isto será atingido se houver uma compreensão conjunta dos oficiais, um esforço coletivo de todos, abandonando de lado as disputas de ordem pessoal e deixando em plano secundário os interêsses individuais.

Será, com a dedicação e despreendimento de cada um dos seus componentes, que a Corporação mais se elevará no conceito dos nossos concidadãos.

Aquí srs., ficam as minhas primeiras palavras com o agradecimento sincero que consigno às exmas. autoridades e distintos amigos que me distinguiram com suas honrosas presenças.

Trabalhando, e com a ajuda de Deus, acredito que cumpremos a missão.

"ALVORADA" FEZ 15 ANOS

A 25 de agosto de 1940, sob a direção do aluno Francisco Filgueiras Cruz, do 1.º ano, a Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Ceará lançava o primeiro número de "Alvorada", brilhante confrade que se edita na Polícia Militar do Ceará.

Os que, como nós, não ignoram o quanto significa em esforço, devotamento e idealismo, a tarefa de lançar e manter uma revista, por certo que lhe darão o devido valor. Nem será necessário mencionar a gama de dificuldades e imprevistos que se antepõem, a uma tarefa dêsse gênero.

Em 1953, sob nova fase, agora como órgão do Clube dos Oficiais da PMC, "Alvorada" se propôs a prosseguir na difusão de assuntos técnicos e culturais, prestando reais e relevantes serviços aos milicianos cearenses, como de propaganda e conagraçamento da classe. E, pelos informes que nos chegaram, aquêlê escopo vem sendo atingido esplêndidamente. "Alvorada" merece, pois o apôio de todos aquêles que se interessam pelas boas causas.

Cumprimentando o querido confrade, "Militia" lhe augura pleno êxito na missão a que se propôs cumprir junto à numerosa e incompreendida classe policial-militar do Brasil.

CORDIALIDADE POLICIAL MILITAR

O Clube dos Oficiais da Polícia Militar homenageou, com um coquetel em sua sede, no dia 4 de setembro, o ten. cel. médico Juscelino Kubiteschek, da PM do Estado de Minas Gerais, do qual foi seu governador até há poucos meses, quando se afastou para se candidatar à suprema magistratura da Nação.

Foi uma festa que se revestiu de muita cordialidade e significação, a ela comparecendo, além do homenageado, numerosos homens públicos do País e a quase totalidade dos oficiais da Polícia Militar.

Saudou o ten. cel. Juscelino, o ten. cel. médico Raimundo Bezerra, presidente do Clube dos Oficiais. Expressou a sua e a satisfação da entidade que dirige, ao receber o camarada, do Estado montanhês, onde conseguiu pôr em prova as suas qualidades humanitárias e de fecundo administrador.

Agradecendo, o ten. cel. Juscelino falou da profunda admiração que devotava aos policiais-militares, a cuja classe se orgulhava de pertencer. Relembrou o início de sua vida pública, toda ela cheia de trabalho e sempre voltada para o bem público. Disse da sua intenção, se honrado com o sufrágio do eleitorado brasileiro, chegar à Presidência da República, não esquecer as Polícias Militares em seu programa administrativo, tendo já disso dado provas com o que fêz em relação à milícia mineira que encontrou, quando assumiu o govêrno, completamente desaparelhada, com vencimentos atrasados, mas que deixou completamente reestruturada, bem equipada, bem conceituada e exercendo, com eficiência, o seu papel de

guardiã da tranqüilidade e segurança públicas.

Mostrou-se vivamente emocionado com a manifestação espontânea dos seus camaradas cearenses e concluiu por reafirmar a sua fé na democracia e na grandeza do Brasil, para a qual as PP. MM. tanto têm contribuído, através de fatos conhecidos do povo brasileiro.

Conversando com a oficialidade que o cercava, admirando sua simplicidade e espírito democrático, cel. Juscelino ventilou sempre assuntos ligados à classe e aos seus problemas, que demonstrou muito bem conhecer.

Também houve "sense of humour"

Autografando fotografias suas, que eram apresentadas pelos oficiais, Juscelino o fazia alegremente. E como nota pitoresca, houve até quem lhe apresentasse carteiras de identidade especiais e notas promissórias, com vencimentos em futuro não muito remoto...

DISTRITO FEDERAL

(CORPO DE BOMBEIROS)

QUASE CEM ANOS, FEZ A CORPORAÇÃO

Transcorreu ontem o 99.º aniversário de fundação do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal. O imponente quartel do campo de Santana engalanou-se para receber o grande número de pessoas que ali foram assistir às solenidades levadas a efeito em comemoração à magna data e ao encerramento da Semana da Prevenção contra Incêndios e ainda o Dia do Bombeiro Brasileiro.

Desde as primeiras horas da manhã, quando foi executada a Alvorada Festiva, que os bravos soldados do fogo estiveram em várias solenidades,

culminando a primeira parte do programa com o desfile que deslumbrou a população carioca, que não regateou aplausos àqueles que são os heróis anônimos na luta em defesa do Povo.

Cêrca das 15 horas, chegaram ao Quartel-General do Corpo de Bombeiros, altas autoridades civis e militares, entre estas o ministro Prado Kelly, o deputado Carlos Luz, presidente do Congresso Nacional, senadores Nereu Ramos, Rui Carneiro, Ezequias da Rocha, e Gilberto Marinho e deputado Benjamim Farah; ministro Edgar Costa, presidente do S.T.E., Imprensa e demais convidados.

Tiveram início as solenidades com a entrega solene dos diplomas dos civis que completaram o Curso de Proteção Contra Incêndios, no Quartel da 4.ª Zona.

Entrega das Medalhas Marechal Souza Aguiar

Prosseguindo as festividades, foi feita a aposição de medalhas do Centenário do Marechal Souza Aguiar as autoridades civis e militares e jornalistas, pela Comissão presidida pelo coronel Henrique Sadock de Sá, comandante da briosa corporação.

Do extenso programa de festejos, constaram provas de educação física, exercícios de extinção de incêndios, tendo os bravos soldados do fogo, sido delirantemente aplaudidos pela seleta assistência que superlotava o pátio interno e as varandas do imponente quartel.

Finalizando, realizou-se um sensacional "show" radiofônico com a presença de inúmeros astros do nosso sem fio, o que agradou muito a todos aqueles que se encontravam no quartel da Praça da República.

Encerrando os festejos do aniversário do Corpo de Bombeiros, realizou-se uma queima de fogos de artifício que deslumbrou àqueles que ali foram levar o seu aprêço aos comandados do coronel Sadock de Sá.

GOIÁS

DEFICIÊNCIA DE EFETIVO NA PM

De passagem pelo Rio, e em véspera de seu regresso a Goiás, o chefe de Polícia daquele Estado, sr. Irací José Gomes, fez algumas declarações à imprensa carioca.

"Estamos em situação precária, quanto a pessoal. Vale notar que em todo o Estado contamos apenas com 500 soldados da Polícia Militar. Ora considerando que há 130 municípios e cerca de 200 distritos, com uma população de milhão e meio de habitantes, não poderia haver maior deficiência".

SECRETARIA DE SEGURANÇA

Como uma das medidas a serem tomadas para a solução do problema do policiamento no Estado, foi enviado à Assembléia Estadual, um projeto de lei, criando a Secretaria de Segurança. Já foram criados, inicialmente, diversos serviços entre os quais um gabinete de exames periciais. Só depois de criada a nova Secretaria e com os recursos que lhe fôrem destinados, poderá haver uma essencial remodelação do aparelhamento policial do Estado.

MARANHÃO

NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA O REPRESENTANTE DE "MILITIA"

O nosso camarada da Polícia Militar maranhense, 1.º ten. Eurípedes

Bernardino Bezerra, que representa, com raro brilho, esta publicação junto à Polícia Militar do Maranhão, vem de assumir — como primeiro suplente que era, do seu partido — uma cadeira na Assembléia Legislativa da terra de Humberto de Campos. Mas, para felicidade e orgulho nossos, não deixará, o ten. Bezerra, de exercer a representação de "Militia".

Cumprimentando àquele nosso camarada, pela honrosa investidura, auguramos-lhe, com muita sinceridade, um feliz desempenho que o povo maranhense lhe conferiu.

MINAS GERAIS

A PM NO POLICIAMENTO URBANO E OSTENSIVO

Também em Belo Horizonte se fala em plano de policiamento da cidade, de trabalho coordenado entre as polícias civil e militar.

A situação da capital mineira efetivamente, exige, de há muito, providências do poder público, para melhorar o policiamento, pois é das mais lamentáveis a falta de garantias que aqui se registra. Os ladrões assaltam a população do centro, dos bairros e das vilas, à luz do dia ou à calada da noite. Os malandros infestam as ruas da cidade e uma série de ocorrências que se vão registrando jamais têm a pronta intervenção da polícia, por falta de gente especializada. Os abrigos de bondes tornaram-se pontos preferidos da malandragem (batedores de carteiras, vigaristas, desrespeitadores de famílias, etc.), tornando-se êsses pontos de embarques em transporte coletivo urbano quase inaccessíveis às sras. e srtas.

Felizmente, tem havido muita compreensão e boa vontade por parte das

autoridades competentes, para que seja solucionado a contento o importante problema. O cel. Nélío Cerqueira, comandante da Polícia Militar enviou ao Rio observadores para ali verificarem como é feito o trabalho entre civis e militares. Igual medida tomou o sr. Felipe Balbi, determinando que um delegado fizesse estágio na Capital da República.

Assim, estão sendo assentadas as últimas medidas para que os elementos da Polícia Militar prestem a sua colaboração no policiamento de Belo Horizonte.

Policiamento Ostensivo

O cel. Nélío Cerqueira Gonçalves já aprovou todos os planos para o estabelecimento, em Belo Horizonte, do policiamento ostensivo por soldados da Polícia Militar. Visa, com este plano, o comandante da P.M., a contribuir de maneira eficiente para a melhoria das condições de vigilância da Capital, usando militares, a exemplo do que está ocorrendo no Rio e em São Paulo com as duplas que o povo batizou de "Cosme e Damião" (Rio), e "Romeu e Julieta" (São Paulo).

Foi formado um contingente especial que se aquartelará no Departamento de Instrução, enquanto não são concluídas as obras de construção do quartel da P.M., no Prado. A Cavalaria também ser convocada para a realização deste trabalho e espera-se que dentro de pouco melhorem em muito as condições de segurança do belorizontino. Com a mesma simpatia como os cariocas e paulistas receberam os "Cosme e Damião" e os "Romeu e Julieta", espera o comandante da Polícia que os belorizontinos compreendam o esforço que se fará colocando duplas de militares nas

ruas para que haja maior tranqüilidade popular sem a ameaça constante de meliantes de todos os tipos.

CEL. MANUEL ASSUNÇÃO, NOVO COMANDANTE DA PM

Por ato de 24 de agosto, o governador Clóvis Salgado dispensou, a pedido, das funções de Comandante Geral da Polícia Militar, o cel. Nélío Cerqueira Gonçalves, que por duas vezes já as exercera, com raro brilho e eficiência. Para substituí-lo foi designado o cel. Manuel Assunção e Souza, que vinha chefiando o estado-maior da corporação.

O novo comandante geral da Polícia Militar é uma das figuras mais brilhantes do quadro de oficiais da Milícia Mineira, tendo, inclusive, larga folha de assinalados serviços prestados ao Estado. Foi o coronel Assunção e Souza assistente militar do sr. Ovídio de Abreu, na Secretaria do Interior, e membro da Casa Militar do sr. João Beraldo, quando de sua administração como interventor no Estado.

Na administração do sr. Juscelino Kuubtschek, o coronel Manoel Assunção e Souza foi assistente militar do sr. Antônio Pedro Braga, na secretaria do Interior. Posteriormente, foi designado para o comando do Departamento de Instrução, dali passando a exercer as elevadas funções de chefe do Estado Maior da Polícia Militar, de onde foi convocado para comandar a nossa milícia.

O governador ao ex-comandante

A propósito do pedido de dispensa do cel. Nélío Gonçalves, o governador Clóvis Salgado dirigiu-lhe a seguinte carta:

"Prezado coronel Nêlio Cerqueira Gonçalves:

Venho acusar recebimento da carta que o amigo me dirigiu em 23 do corrente mês e na qual solicita dispensa do cargo de Comandante Geral da Polícia Militar.

Inteirado dos justos motivos que alega, todos concernentes ao seu atual estado de saúde, comunico-lhe que resolvi conceder-lhe a solicitada dispensa, compreendendo que sua permanência naquele Comando só poderá vir a agravá-lo, segundo informa, dados os numerosos e ásperos encargos que o ferece.

Mas, antes, desejo expressar-lhe os mais vivos e sinceros agradecimentos pela profícua e fecunda colaboração prestada ao meu governo, como auxiliar devotado, que foi, ao cumprimento de suas elevadas atribuições, no que sempre se revelou merecedor de minha mais ampla e irrestrita confiança.

E' que, para isso, sobejam ao amigo excelentes predicados de inteligência e cultura a que se aliam as virtudes características do nosso soldado, cujas belas tradições de civismo, lealdade e bravura remontam aos começos da nossa História.

Nesta oportunidade, envio-lhe cordiais saudações".

Posse do novo comandante

Como decorrência do ato do sr. governador, tomou posse, e assumiu o comando da PM no dia 25, o cel. Manuel Assunção, após o que designou os seguintes oficiais, para funções no seu gabinete: chefe, major Geraldo Esteves da Silva; subchefe, cap. Geraldo Renó; adjunto, cap. Antônio da Costa Dias Filho; adjunto-administração, cap. adm. Hélio Milagres de Matos; ajudantes de ordens, cap. Milton Campos e 2.º ten.

Ildeu da Costa Pereira; adjunto-secretário, 1.º ten. Geraldo Valter da Cunha; adjunto, 2.º ten. Adelino Luis da Silva.

PARÁ

Refletindo o clima geral de desarticulação policial em todo o País, rara era a semana em que, na capital paraense, um estabelecimento comercial, mesmo em horas do maior movimento, não era visitado pelos "amigos do alheio"; raro também era o dia em que uma pessoa não era assaltada, nas artérias mais movimentadas do comércio de Belém, por perigosos delinquentes que andam à solta. A Polícia Civil, por motivos óbvios mas que não desejamos apreciar, não exercia o policiamento que é reclamado pelo povo. Havia que se tomar alguma medida que viesse pelo menos atenuar aquele estado de coisas.

"Cosme e Damião" também em Belém

Acertada e oportuna providência acabava de tomar o coronel Milton Lisboa, comandante da Polícia Militar do Estado. Auxiliar de inteira confiança do general Zacarias de Assunção, governador do Estado, procurando obter um melhor sistema de policiamento da cidade, que atenda, na medida do possível, as necessidades de segurança da população, resolveu então criar na sua Polícia os "Cosme e Damião", já conhecidos em todo o Brasil, e que vêm merecendo o respeito e a admiração de todo o povo carioca.

Como a do Rio a Polícia Militar criou, dentro de seu próprio quadro, o "Cosme e Damião", que hoje entrou em ação, policiando a cidade.

Quatro patrulhas, para começar

Foi o próprio cel. Milton Lisboa quem planejou e delineou como proce-

der o "Cosme e Damião" do Pará. Chamou o tenente Arthur Corrêa da Silva e deu as ordens. Disse que a cidade passaria, para o referido serviço, a ser dividida em várias zonas. Suas atenções se voltaram logo para o bairro comercial, o mais movimentado durante o dia.

Determinou que fossem criadas quatro patrulhas, sendo cada uma composta de dois soldados da PM, devidamente armados. O serviço começará às 6 horas e terminará às 19 horas. Dentro de dias, a partir dessas horas, até de madrugada, a cavalaria passará a fazer o policiamento.

Estão à disposição do "Cosme e Damião" cerca de trinta e duas praças, prontos a substituir as patrulhas que deixarem o serviço. Estas estão distribuídas pelo bairro comercial, 15 de Agosto e Telegrafo Sem Fio. Andam sempre juntos, em posição correta, armados de "casse-tete" e revólver. Têm ordem de, em caso de deitar a mão em algum "alterado", entregá-lo à Polícia Civil.

Os "Cosme e Damião" vêm recebendo rigorosa instrução do tenente Arthur, seu comandante.

PERNAMBUCO

ANIVERSARIO DA PM

Almôço de confraternização, com a presença de 7 generais, 1 vice-almirante e 2 governadores

Comemorando a passagem, no dia 11 de junho, do 130.º aniversário da Polícia Militar de Pernambuco, o comando da corporação promoveu várias solenidades no quartel do Derby. O ponto alto das comemorações foi um almôço de confraternização, ao qual compareceram os generais

de Exército Osvaldo Cordeiro de Farias, governador do Estado, Aristóteles de Sousa Dantas, comandante da Zona Militar do Norte, generais de Divisão Artur Hall, comandante da 7.ª R.M., Manuel de Azambúja Brilhante, comandante da 1.ª D.I., do Distrito Federal, vice-almirante Gerson de Macedo Soares, comandante do 3.º Distrito Naval, generais de Brigada Emilio Maurél Filho, comandante da 10.ª R.M., em Fortaleza, Aurélio Alves de Sousa Ferreira, chefe do E.M. da Z.M.N. e José Arnaldo Cabral de Vasconcelos, ex-comandante da P.M., Esteve presente, também, o dr. Paulo Sarazate, governador do Estado do Ceará.

No ágape, tomaram parte, ainda, os coronéis Bráulio Guimarães, comandante da Polícia Militar e secretário da Segurança Pública, Rogaciano Correia de Melo, Osvaldo Passos Viriato de Medeiros, José Bezerra de Amorim, tenente coronéis Reinaldo de Oliveira Reis, José Jardim de Sá, Alípio Pereira de Sousa, Presciliano Moraes, Alvaro Ferraz; majores José Andrade dos Santos, Ismael de Góis Lima e o tenente coronel chefe da Casa Militar do Governo do Ceará, afóra oficiais outros e representantes da Imprensa.

Agradecendo o brinde de honra que lhe foi oferecido, usou da palavra, durante o banquete, o governador general Cordeiro de Farias, tendo, antes, falado, sobre a significação da data, o coronel Bráulio Guimarães.

Do programa comemorativo, que teve início pela manhã, constou parada militar, competições desportivas e sessão cinematográfica, à noite.

Fato que sobremodo cativou o comando e oficialidade da P.M., foi haver o comando do 14.º R.I. mandado suas bandas de corneteiros e de música, às 5 horas, num gesto de surpresa, dar

o toque de alvorada em frente ao quartel do Derby, o que ecoou simpaticamente no seio da tropa, como demonstração franca de congratulações e espírito de camaradagem.

SEMANA DE PREVENÇÃO CONTRA INCÊNDIOS

Decorreram em brilhantismo as festividades do dia 2 de julho no quartel do corpo de Bombeiros, em homenagem ao "Dia do Bombeiro".

As solenidades foram o coroamento da "Semana de Prevenção Contra Incêndios", que, pela primeira vez, foi realizada no Recife, este ano.

Foram então pronunciadas palestras radiofônicas, por técnicos em extinção de incêndios, com o objetivo de esclarecer e educar o povo, sobre a maneira de agir, em caso de sinistros.

No dia 2, consagrado ao bombeiro nacional, realizou-se vasto programa cívico-educativo, na quartel dos bombeiros, em João de Barros.

As solenidades foram iniciadas às 14,30 horas, com um discurso do coronel Bráulio Guimarães, secretário da Segurança Pública do Estado e comandante geral da Polícia Militar, a que está subordinado o Corpo de Bombeiros.

O coronel Bráulio pôs em relêvo a espinhosa missão do bombeiro, acentuando que ela somente poderia ser desempenhada pelos fortes. Disse que, se o esforço e o desgaste físico do bombeiro, nas horas de ação, eram grandes não era menor o seu desgaste lento mas contínuo, em todos os momentos, porque vive ele sempre na angustiante expectativa de um sinistro a combater.

"A Fôrça Policial — disse o comandante geral da corporação — se orgulha dos seus bombeiros. Só os fortes desempenham vossas tarefas. E vós sois fortes".

A solenidade foi prestigiada com a presença de altas autoridades civis e militares, entre elas o governador Cordeiro de Farias, o gen. Aristoteles de Souza Dantas, comandante da Zona Militar do Norte; gen. Aurélio de Souza Pereira, chefe do Estado Maior da Zona Norte, representado pelo seu ajudante de ordens; coronel Bráulio Guimarães, secretário da Segurança Pública e comandante geral da Polícia Militar; dr. Otávio Correia de Araujo, secretário do Interior e Justiça; prefeito do Recife, representado pelo dr. Reinaldo Câmara, diretor do Departamento de Documentação e Cultura; dep. Antônio Luís Filho, oficiais superiores e subalternos da Fôrça Policial; srs. Stanley S. Michalski, Harold Kelly, Silvio Pontual e Breno Soares, respectivamente da Pernambuco Tramway Telephone Company, Socid e Sanbra, além de senhoras, senhoritas e grande massa popular.

Após o discurso do coronel Bráulio Guimarães, uma fração de música da Fôrça Policial tocou a Canção do Bombeiro, cantada pela unidade, em forma.

As Provas Práticas

A seguir, tiveram início as provas práticas de extinção de incêndios incipientes. Em primeiro lugar, foi ateadado fogo a um depósito de gasolina. Quando as chamas tomavam proporção, foram atacadas a extintores, sendo prontamente debeladas. A prova imediata consistiu em apagar um incêndio num monte de capim e num pequeno depósito de carboreto, obtendo-se o mesmo êxito antecedente.

Outra prova de extinção consistiu em apagar o fogo ateadado a um grande caixote, também contendo capim; finalmente um outro incêndio, em um depósito de óleo, foi apagado, com eficiência.

Nessas provas foram empregados extintores de várias firmas desta capital, tendo os aparelhos sido manejados por funcionários especializados, fornecidos pela Tramway.

Os Bombeiros em ação

Outras provas de extinção de incêndio foram realizadas em continuação ao programa. Desta vez estiveram em ação os bombeiros. Primeiro extinguiram um incêndio provocado num depósito de gasolina, e em seguida apagaram as chamas provocadas em uma casa de madeira, armada no pátio do quartel.

Tôdas as demonstrações foram coroadas do mais pleno êxito.

RIO DE JANEIRO

"COSME E DAMIÃO" PARA NITERÓI

A partir do dia 14 de julho, passou a ser notada nas ruas de Niterói a presença dos "Cosme e Damião" a conhecida dupla de policiais-militares. Este policiamento ostensivo, que recebeu total apoio do cel. Jerônimo Derengowski, comandante da PM e do secretário da Segurança, sr. Paulo Mauriti, foi estudado e preparado pelo cel. Jonathan Dezerto Bastos, que os concluiu com a maior brevidade, fazendo logo entrar em ação a sua tropa.

Em esclarecimento à imprensa, o cel. Jonathan, que é também o superintendente do policiamento em apreço, disse que 45 homens, inicialmente, foram destacados para a tarefa, devendo dar a melhor cobertura possível à capital fluminense, além de ter sido objeto de um preparo especial a tropa destinada à guarda de edifícios públicos. Revelou também aquêlê oficial superior o carinho com que se está cuidando da instrução especializada, em que se in-

cluem assuntos gerais, moral e cívica, tiro, odem unida, combate de rua e de guerrilhas e educação física, iniciando pela transformação da mentalidade, que considera plenamente alcançada. Informou ainda que todos os elementos utilizados estão passando por rigorosa seleção, exigindo-se do candidato boa compleição física, saúde, altura de 1,68, leitura fluente, preparo intelectual consentâneo com a missão e excelente atestado de conduta civil e militar.

Acentuou o superintendente dos serviços que a formação policial vem sofrendo radicais transformações, de vez que a instrução policial vem superando, em intensidade, a instrução militar, procurando atingir uma perfeita unidade de doutrina policial. Cuidou-se também, com especial atenção, do uniforme dos policiais, que serão vistosos, visando-se a obtenção do melhor efeito psicológico sobre a população e proporcionando ao representante da lei a força do símbolo, que afasta a idéia do regime de opressão.

"Cosme e Damião" fluminenses representarão, assim, dois salutareis princípios: subordinação aos superiores e delicadeza para com o público, sem perder jamais as características militares.

Finalizou o cel. Jonathan, revelando a sua satisfação com os resultados que vem obtendo — aliás pela segunda vez — visto como aprovaram plenamente os primeiros "Cosme e Damião" do Trânsito, sob a eficiente direção do Inspetor Geral do Trânsito, cap. Ordenador Veloso.

RIO GRANDE DO SUL

CURSO DE TÉCNICA POLICIAL

Passou a funcionar, na BM, a partir do dia 8 de agosto, o Curso

de Técnica Policial, para oficiais, sob a direção da E-3 e supervisão da Chefia do Estado Maior Geral, constando de quatro cadeiras: Criminalística, Polícia Administrativa, Direito Penal e Processual e Criminologia e Medicina Legal. O referido curso é de 3 horas de aula diárias e se destina especialmente a oficiais

subalternos, com o Curso de Formação de Oficiais.

Foram nomeados professores do CTPO os major Heitor Castro de Oliveira, para Direito Penal e Processual; major Manoel de Barros Martins (da PMDF), para Criminalística e Polícia Administrativa; e 1.º ten. Ernani Afonso Trein, para Criminologia e Medicina Legal.

COMUNICADO DA

Associação de Auxílio Mútuo entre Oficiais da Fôrça Pública

Admissão de novos mutualistas:

— Em sua reunião ordinária do dia 24 de agosto último, a Diretoria, após estudar devidamente as propostas apresentadas, que foram julgadas de acôrdo, resolveu incluir no quadro de mutualistas da Associação os oficiais, aspirantes a oficial e espôsas de mutualistas a seguir enumerados:— do S.S., 1.º ten. méd. Ary Gonzales; do 7.º B.C., 2.º ten. José Ferreira Guimarães; do C.F.A., aspirantes a oficial Aurélio Martins Olmo, Celestino Henriques Fernandes, Domingos Cardamone, Elzeário Honório Sampaio Alves, Fernando Pereira da Silva, Hélio Jardim da Silveira, Hermógenes Gonçalves Batista, João Batista de Andrade Pereira, João Bosco de Camargo, Jocelyn Godoy, Joel Flora Agostinho, José Ferreira Guimarães, José Frágoso, Luís Sebastião Malvásio, Mário de Abreu Júnior, Milton Cabral de Vasconcelos, Moysés Flora Agostinho, Ney Vieira de Almeida, Paulo

César Nogueira Fogaça, Roberto Tôrres Barreto, Walter Soares de Vasconcelos; Senhoras:— Júlia dos Santos Valim, espôsa do mutualista maj. rfm. Amadeu de Oliveira Valim, e Nair Toledo Brisola, espôsa do mutualista maj. méd. Dilermando Coelho Brisola.

Falecimento de mutualista —

Pagamento de pecúlio. Faleceu em data de 25 de agosto último, o mutualista 1.º ten. rfm. Gabriel Pereira da Silva, a cuja viúva, Sra. Iria Cerqueira Silva, legatária legítima do «de cujus», foi pago, em data de 13 do corrente mês, o pecúlio n.º 161, na importância de Cr\$ 54.750,00. Nos termos do artigo 18, letra «a», do Regulamento em vigor, são concedidos os srs. mutualistas a contribuir com a importância de Cr\$ 75,00, correspondente ao pecúlio 162, em formação, nos termos do artigo 9.º, letra «c», do Regulamento supra citado.

Caixa Beneficente da Fôrça Pública

A Diretoria da Caixa Beneficente em sua reunião ordinária realizada a 30 de julho último, despachou os seguintes processos:

Concedendo Pensões — De 3.900,60 a d. Clotilde da Silva, viúva do subten. rfm. Ambrósio da Silva; 3.250,00 aos menores Lázaro Washington de Oliveira e seus irmãos Lázara, Ubratã, Aymerê, e Aimberence Ramos de Oliveira, beneficiários do 1.º Sgt. Amador Ramos de Oliveira; 3.150,00 a d. Maria das Dóres Pereira, viúva do 3.º sgt. rfm. Emílio Xavier de Oliveira; 2.700,00 a d. Teotônia Cardim de Barros com os menores João Carlos e Antônio Marmo de Barros, beneficiários do cabo Mário de Lima Barros, do DCT; 2.100,60 a d. Rosa Alves Bicudo com os menores Abílio, Benedito, Nair, Antônio, Neusa e Maria José Alves Bicudo, beneficiários do sd. Abílio Alves Bicudo, do 5.º BC; 1.800,00 a d. Amélia dos Prazeres Alves Marusco com seus filhos Antônia Alves e Manoel Mário Alves, beneficiários do sd. rfm. José Maria Alves; 1.500,30 ao menor Esdras Lopes de Oliveira, beneficiário do 2.º sgt. rfm. Aureliano José de Oliveira; 1.000,00 a d. Francisca Santos Morais com a menor Wilma Morais, beneficiárias do Sd. José Carlos de Morais, do CB.

Concedendo Empréstimos Imobiliários — De 300.000,00 ao cel. Paulino Vieira das Neves; 440.000,00 ao cap. Renato Ourique de Carvalho; 215.000,00 ao cap. Alonso Tenório Diniz; 200.000,00 ao 1.º ten. José Bonifácio Norival de Carvalho; 276.200,00 ao 1.º ten. Avelino Geraldo dos Santos; 160.000,00 ao 1.º ten. José de Almeida Santos; 325.900,00 ao 2.º ten. Eduardo Monteiro; 300.000,00 ao 2.º ten. Hernani Benedito de Tolosa; 300.000,00 ao 2.º ten. José Antunes; 216.700,00 ao 2.º ten. José Marins; 226.800,00 ao 2.º ten. Joel Ferraz de Campos; 200.000,00 ao 2.º ten. Avivaldi Nogueira; 253.600,00 ao subten. Benedito Menino Barbosa; 246.100,00 ao subten. José Ferreira de Abreu; 200.000,00 ao 2.º sgt. Mário Lantowitz; 160.000,00 ao 3.º sgt. João Candido; 100.000,00 ao 3.º sgt. Benedito

Maurício; 60.000,00 ao 1.º ten. José Gomes da Silva; 60.000,00 ao subten. José Pereira Salgado.

Requerimentos — De Antônio de Carvalho Oliveira, 2.º sgt. do CB; Orlando de Souza Oliveira, 3.º sgt. rfm. e José Francisco Ferraz, ansp. rfm., todos solicitando empréstimos simples: "Indeferido, por falta de amparo legal"; da pensionista d. Olinda Cimatti de Oliveira, solicitando a transferência para si, da quota de pensão de outro beneficiário: "Não há o que deferir, face aos dispositivos regulamentares"; de donas Ada Balbino e Luzia José Balbino, irmãs do falecido ten. cel. José Ferreira Lameirão, solicitando o benefício de pensão: "Indeferido, por falta de amparo legal"; de Marcelino Muniz de Oliveira, ex-praça, solicitando restituição de documento: "Deferido. Entregue-se mediante recibo"; de Alvaro de Figueiredo, 2.º sgt. do 3.º BC, sobre concessão de empréstimo hipotecário: "Face à expressão desistência por parte do comprador, archive-se"; da pensionista Mariana Carvalho Leão, solicitando melhoria de pensão: "Não há o que deferir, visto estar a pensão calculada na base regulamentar"; de Teodoro de Oliveira, contribuinte facultativo, solicitando majoração de sua contribuição: "Deferido uma vez pagas as contribuições em atraso"; do 2.º ten. José Veríssimo de Souza Molicca, solicitando autorização para alienar imóvel: "Indeferido, visto pertencer o imóvel ao patrimônio desta Entidade. Proceda, caso lhe convenha, nos termos da informação".

Comparecimento à Caixa Beneficente — São convidados a comparecer à Caixa Beneficente, por si ou por seus procuradores, no prazo de 15 dias, contados da data da publicação desta, as Sras. Floriza Ferreira de Souza e Aparecida das Dóres Martins, beneficiárias respectivamente dos ex-contribuintes 1.º ten. Tobias Ferreira de Souza e cabo Germano José das Dóres, a fim de tratarem de assuntos de seus interesses.

Balancete da "Receita e Despesa" — Devidamente examinado e tendo em vista o parecer da Comissão Fiscal, foi aprovado pela Diretoria o balancete da "Receita e Despesa" desta Caixa Beneficente, referente ao mês de MAIO do corrente ano, cujo resumo abaixo se transcreve: **"RECEBIMENTOS** — Contribuições mensais, 2.404.429,20; Jóias, 1.010.262,70; Caixa Econômica Estadual, 5.183.878,40; outros recebimentos, 2.798.665,40; Saldo do mês anterior, 360.379,90; **SOMA** 11.703.615,60; Importâncias não recebidas: Pensões do Estado atrasadas, de fevereiro de 1949 a dezembro de 1953, 98.273,20; de janeiro a maio do corrente ano, 1.057.616,70; Consignações de dezembro de 1954, 3.241.241,70; Subvenção do Estado de janeiro a maio do corrente ano 1.250.000,00; IPESP de janeiro a maio do corrente ano 90.821,30; **SOMA GERAL**, 17.441.568,50 **Pagamentos** — Caixa Econômica Estadual, 4.000.000,00; Carteira Imobiliária, 3.282.300,00; Carteira de Empréstimos Simples, 1.322.900,00; outras despesas, 2.450.201,20; Saldo que passa para o mês seguinte, 648.214,40; **SOMA** 11.703.615,60; rendas a receber: Importâncias lançadas nesta conta, 5.737.952,90; **SOMA GERAL**, 17.441.568,50".

—:—

A Diretoria da Caixa Beneficente em sua reunião ordinária realizada a 30 de agosto último, despachou os seguintes processos:

CONCEDENDO PENSÕES — De Cr\$ 9.100,80 à snrta. Sônia de Oliveira França, filha do ten. cel. rfm. José de Oliveira França; 5.260,60 à d. Messias Maria do Amaral, viúva do 2.º ten. rfm. Braz do Amaral; 2.100,60 à d. Ruth Marcelino Bento, viúva do cabo rfm. Albino Bento; 2.100,60 à d. Josefina Mendes Siqueira com a snrta. Terezinha Mendes Siqueira, viúva e filha, respectivamente, do cabo rfm. Bento Alves de Siqueira; 81,00 à d. Maria Zélia Labastie Alves, filha do cabo rfm. Osvaldo Alves.

CONCEDENDO EMPRÉSTIMOS IMOBILIÁRIOS — 600.000,00 ao ten. cel. Humberto Cursino Vila Nova; 175.000,00 ao ten. cel. Aparício de Barros Messias; 50.000,00 ao major Rafael Peres Busato; 360.000,00 ao 1.º ten. Adelino Antunes Cocenas; 100.000,00 ao 1.º ten. Pedro Soares de Freitas; 330.000,00 ao 2.º ten.

Reinaldo Moreira de Miranda; 180.000,00 ao Subten. Benjamim Olimpio de Santana; 260.000,00 ao 1.º sgt. Benedito Barrioli; 130.000,00 ao 1.º sgt. Orlando de Souza; 84.000,00 ao 2.º sgt. Aureliano da Silva Reis; 253.000,00, em termos, ao 3.º sgt. Everaldino Abelardo Peixão; ... 150.000,00 ao 3.º sgt. Antônio de Paula; 58.300,00 ao 3.º sgt. Edmundo Custódio; 190.000,00 ao cabo José do Nascimento; 80.000,00 ao cabo João Paulo da Silva; 60.000,00 ao cabo Gely José dos Santos.

REQUERIMENTOS — Do ten. cel. Fausto Quirino Simões, solicitando autorização para alienar imóvel hipotecado a esta Caixa: "I — Deferido quanto à alienação, face aos dispositivos regulamentares. II — Quanto à nova aquisição, requereira oportunamente"; Benedito de Andrade Martins, ex-praça da Força Pública, solicitando restituição de documentos: "I — Deferido. II — Restituam-se mediante recibo"; de d. Josefina de Aguiar Faria, solicitando restituição de certidões de seu casamento e de nascimento de seus filhos: "I — Não há o que deferir. II — As certidões solicitadas somente poderão ser retiradas pelo espóso da requerente ou mediante autorização judicial"; João Batista Rangel, ex-praça da Força Pública, solicitando seu regresso ao quadro de contribuintes desta Caixa: "I — Requeira em termos e à autoridade competente, na forma do disposto no artigo 94, do Regulamento em vigor (Decreto nº 24.892-B de 1955); Hosmindo José da Silva, ex-praça da Força Pública, solicitando restituição de certidões: "I — Deferido. II — Restituam-se mediante recibo, as certidões solicitadas".

READMISSÃO DE CONTRIBUINTES FACULTATIVOS — De acôrdo com o artigo 94 do atual Regulamento (Decreto nº 24.892-B/55), os antigos contribuintes da Caixa, excluídos por falta de pagamento, poderão retornar ao respectivo quadro, garantindo anteriores direitos, desde que o requeiram dentro do prazo de 6 meses, a contar de 1.º de setembro corrente. Os interessados deverão comparecer à sede da Caixa (2.ª Secção) para obterem maiores esclarecimentos.

BALANCETE DA "RECEITA E DESPESA" — Devidamente examinado e tendo em vista o parecer da Comissão Fiscal, foi aprovado pela Diretoria o balan-

cete da "Receita e Despesa" desta Caixa Beneficente, referente ao mês de JUNHO do corrente ano, cujo resumo abaixo se transcreve:— **"RECEBIMENTOS** — Contribuições mensais, 2.407.938,20; Jóias, 1.004.202,90; Caixa Econômica Estadual, 1.432.704,40; outros recebimentos, 3.802.127,20; Saldo de mês anterior, 648.214,40; **SOMA** 9.295.187,10; importâncias não recebidas: Pensões do Estado atrasadas de fevereiro de 1949 a dezembro de 1953, 98.273,20; de fevereiro a junho do corrente ano, 1.073.650,00; Condições atrasadas de dezembro de 1954,

3.241.241,70; Subvenção do Estado de fevereiro a junho do corrente ano, 1.500.000,00; I.P.E.S.P., de maio a junho do corrente ano, 37.751,80; **SOMA GERAL**, 15.246.103,80. **PAGAMENTOS** — Carteira de Empréstimos Simples, 2.540.900,00; Carteira Imobiliária, 2.184.900,00; Caixa Econômica Estadual, 2.000.000,00; Pensões, 1.861.400,20; outras despesas, 406.099,90; Saldo que passa para o mês seguinte, 301.887,00; **SOMA** 9.295.187,10; rendas a receber: importâncias lançadas nesta conta, 5.950.916,70; **SOMA GERAL**, 15.246.103,80".

Consumir Produtos Nacionais

- ★ E' um dever de patriotismo.
- ★ E' ajudar a libertação econômica do Brasil.
- ★ E' contribuir para o desenvolvimento da nossa produção.

NOSSOS CLICHÊS SÃO CONFECCIONADOS
— **PELA GRAVARTE LTDA.** —

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — cap. Saul Herbas Casanovas.

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaíso) — capitán Franklin Troncoso Bacler.
— IV Zona de Carabineros (Concepción) — capitán Moisés Suty Castro
— Av. Portales, 940 — Depto. 35 (San Bernardo) — cap. Efraín de la Fuente Gonzalez.

ACRE (Guarda Terretorial)

— Q.G. (Rio Branco) — ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.
— Destacamento Policial (São Brás) — 3.º Sgt. José Pereira da Silva.

AMAPÁ (Guarda Territorial)

— Séde (Macapá) — Ten. Uadih Charone

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— cap. José Silva

BAHIA (Policia Militar)

— Palácio da Aclamação (Salvador) — cap. Edson Franklin de Queiroz
— 3.º B.C. (Juazeiro) — 1.º ten. Salatiel Pereira de Queiroz.
— Corpo Municipal de Bombeiros (Salvador) — Praça Veteranos — Cap. Alvaro Albano de Oliveira.

CEARA (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — Major José Delidio Pereira

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Jason Marcondes.
— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — ten. Herani Alves de Brito Melo.
— EFO (Rio de Janeiro, DF) — Cadete Enio Nascimento dos Reis
— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — 1.º ten. Fernando Carlos Machado.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — 1.º ten. Alfredo P. Barroca.

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — Cap. Antônio Bomfim dos Santos
— 2.º B.C. (Goiás) — 1.º ten. Rui Barbosa de Moura

MARANHAO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luis) — 1.º ten. Eurípedes Bernardino Bezerra

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Comando Geral e 1.º BC (Cuiabá) — cap. Domingos Santana de Miranda
— 2.º B.C. (Campo Grande) — 2.º ten. cont. André Bastos Jorge.
— 2.ª Cia. do 2.º B.C. (Ponta Porã) — cap. Luiz Zaramela.

MINAS GERAIS (Policia Militar)

— Q.G. (Belo Horizonte) — 2.º ten. Carlos Augusto da Costa
— 3.º B.I. (Diamantina) — 1.º ten. Geraldo Francisco Marques
— 7.º B.I. (Bom Despacho) — cap. José Guilherme Ferreira
— 8.º B.I. (Lavras) — 1.º ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro
— 9.º B.I. (Barbacena) — 2.º ten. Manoel Tavares Corrêa.

- PARÁ (Polícia Militar)**
— Q.G. (Belém) cap. dr. Walter da Silva
- PARAIBA (Polícia Militar)**
— Q.G. (João Pessoa) — 1.º ten. Luís Ferreira Barros
- PARANA (Polícia Militar)**
— Q.G. (Curitiba) — major Washington Moura Brasil.
- PIAUI (Polícia Militar)**
— Q.G. (Teresina) — ten. Oswaldo Duarte Carvalho.
- RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)**
— Q. G. — Cap. Ademar Guilherme
- RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)**
— Q.G. (Natal) — major Antônio Moraes Neto.
- RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)**
— Q.G. (Porto Alegre) — 2.º ten. Julio Soveral da Rosa
— 4.º B.C. (Pelotas) — cap. Renato Moro Ramos.
— 2.º R.C. (Livramento) — 2.º ten. Carlos Cravo Rodrigues.
- SANTA CATARINA (Polícia Militar)**
— Q.G. (Florianópolis) — Cap. Elvidio Petters.
- SÃO PAULO (Força Pública)**
— Q.G. (Capital) — cap. Nelson Agostinho Ferreira.
— C.F.A. (Capital) — cap. Ari José Mercadante.
— B.G. (Capital) — 1.º ten. João Vieira de Lima
— Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — cap. João Aureo Campanhã
— R.C. (Capital) — 1.º ten. José Gominho da Costa.
— C.B. (Capital) — cap. Samuel Rubens Armond.
— B.P. (Capital) — Cap. Lourenço Roberto Valentim de Nucci
— 2.º B.C. (Capital) — 1.º ten. Benedito Augusto de Oliveira
— 3.º B.C. (Ribeirão Preto) — 1.º ten. Odilon Spinola Neto.
— 4.º B.C. (Bauru) — 1.º ten. Aparcido do Amaral Gurgel
— 5.º B.C. (Taubaté) — 1.º ten. Mário Ferreira.
— 6.º B.C. (Santos) — 1.º ten. Gilberto Tuluti Vilanova
— 7.º B.C. (Sorocaba) — ten. Alvaro Parreiras.
— 8.º B.C. (Campinas) — 2.º ten. Salvador Scafoglio
— S.M.B. (Capital) — cap. Olívio Franco Marcondes.
— S.E. (Capital) — José de Campos Montes.
— S.I. (Capital) — 2.º ten. Alvaro Júlio Pielusch Altman.
— S.F. (Capital) — 2.º ten. Mário Costa e Silva.
— S. Trns. (Capital) — 1.º ten. Godofredo Silveira Bueno.
— S. Subs. (Capital) — 2.º ten. Pedro Barros de Moura.
— E.E.F. (Capital) — 1.º ten. Ademar Ferreira.
— S.T.M. (Capital) — 1.º ten. Hildebrando Chagas da Silva.
— S.S. - H.M. (Capital) — cap. Irani Paraná do Brasil.
— 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — cap. Nelson Simões Sheffer
— 2.ª Cia. Ind. (S. José do Rio Preto) — 1.º ten. Clovis de Melo
— 3.ª Cia. Ind. (Presidente Prudente) — Cap. Agenor Grohmann
— 4.a Cia. Ind. (Araraquara) — 2.º ten. Adalberto José Gouvêa
— 1.ª C.I.B. (Santos) — cap. José Limongi França.
— Rádio Patrulha (Capital) — sr. Epaminondas Caldas Camargo.
— Cia. Policiamento Rodoviário (Capital) — 1.º ten. Flávio Capeletti.
— Polícia Florestal (Capital) — Cap. Teodoro Nicolau Salgado.
- SERGIPE (Polícia Militar)**
— Q.G. (Aracaju) — 2.º ten. José Félix da Silva.

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.



Cap. Francisco A. Bianco Jr.

CAMPEONATO DE DESPORTOS COLETIVOS DA FÔRÇA PÚBLICA

Realizou-se no mês de julho último, o Campeonato de Desportos Coletivos nas modalidades de *bola ao cesto* e *voleibol*, nos círculos de oficiais e sargentos, e *futebol*, no círculo de cabos e soldados. Cumpriu, dessa forma, a Escola de Educação Física, o seu Calendário Desportivo, aprovado pela Diretoria de Instrução. Pleno de entusiasmo, o campeonato apresentou etapas verdadeiramente emocionantes, dados os esforços apresentados pelos integrantes das equipes representativas das Unidades.

Com a presença do sr. comandante geral, cmts. de Corpo e chefes de Serviço, bem como de elevado número de oficiais, sargentos e praças, e entusiástica assistência, encerrou-se a 23 dêsse mês, o Campeonato de Desportos Coletivos da Corporação, com as disputas de Voleibol e Bola ao Cesto para oficiais e sargentos, e Futebol para praças. Esta última modalidade, disputada no Estádio "Cruzeiro do Sul", sede da Escola da Educação Física, apresentou uma belíssima partida entre os quadros da 1.a C.I. (sede em Mogi das Cruzes) e Corpo de Bombeiros, presenteando a

grande assistência do dia com um jogo de alto padrão técnico.

Venceu a 1.a Cia. Independente, sem dúvida a mais homogênia e mais oportuna em suas finalizações, conseguindo um "score" de 4 x 0 sobre uma equipe que não merecia perder dessa forma. A derrota do C.B. não desmereceu seus valorosos jogadores, que foram adversários perigosos em todo o tempo regulamentar da pugna. O maior galardão dos dois quadros foram a técnica dos jogadores e a disciplina imperada no gramado até o derradeiro momento da partida.

No Ginásio da mesma Escola, sito à Rua Jorge Miranda, no círculo de subtenentes e sargentos, o C.B., com a sua habitual tradição, levantou os dois títulos, voleibol e bola ao cesto, com bastante mérito, secundando-o nas duas modalidades o Batalhão Policial.

As 20,00 horas, no mesmo Ginásio, defrontaram-se para o título máximo no círculo de oficiais, em Bola ao Cesto, o C.F.A. e o 7.º B.C., e em voleibol, o B.P. e C.B..



Em cima, as equipes de basquetebol do C.F.A. e 7.º B.C., campeã e vice-campeã, respectivamente. Em baixo, flagrante da entrega do troféu ao cap. Nelson Simões Scheffer Oliveira, cmt. da 1.ª C.I., pelo sr. cel. José Canavó Filho, comandante geral.

O jogo de voleibol foi facilmente vencido pelo B.P., que possui, sem dúvida, o melhor quadro, tornando-se aquela Unidade campeã do corrente ano.

A derradeira partida polarizou as atenções da assistência.

Foram adversários o C.F.A. e o 7.º B.C., sediado em Sorocaba, que se

apresentaram com um alto padrão técnico de jogo, podendo-se afirmar ser o melhor do campeonato. Venceu o C.F.A. por 43 a 26, numa partida realmente eletrizante. Todos se apresentaram bem, sendo injusto destacar-se algum elemento. O 7.º B.C. foi um valoroso adversário e embora inferior individualmen-



Equipe de futebol da 1.a C.I., campeã de 1955

te, apresentou um conjunto bom, ameaçando às vezes o seu adversário, que manteve a liderança até o término da púgna.

RESULTADOS GERAIS
CIRCULO DE OFICIAIS

VOLEIBOL —
Campeão B.P.
Vice-campeão C.B.

BOLA AO CESTO
Campeão C.F.A.
Vice-campeão 7.oB.C.

SUBTENENTES E SARGENTOS
VOLEIBOL —
Campeão C.B.
Vice-campeão B.P.

BOLA AO CESTO
Campeão C.B.
Vice-campeão B.P.

CABOS E SOLDADOS
FUTEBOL
Campeã 1.a Cia. Ind. (Mogi)
Vice-campeão C.B.



PREFIRA O NOVO PACOTE DE 400 GRAMAS

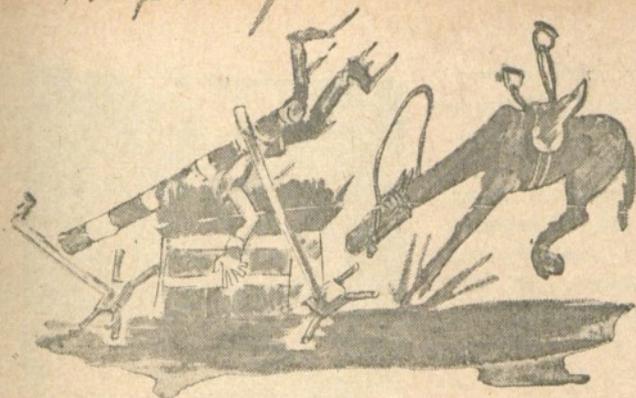
AMIDO DE MILHO

MAIZENA
DURYEA

MARCAS REGISTRADAS

É MAIS PRÁTICO, HIGIÊNICO E MAIS BARATO!

HIPISMO



Capitão

Plínio

Desbrouses

Monteiro.

Temporada Campineira de 1955

Como vem ocorrendo há vários anos, a «Princesa d'Oeste» foi palco de disputadíssimas provas hípiacas, dentro do Calendário Oficial da Federação Paulista de Hipismo. Em Campinas, os cavaleiros do nosso Regimento de Cavalaria conquistaram, na primeira quinzena do mês de julho, os resultados abaixo, numa expressiva demonstração do valor da F.P.S.P. no setor eqüestre de saltos de obstáculos.

Dia 2-VII — «Prova Liga Campineira de Xadres» — Sagrou-se vencedor o cap. Anselmo Peres, conduzindo brilhantemente o seu cavalo «Siroco»; e, ainda no mesmo dia, o major Fernando Henrique da Silva colheu o 2.º lugar, e o 1.º ten. Silvio Marcondes Rezende o 3.º da «Prova Estanislau Ferreira de Camargo», nas seguras pilotagens de «Dourado» e «Cruz del Sur», respectivamente.

No dia seguinte (3-VII) de novo o cap. Anselmo Peres se colocou com «Siroco» no 2.º posto da «Prova Dr. Laerte de Moraes», tendo a vice-liderança da «Prova Dr. Antônio Mendonça de Barros» ficado com tomou parte com «Shangai». Nesta mesma disputa, também, coube às

côres do R.C. o 4.º posto, obtido por «Galan» levado ao final pelo major Fernando H. Silva.

Dia 9-VII, «aconteceu» a «Prova Voluntários Campineiros», lembrando os filhos de Campinas que tomaram em holocausto à luta pela volta do País ao regime da Lei), o ten. Raul Humaitá Vila Nova, que conquistando os louros da vitória, com suas características elegância esportiva e «finesse», o ten. Silvio Marcondes Rezende. Para tanto, correu com «Cruz del Sur». A 2.a prova da tarde, como não poderia deixar de ser, foi a «Nove de Julho»,

1.º ten. Silvio Marcondes Rezende

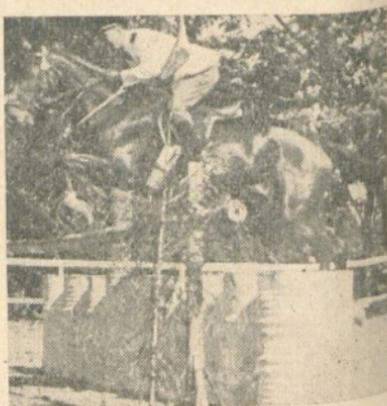


glorificando a grande data em que os filhos de S. Paulo se lançaram na grande pugna cívica de 1932, numa dignificação de seu lema — «Pro Brazillia fiant eximia». Duas classificações couberam à Cavalaria da Força: — 3.º e 4.º lugares, com «Shangai» dirigido pelo 1.º ten. Humaitá Vila Nova, e «Galan» sob a condução do 2.º ten. Roldão Nogueira de Lima.

Conduzindo magnificamente, «Grego», o major Fernando Henrique da Silva ficou em 2.º lugar no 1.º certame do dia 10 de julho — «Prova Huracan». A 2.ª disputa do dia foi a denominada «Prova Armorial», na qual o mesmo cavaleiro conseguiu o 4.º lugar, montando «Dourado». Como encerramento dessa série, o 1.º ten. Bráulio Guimarães montou «Siroco» e conquistou o 4.º posto da «Prova Guri III», também disputada naquele dia.

Provas do dia 24 de julho

Reiniciando as atividades oficiais, após a temporada campineira, a F. P. Hipismo fez realizar na Sociedade Hípica Paulista, um concurso constando das Provas «Miguel dos Santos Júnior» e «Amadeu da Silveira Saraiva», sendo a 1.ª reservada aos «novíssimos». Vinte cavaleiros conseguiram fazer o percurso de 10 obstáculos a 1,10m., com zero pontos perdidos por faltas, o que valeu grande movimento nessa 1.ª disputa da tarde. O desempate, executado em altura, teve o seguinte resultado final: — Vitória da S.H.P., por intermédio de Manuel Almeida Esteves, que montou para êsse feito «Luís Chico», fazendo pista limpa em 17". Na vice-liderança ficou o asp. da F.P.E.S.P., Biratan Go-



Cap. Anselmo Peres

dó, conduzindo «Siroco»; no 3.º lugar Claude Carrut, sobre «Coca-Cola», S.H.P.; e, em 4.º posto (empatados), Fábio Teixeira de Carvalho (S.H.P.) montando «Americano», ten. Orlando Menezes com «S. Lourenço», e asp. Aparecido Teixeira na direção de «Guarú».

A prova «Amadeu Silveira Saraiva», com obstáculos a 1,30m. de percurso à americana, teve como vencedor o C.H.Sto. Amaro, por intermédio de Manuel Leme da Fonseca, conduzindo «Huracan». O 2.º colocado foi ainda do mesmo Clube, Rodolfo Raul de Lara Campos, na condução de «Ijuim»; os 3.º e 4.º lugares foram obtidos pelos cavaleiros da S.H.P. Lúcio Kowrick, com «Arpoador», e Osvaldo Vidigal, com «Mágico».

HOMENAGEM A FORÇA

A F.P.H., num preito à Força Pública de S. Paulo, deu o nome de oficiais de cavalaria a várias disputas organizadas para o mês de agosto, bem como teve em mira incen-

tivar os cavaleiros novos, destinando algumas provas à classe «novíssimos», compreendendo os cavaleiros que não obtiveram classificações premiadas de 1951 para cá.

Assim, é que no dia 6 de agosto correu-se a «Prova cap. Felix de Barros Morgado», de classe «A», como justa homenagem ao cavaleiro que, com conhecimento e experiência, vem há mais de uma década representando a F.P. em inumeráveis concursos hípicas, quer dentro da Terra Bandeirante, quer no Distrito Federal e em outros Estados. Nesta competição, o 2.º lugar coube ao major Fernando H. Silva, sobre «Fio de Ouro», e o 4.º lugar ficou com «Cuiabá», dirigido pelo ten. do Q.G., Augusto dos Santos Cordeiro.

A prova, composta de 5 tripliques, denominou-se «Major Fernando Henrique da Silva», laureando um batalhador emérito que, há longos anos, prestigia o nobre esporte da equitação, e cujas honrosas classificações se contam às dezenas. Para confirmação de seu valor esportivo obteve, nesta renhíidissima prova, o 4.º lugar, montando «Siroco».

No dia 7-VIII, uma competição de classe «B» teve o nome de um dos mais brilhantes oficiais de nosso Regimento de Cavalaria, que sempre lutou, intransigentemente, pelo bom nome da Corporação. Foi a «Prova Major Paulo da Cruz Maria-no», em que mais uma vez o major

Fernando Henrique levou «Siroco» à 3.a classificação.

Dia 21, realizou-se a prova para «novíssimos», denominada «tenente Silvio Marcondes Rezende». Recebeu o nome deste brilhante «ecuyer» como reconhecimento ao ardor esportivo e aptidões técnicas sempre por ele revelados, numa verdadeira e vasta contribuição ao desenvolvimento do hipismo bandeirante, do qual sempre soube ser um alto expoente. O resultado final foi:—

2.º lugar, Nilson Avelar Pelota, cap. do R.C., na condução de «Siroco»;

3.º lugar — 2.º ten. Bonifácio Gonçalves, montando «Artilheiro»;

4.º lugar — asp Sinésio A. Lima, conduzindo «Cuiabá»;

A «Prova cap. Roberto Mondino», também para «novíssimos», realizou-se no C.H. Sto. Amaro, no dia 4-IX. Visou êsse certame, além de suas finalidades esportivas, destacar o cap. Roberto Mondino, conceituado conhecedor da equitação que, se dedicando com entusiasmo e valor, principalmente ao adestramento, não deixa de cooperar, com conhecimento, nas demais modalidades hípicas. Chegou-se ao final assim:

3.º posto — 2.º ten. Eugênio Lau de Carvalho, conduzindo «Bolero»; e

4.º lugar — ten. Bonifácio Gonçalves, sobre «Artilheiro».

— :: —

Quando recebo uma injúria, preciso erguer a minha alma tão alto que a ofensa não chegue até mim.

Descartes



REGULAMENTO

O segundo torneio de 1955 abrange o segundo semestre do ano e constará de, aproximadamente, 75 pontos, correspondentes a cada trabalho publicado.

Os trabalhos deverão ser organizados rigorosamente de acordo com as definições encontradas nos seguintes dicionários: PEQUENO DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA, de H. Lima e G. Barroso e INDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO, de Ed. Lirial Jr.. São, também, adotados, os livros de provérbios de Lamenza e dr.

Layrud e o Dicionário Antroponímico de Lidaci.

Aceitamos as seguintes espécies charadísticas: Charadas sintéticas, haplológicas, encadeadas, intercaladas, sincopadas, em termo e metamorfoseadas. Enigmas, das, apocopadas, aferéticas, em quadros, desenhados (figurados e pitorescos) e logogrifos. Serão também publicadas palavras cruzadas.

O prazo para remessa das soluções que poderão vir numa lista só, terminará em 30 de junho próximo vindouro.

1955 — 2.º TORNEIO

SINTÉTICAS

- 1 — Faço o que pede o Anchieta
Um trabalho p'ra seção,
De improviso, uma "chupeta"
Um perfeito canastrão. 2-1
Raul Petrocelli (T.B.) S. Paulo
- 2 — Como réplica ao que você pondera
só tenho a dizer: o crime não compensa. 2-2.
Anchieta (R.P.) S. Paulo
- 3 — Fiz desaparecer o "adorno" na sarta. 2-2.
Anhangá (R.P.) S. Paulo
- 3 — Já tem grande quantidade de barba
o rapaz que faz momicê. 1-2.
Con Y Tra (S. Paulo)
- 5 — Quando entrei no quarto onde "êle"
mora, logo notei desordem. Por todos os
cantos havia grande acumulação de objetos. 1-1-1.
Olim (P.S.) Santos

- 6 — Ao menor pretexto o "valentão"
mostra que é sujeito mal educado. 1-2.
Paulista Velho (S. Paulo)
- 7 — Ora... Que se acabe na prisão subterrânea. 1-2.
Plínio D. Monteiro (S. Paulo)
- 8 — Na rica vivenda a moça disse: que pena. Você é aquele que casou com outra... 2-1
Paulo (S. Paulo)
- 9 — O chefe da Igreja Católica só toma a refeição da noite depois que aparece a estrela vésper. 2-2. . .
Pompeu Júnior (R(P) Botucata
- 10 — Se o ponto principal é descurado, o artigo fica deslocado. 1-3
Serrot (S. Paulo)
- 11 — No velhaco a tristeza deixa-o silencioso. 2-1.
Silas (S. Paulo)

12 — Não faça coisas ruins.. não se acabe em lugar sombrio e triste... 1-2.

Técio (S. Paulo)

SINCOPADAS

13 — Se não achar esta radical monovalente curto seu ponto. 3-2.

Chilon (T.I.) S. Paulo

14 — Quem faz trapaça no jôgo transtorna o adversário. 3-2.

Zequinha Barbosa (T.I.) S. Paulo

AFERÉTICA

15 — Porção de gado
Manso e pequeno
Já há vários dias
Deste povoado,
Pasta sereno
Nas cercanias. 4-3.

R. Kurban (R.P.) S. Paulo

APOCOPADAS

16 — Até para se comprar uma fatia de pão, hoje em dia, é preciso um bom salário. 3-2.

Gil Virio (Andradina) S. Paulo

17 — Armaram-lhe uma cilada, ferindo-o com bala de arcabuz. 4-3.

Razuza (S. Paulo)

METAMORFOSEADAS

18 — Naquela "cidade", aonde
Se cultiva a tradição,
Encontrei o velho "conde"
Em sua nobre mansão.
E' por todos respeitado
O provector castelão. 4 (4).

Paco (T.B.) S. Paulo

19 — E' sujeito endinheirado mas pessoa excelente. 6 (6).

C. Bento (S. Paulo)

20 — O menino mortifica o pobre doente. 7(7).

Lia Quartim Nessi (S. Paulo)

21 — Não é tolo, E' individuo sem fôrças. 8(8).

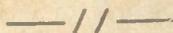
Mr. Trinquesse (R.P.) S. Paulo

22 — Com uma laseca de madeira fizeram uma espécie de porta no bordo da embarcação. 5(4).

Pachá (T.I.) S. Paulo

23 — Para mulher assanhada homem presumido. 9(9).

X.P.T.O. (S. Paulo)

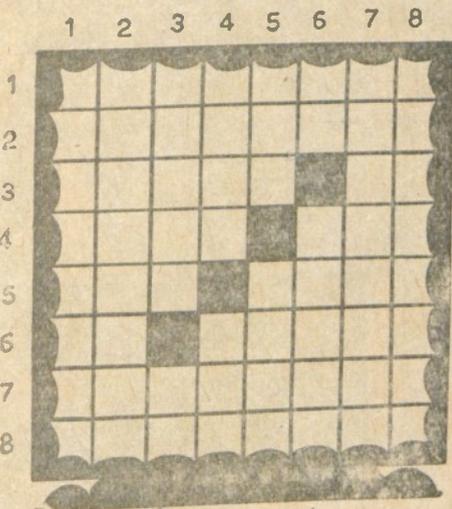


PALAVRAS CRUZADAS

24

Horizontais: 1 — —Estrondo; 2 — Aquêle que estimula; 3 — Revolve — Respostas; 4 — Grito festivo para evocar Baco — Nome de uma aranha amazônica; 5 — Gracejas — Eduque; 6 — Seguiu — Designação tupi do milho; 7 — Simbolisar; 8 — Funileiro.

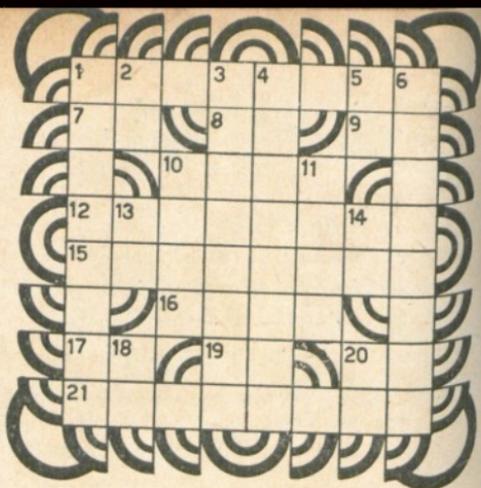
Verticais: 1 — Grosseiro; 2 — Nublada; 3 Púrpuras; 4 — Cipó da família das aráceas — Senhor; 5 — Rio de Marrocos — Avalie o volume de um sólido; 6 — Prefixo de aproximação — Nome que no Amazonas dão ao Canidé; 7 — Cabecear; 8 — O que guia pelas estradas as bestas de carga.



Razuza.

Horizontais: 1 — Soldado; 7 — Andar; 8 — Instrumento de padejar; 9 — Forma antiga de o; 10 — Antes da ocasião própria; 12 — Suprimiram; 15 — Anteciosa; 16 — (Bras, Bahia) Milho torrado que se reduz a pó, temperado com azeite de cheiro, podendo-se adicionarlhe mel de abelha (pl.); 18 — Récita; 19 — (ant.) Outra coisa; 20 — Símbolo químico: cério; 21 — Cheias de água.

Verticais: 1 — Fortaleza defensiva de uma cidade; 2 — Vento; 3 — Alcunhar; 4 — Radicícola; 5 — Conceda; 6 — Galão de fio metálico ou de seda, lã, etc., que garante e abotoa a frente de um vestuário; 10 — Grude; 11 — Pedes; 13 — Nome da letra B; 14 — Abreviatura: ano dominical; 18 — Abreviatura: Estação Maior; 20 — Aqui.



Sua Quartim Bessi CEP. S. Paulo

CORRESPONDÊNCIA

Plínio D. Monteiro (Capital) — Seu problema de palavras cruzadas, como sempre, muito interessante. Acontece, porém, que foi em sua confecção, dicionário não adotado. Pode consultar-lo?

Proftazinho (Capital) — Uma de suas cruzadas será publicada no próximo número. Satisfeito em ver que o «paisano» de Pinhal é agora bravo miliciano.

ANCHIETA



NOSSA CAPA

Monumento à Revolução Constitucionalista, existente na cidade de Piracicaba. A inscrição imortaliza, na pedra, os nomes dos seguintes heróis piracicabanos que tombaram, em 1932, por S. Paulo e pelo Brasil: Ennes Silveira Mello, Natál Meira Barros, Homero Sampaio Roxo, Claudionor Barbieri, Alexandre Petta, Romário Neri, Francisco Souza e Sílvio Cervelini.